



CURSO DE HISTÓRIA

**CULTURA AÇORIANA EM TAQUARI E PAVERAMA: COSTUMES E
RELIGIOSIDADE PRESERVADOS AO LONGO DO TEMPO**

Cleidirose da Silva

Lajeado, dezembro de 2009

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS
CURSO DE HISTÓRIA

**CULTURA AÇORIANA EM TAQUARI E PAVERAMA: COSTUMES E
RELIGIOSIDADE PRESERVADOS AO LONGO DO TEMPO**

Cleidirose da Silva

Monografia apresentada no curso de graduação
em História, como exigência parcial para a
obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Silva
Laroque.

Lajeado, dezembro de 2009



“O saber só se justifica e se legitima ao ser compartilhado. É dividindo-se com os outros que ele se multiplica e pode, assim, atingir a sua finalidade última, que é transformar e impulsionar a vida dos homens em sua trajetória terrestre” (Loiva Otero Félix).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus que é a inspiração de tudo, porque me deu a vida, me deu forças e luz sempre que precisei para agüentar os desafios que a mim foram impostos no decorrer dessa caminhada, e que possibilitou que eu não desistisse diante de uma árdua batalha, que foi sofrida, mas que também teve momentos alegres, que por fim culminaram na realização deste trabalho.

À minha adorável mãe, que desde muito tempo fez dois papéis importantes em minha vida, mãe-pai se assim posso chamá-la. Obrigado mãe por ser essa mulher de caráter, batalhadora, que não desanima facilmente, e que me apoiou sempre nos momentos que mais precisei. Ao meu pai (in memoriam), que de onde está sempre me guiou e ajudou seja financeiramente, me deixando algo material que investi nos meus estudos, ou seja transmitindo luz.

A minha irmã pelo carinho e compreensão, e por me aturar mesmo com os meus resmungos e lamúrias, sem ter muito tempo para ela. A todos os meus parentes, e amigos de fora e aos que fiz na faculdade, e principalmente aos colegas de trabalho, pelo apoio e boa vontade com que me ajudaram à cuidar dos meus alunos, quando precisei realizar atividades relacionadas a minha formação.

Um agradecimento especial à uma amiga, ex-colega que ao ler estas singelas frases saberá o quanto foi importante em minha trajetória acadêmica, principalmente nesta etapa final, quando não estava presente fisicamente, me dava apoio de longe e dizia: “não desiste, vai em frente que você consegue”. Obrigada amiga, serei eternamente agradecida.

Ao meu orientador, Professor Doutor Luís Fernando da Silva Laroque, pela boa vontade com que se disponibilizou à me orientar, e principalmente pela paciência em ler os meus escritos, sempre tão extensos, por resolver as minhas dúvidas, por aconselhar, por se

dedicar, por me entender, por dar dicas, emprestar material e por acreditar em mim e na minha capacidade.

A todos os meus professores do curso de História e da Instituição, pelo conhecimento transmitido e compartilhado, os quais auxiliaram na minha formação pessoal e profissional.

Aos depoentes, que de uma forma simpática e descontraída dedicaram minutos de seu tempo contando as suas vivências em relação à cultura açoriana, colonização, religiosidade, gastronomia e aspectos arquitetônicos, sendo que todas as informações passadas foram importantes e bem aproveitadas, fazendo com minha pesquisa se tornasse mais rica. À todos o meu muito obrigada!

Enfim, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A cultura representa o modo de viver de cada povo, e pode ser representada através das crenças religiosas, hábitos e costumes, que são expressões culturais de cada grupo étnico. Este estudo tem como propósito analisar os elementos da cultura açoriana através da religiosidade, da alimentação e arquitetura. Para esse estudo nos baseamos em autores como Geertz (1989), Santos (1994), Barth (1998), Burke (2003) e Silva (2008), para análise das fontes documentais e bibliográficas estudadas, recorreremos também a metodologia da História Oral através da realização de entrevistas. Este trabalho tem como objetivo enfatizar, a partir de fontes documentais e bibliográficas e da História Oral, a continuidade de elementos da cultura açoriana, destacando a religiosidade, a alimentação típica açoriana e a arquitetura luso-açoriana. Este estudo está composto de três capítulos: o primeiro trata da colonização açoriana no Rio Grande do Sul; o segundo, analisa a cultura açoriana a partir de aspectos gastronômicos e arquitetônicos; e concluindo, o terceiro capítulo aborda os aspectos religiosos, destacando-se as irmandades religiosas, a procissão de Corpus Christi e a festa em homenagem aos santos padroeiros das capelas e igrejas.

Palavras chaves: Cultura - Açorianos - Religiosidade - Alimentação – Arquitetura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A COLONIZAÇÃO AÇORIANA NO RIO GRANDE DO SUL	18
2 A CULTURA AÇORIANA RETRATADA ATRAVÉS DE COSTUMES GASTRONÔMICOS E ARQUITETÔNICOS	40
2.1 Alimentação e arquitetura na bagagem cultural dos açorianos	42
2.2 A alimentação vista como elemento cultural	45
2.3 A arquitetura – uma forma de demonstrar a cultura açoriana	53
3 A PRESERVAÇÃO DA CULTURA AÇORIANA ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE.....	66
3.1 A religiosidade açoriana retratada através das Irmandades religiosas.....	68
3.2 Outros eventos religiosos que preservam a cultura açoriana.....	85
CONCLUSÃO	97
FONTES	102
Documentais	102
Bibliográficas	105
ANEXOS	111

INTRODUÇÃO

A partir da expansão marítimo-comercial, na Europa, as ilhas dos Açores foram, consideradas um entreposto quase obrigatório para os grandes navios que por ali passavam, mesmo estando situadas em pleno Oceano Atlântico, ficavam porém bem distantes dos continentes e só foram inseridas ao cotidiano mundial ao longo dos séculos XV e XVI . Foi através das grandes rotas, principalmente a das Índias Ocidentais, que as ilhas, conseguiram despertar economicamente. O comércio de grãos possibilitou trocas com o movimento que ocorria no Oceano Atlântico, integrando o conjunto de nove ilhas açorianas, ligando-se, assim umas às outras e ao Mundo.

O trigo cultivado nos Açores, além de ser um dos componentes fundamentais na alimentação dos ilhéus, também era negociado nas praças de Lisboa, Marrocos e Brasil, sendo importante no equilíbrio econômico das ilhas.

No final do século XVII e início do século XVIII, o processo migratório movimentou as ilhas açorianas, Maria Jaqueline de Moraes (2007), nos faz uma introdução quanto ao motivo provável da vinda dos açorianos para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul:

O presídio Jesus-Maria-José fora instalado no Rio Grande do Sul (atual cidade de Rio Grande), pelo Brigadeiro José da Silva Paes, em fevereiro de 1737, para servir de ponto militar defensivo da Colônia de Sacramento, que, por diversas vezes, havia sido sitiada pelas forças espanholas (Moraes, 2007, p. 123).

Os açorianos sonhavam com uma vida melhor, movidos pela crença de que, no Brasil, encontrariam a prosperidade. Com a queda da produção do trigo, a situação dos pobres se tornava calamitosa e a vinda para o Brasil era vista com esperança de que tudo fosse melhorar.

Os primeiros açorianos desembarcaram entre os meses de janeiro e fevereiro de 1748, primeiramente em Santa Catarina. Dali partiram em embarcações menores, para Rio Grande. A política de distribuição de terras no Brasil foi confusa e demorada e muitos casais foram abandonados em áreas não colonizadas, onde futuramente se instalariam as cidades de: Porto Alegre, Mostardas, Estreito, Osório, Santo Amaro, Taquari, Rio Pardo e Gravataí, sem receberem a ajuda prometida. Os anos iniciais da presença açoriana no Rio Grande de São Pedro foram marcados por intensas dificuldades.

Já em relação ao povoamento das terras que hoje constituem parte do Vale do Taquari, Cristiano Luís Christillino informa o seguinte:

A formação de pequenas povoações garantiriam, entre várias outras coisas, o adensamento populacional de um *vazio demográfico*, no que as primeiras doações de sesmarias próximas ao Rio Jacuí não resolveram o problema. Neste sentido foram fundados os povoados de São José de Taquari e de Santo Amaro. Estas receberam casais açorianos na década de 1760, havendo 60 deles no vale em 1770. Estes também eram oriundos das primeiras colônias açorianas das margens da Lagoa dos Patos, os quais migraram para regiões mais propícias ao desenvolvimento da agricultura, no que a fertilidade das terras daquelas povoações atraíram os mesmos. Estes receberam uma data de terras de 272 hectares. Tal foi a preocupação com o povoamento desta região, que em 1774 houveram novos pedidos de casais para a mesma. Os registros de batismo, mostram um rápido aumento populacional, em função do grande número de filhos dos imigrantes açorianos (Christillino, 2004, p. 24 grifo do autor).

Os primeiros colonizadores açorianos instalaram-se provisoriamente em Taquari em 1760. A fundação da cidade deu-se em 1764 com a instalação de 14 casais de número. Já em 1770, encontravam-se no local mais 60 famílias açorianas. Os açorianos aí instalados dedicaram-se ao cultivo do trigo como uma alternativa para obter o seu sustento.

A colonização da região que hoje pertence ao município de Paverama se deu no final do século XVIII, com a chegada de açorianos [...] originários de Taquari, que aos poucos foram tomando posse de fazendas localizadas no lado sul do município” (Jung, 2001, p.16).

A vinda dos açorianos para o Rio Grande de São Pedro trouxe o reforço étnico dos elementos culturais lusitanos e algumas cidades da região ainda guardam forte influência açoriana e portuguesa, como no caso de Taquari e Paverama. Dos elementos culturais destaca-se a religiosidade açoriana, que era uma verdadeira forma de integração social, no Rio Grande de São Pedro e também em Taquari e Paverama.

De acordo com Mauro Dillman Tavares (2008, p.119), uma prática religiosa adotada e readaptada pelos açorianos no Rio Grande do Sul foram as Irmandades. Estas tinham objetivos gerais de organização da vida religiosa e social sempre orientando para a solidariedade, apresentavam regras de funcionamento.

A religiosidade açoriana e também a culinária (alimentos típicos açorianos) foram costumes trazidos pelos colonizadores açorianos para Taquari e para o Rio Grande de São Pedro, e permanecem preservados por seus descendentes e demais pessoas que compõem as comunidades com forte influência açoriana até os dias atuais. Estes costumes retratam a cultura açoriana.

Outro aspecto cultural bastante significativo sobre os açorianos se refere à arquitetura. Segundo Nilda Rita dos Santos (2007, p.66), o estilo arquitetônico empregado em Taquari foi principalmente o colonial barroco, muito comum nas ilhas dos Açores.

Nas cidades de Taquari e Paverama, os moradores praticam com entusiasmo e devoção, principalmente a religiosidade. Praticam a reza do terço, as procissões de Corpus Christi, conservando altares internos em suas casas com imagens de devoção, passando a capelinha com o santo de sua devoção de casa em casa, realizando e participando das festas em homenagem aos padroeiros das capelas, e enfim usando a alimentação típica de antepassados açorianos.

O objetivo geral deste estudo visa analisar, a partir de fontes bibliográficas e documental, a continuidade de elementos da cultura açoriana através de seus costumes e religiosidade. Dentre os objetivos específicos, pretendemos: a) Entender que mesmo passando por tantas dificuldades e necessidades, os imigrantes açorianos no Rio Grande do Sul deram continuidade a elementos de sua cultura, dentre os quais é possível apontar a alimentação,

arquitetura e religiosidade; b) Perceber que por muitos anos os seus costumes e religiosidade, mais precisamente as Irmandades foram uma forma de demonstração de fé, de comunicação e entretenimento entre as famílias; c) Demonstrar que através de alguns costumes, como alimentação, arquitetura e religiosidade, é possibilitado aos jovens darem continuidade a cultura de seus antepassados;

O estudo proposto tem como recorte temporal a primeira metade do século XIX e início do século XXI, mais especificamente os anos de 1860 a 2009. Pois foi a partir da segunda metade do século XIX que os imigrantes açorianos, chegados ao Rio Grande do Sul e mais especificamente, ao centro da cidade de Taquari, expandiram-se para as demais áreas do município, chegando ao território que na atualidade constitui o município de Paverama, na época da colonização pertencente à Taquari. Já a data de 2009, explica-se pelo fato dos municípios de Taquari e Paverama manterem até os dias atuais costumes de origem açoriana, como a alimentação e a arquitetura cultivados e preservados, bem como a religiosidade, que é costume açoriano mais significativo preservado ao longo dos anos, sendo aqui destacada as Irmandades (grupos religiosos), presentes até os dias atuais no município de Taquari.

Visando analisar e entender a cultura açoriana, levanto como problemática as seguintes questões: É possível afirmarmos que os costumes açorianos (alimentação e arquitetura) e a religiosidade açoriana (Irmandades) indicam uma possível continuidade da cultura açoriana? Como se explica a religiosidade açoriana? A alimentação e a arquitetura típicas açoriana, muitas das quais obtidas do mar, permanecem preservadas nos dias atuais? Os costumes religiosos, principalmente as Irmandades ainda são praticados na atualidade? Pode-se dizer que a cultura açoriana foi readaptada ao contexto do Rio Grande do Sul e não repetida da maneira como ocorria nas Ilhas dos Açores?

Relativo às problematizações apresentadas para a pesquisa às hipóteses levantadas são: a primeira delas é que os costumes e a religiosidade procuram resgatar a cultura açoriana, através da farta gastronomia, das casas e igrejas com arquitetura herdada dos açorianos e através da religiosidade, manifestada principalmente através das Irmandades. Já a forte religiosidade se explica a partir das adversidades climáticas sofridas pelos açorianos ainda em sua terra natal, os Açores, quando ocorriam terremotos, erupções vulcânicas, maremotos, não tendo como fugir se apegavam à oração e à Deus, como forma de se salvarem.

Quanto à segunda hipótese, é possível afirmar que: no Rio Grande do Sul (Taquari) não existia o mar, por isso o peixe passou a ser retirado do rio. Os açorianos continuaram criando porcos e galinhas, e em alguns casos também os bois. A doçaria é marca registrada da culinária, permanecendo os doces derivados do leite, o arroz de leite, a ambrosia, bem como as frutas em calda. Sabe-se que são marcas constantes na alimentação das pessoas na atualidade em Taquari e Paverama. A arquitetura está presente somente na Igreja São José (Taquari) que é contemporânea dos açorianos, as casas construídas especificamente por açorianos não existem mais, porém o estilo colonial barroco permanece em algumas residências da cidade de Taquari na atualidade.

Em relação à terceira hipótese: permanece na cidade de Taquari somente a Irmandade de São José, que realiza anualmente no mês de março, uma procissão, seguida de comemoração à São José, padroeiro da cidade. A Irmandade de São José é um grupo religioso formado somente por homens, que reverencia o culto a esse santo. Outros costumes religiosos são praticados nas comunidades de Taquari e Paverama, como reza do terço, os grupos de oração, a visita da capelinha às residências, a procissão de Corpus Christi e a festa das capelas em homenagem aos santos padroeiros, possibilitando aos descendentes reviver aspectos da cultura de seus antepassados.

Já referente à quarta e última hipótese: os elementos da cultura, oriundos da imigração/colonização açoriana não foram simplesmente repetidos, mas sim atualizados, incorporando elementos da cultura rio-grandense. A cultura originária das Ilhas dos Açores, desenvolveu-se no Rio Grande do Sul adaptada às novas condições por aqui encontradas.

A bibliografia existente sobre a cultura açoriana e mais especificamente sobre os costumes manifestados na arquitetura, alimentação e religiosidade tais como Irmandades, grupos de oração, reza do terço e visita da capelinha é extremamente escassa. Devido a isso, esta pesquisa justifica-se pelo fato de não haver nenhum trabalho escrito que contemple somente os referidos costumes e principalmente que seja baseado em depoimentos orais.

Como base teórica para a análise e discussão dos dados relativos à temática em estudo, foi a mim possibilitada a pesquisa de autores que estão relacionados direta ou indiretamente com o tema, e a partir deles é possível refletir sobre o assunto.

Inicialmente destacamos a obra de Clifford Geertz “A interpretação das Culturas” (1989), a qual faz uma análise do conceito do que é cultura e qual a ciência que a estuda. O autor enfatiza que a cultura não é homogênea e que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado.

Outro trabalho é de José Luiz dos Santos, intitulado “O que é cultura” (1994), demonstrando que é através da cultura que passamos a entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos, as suas relações presentes e suas perspectivas de futuro e que o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos entre culturas diferentes. José Luiz dos Santos aborda sabiamente que não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outra.

Peter Burke, no trabalho intitulado “Hibridismo cultural” (2003), afirma que a cultura é híbrida, ou seja, que todas elas estão envolvidas entre si, sendo que nenhuma cultura é única e pura, onde os encontros culturais produzem formas novas. Reforça que a cultura não é uma ilha, pois todas as tradições culturais estão em contato mais ou menos direto com outras culturas.

Outro trabalho que nos remete ao estudo da cultura e de seus desdobramentos, principalmente na área da educação é a obra “Cultura popular e educação” (2008), organizada por René Marc da Costa Silva, o qual escreve também o texto intitulado: “Cultura popular e a educação”. O trabalho fala da cultura como cultivo dos elementos, significados e valores comuns ao povo, que a cultura não envolve apenas as coisas materiais do mundo, mas também os demais elementos fabricado dentro da sociedade (objetos materiais). O autor trabalha em uma obra com idéia de que as culturas populares, a artes populares, o aprendizado e a educação devem ser pensados em conjunto.

Já Mauro Dillman Tavares, cujo livro intitulado, “Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Império do Brasil” (2008), relata especificamente sobre as Irmandades, grupos religiosos, responsáveis pelo culto e devoção à diferentes santos, descrevendo três Irmandades que se

formaram em Porto Alegre, a de São Miguel e Almas, de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Rosário, que congregavam irmãos brancos, pardos e negros. O autor descreve as origens das Irmandades, referindo-as como originárias da Idade Média, apresentando um espírito luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar, sendo trazidas para o Brasil no processo de colonização que iniciou-se no século XVI e estendeu-se ao século XIX.

Para a elaboração desta pesquisa recorreremos a fontes documentais e bibliográficas. Relacionado às fontes documentais destacamos as entrevistas realizadas entre maio de 2009 e outubro de 2009 nos municípios de Taquari e Paverama, o Livro de Atas da Irmandade São José de Taquari, fotografias e reportagens dos jornais de Taquari e Paverama. Tudo isso levando em consideração o período estudado.

Dentre as fontes bibliográficas apontamos inicialmente o estudo “Os casais açorianos” ([1932], 1999), no qual o autor João Borges Fortes inicialmente descreve os casais açorianos, explicando o porquê dessa denominação, que se deu inicialmente devido à Portugal, que assim denominou os moradores da Ilha dos Açores. Na sequência de sua obra, Fortes fala sobre os Açores, escrevendo detalhes sobre o conjunto de ilhas que o compõe. Outros fatores são mencionados pelo autor em seu livro, tais como: o êxodo dos açorianos, sobre a ocupação inicial dos açorianos em Santa Catarina e depois faz referência a vinda deles para o Rio Grande. A demarcação dos limites, a ocupação das margens do rio Jacuí, as andanças iniciais dos açorianos sem terras e sem destino pelo Rio Grande são dados abordados por Fortes em sua obra. A primeira cidade açoriana: Taquari também recebeu menção do autor, assim como outros municípios referidos, como: Porto Alegre, Mostardas e Estreito.

Outro trabalho importante é o texto “A Igreja Católica no Rio Grande do Sul até 1912: sua evolução geral”, texto escrito por João Maria Balém, que se encontra na “Enciclopédia Rio-grandense” (1956), organizado por Klaus Becker e escrito por vários autores. Neste texto, João Maria Balém fala sobre a criação de diversas freguesias (hoje Paróquias) após a chegada de inúmeros casais açorianos no Rio Grande do Sul, são criadas várias freguesias pelo Bispo Dom Antônio do Destêrro, destacando aqui a freguesia de São José de Taquari em 1765. Escreve também sobre as diferentes associações religiosas, denominadas de Irmandades, criadas no momento da colonização açoriana, que promoviam as festas religiosas, que eram festas tradicionais trazidas das Ilhas dos Açores.

Outro trabalho é o de Henrique Oscar Wiederspahn “A colonização açoriana no Rio Grande do Sul” (1979). Esse trabalho descreve sobre os antecedentes e o planejamento da viagem dos açorianos para Rio Grande do Sul, destacando as pessoas que estiveram envolvidas nas negociações para a vinda dos imigrantes, o número e a localização dos casais açorianos. Informa o local inicial que os açorianos deveriam ocupar, as Missões Orientais, fazendo menção as Guerras Guaraníticas e suas conseqüências para os açorianos recém-chegados. O autor destaca ainda a respeito dos anos iniciais da presença açoriana no Rio Grande do Sul, enfatizando os principais tratados e pessoas que estiveram envolvidas na vinda, na chegada e na fixação dos açorianos no território Rio-grandense.

Augusto Becker, em seu livro intitulado “Taquari, terra da gente” (2001), aborda a colonização açoriana em Taquari, no fim do século XVIII, mais precisamente em 1764, fazendo um histórico inicial da cidade. Já no primeiro capítulo Becker escreve “O orgulho de ter história”, aborda a povoação inicial de Taquari, toda ela açoriana, também neste capítulo escreve sobre a Igreja São José, que é contemporânea dos açorianos, tendo sido inclusive construída por eles. O autor segue seus relatos sobre a cidade de Taquari, no passado, relacionando acontecimentos importantes que ali aconteceram, bem como personagens significativos dentro do contexto taquariense, chegando até os fatos atuais, onde escreve sobre a festa de São José, que é realizada anualmente, de 10 a 19 de março na cidade de Taquari, fazendo menção à Irmandade de São José, que foi uma prática religiosa, um costume trazido pelos primeiros açorianos que colonizaram Taquari e que se mantém até os dias atuais.

Outro trabalho que faz referência, à imigração açoriana, é o primeiro capítulo da dissertação de mestrado de Cristiano Luís Christillino “O Estranhos em seu próprio chão: O processo de apropriação e expropriação de terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari no período de 1840-1889) (2004). Neste capítulo um é descrito o Vale do Taquari no contexto da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, sobretudo a cidade de Taquari, com a presença açoriana e toda a questão dos assentamentos e demarcação de terras para esses colonizadores. Já o segundo capítulo aborda

Cleusa Maria Gomes Graebin, na tese de doutorado intitulada “Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os açorianos no Rio Grande de São Pedro” (2004), enfatiza a trama da vida social dos açorianos no Rio Grande do Sul, no século XVIII. A autora pretende

mostrar as estratégias de sobrevivência por eles adotada para enfrentar as carências econômicas, as limitações do meio natural, a reorganização de seu universo particular, em termos de constituição de famílias, de relações sociais, de hábitos e crenças, encaixando-se aqui a forte religiosidade do povo açoriano. A autora aborda sobre alguns costumes trazidos pelos açorianos de suas ilhas, sendo que um costume religioso que esteve bastante presente na sua vivência diária foram as Irmandades, grupos religiosos, que eram divididos em várias, sendo que todos referiam-se ao culto religioso. Cleusa Graebin, nos dá explicações sobre as Festas do Divino Espírito Santo, que também eram realizadas nos Cores que continuaram sendo realizadas no Rio Grande do Sul. Segundo a autora, as Irmandades foram criadas a fim de conter os abusos cometidos por essa festa do Divino Espírito Santo.

Outro trabalho importante sobre a colonização açoriana é de Santa Inéze Domingues da Rocha (Org.) intitulado “Açorianos no Rio Grande do Sul – Brasil II” (2007). Neste trabalho ocorre uma junção entre textos de vários autores, que abordam a colonização açoriana em diferentes lugares do Rio Grande do Sul, bem como os costumes que os açorianos preservaram e cultivaram na chegada a este continente. Dentre os autores descritos nesta obra destaco: Nilda Rita dos Santos, que escreveu o texto “Taquari-Primeira cidade açoriana”, no qual a autora contextualiza o Rio Grande do Sul no século XVIII, fala sobre a ocupação do espaço sulino, descreve aspectos gerais dos Açores e chega ao ápice de seu texto que é escrever sobre Taquari - cidade açoriana, onde ela aborda dados referentes à religiosidade açoriana, sobre a Igreja São José, sobre a Festa do Divino que ocorria em Taquari e das Irmandades que havia também nesta cidade. Além disto a obra aborda a gastronomia açoriana e a arquitetura empregada nas casas dos colonizadores açorianos. Ainda nesta mesma obra, encontramos dados interessantes de Maria Jaqueline de Moraes sobre as causas da vinda dos açorianos para o sul do Brasil. A respeito da arquitetura e alimentação aparece textos de Danilo Assumpção Santos e Aura Maria Alves Teixeira Stephanou, e por fim Luisa Noronha descreve sobre a presença açoriana no Brasil e no Uruguai.

Na elaboração desta monografia foi utilizada a pesquisa de campo, ou seja, metodologia da História Oral. A História Oral nos dias atuais vem sendo utilizada cada vez mais, principalmente no meio acadêmico, através de pesquisas e projetos que envolvem a mesma.

A metodologia para análise de fontes bibliográficas e documentais consistiu em leituras, fichamentos e análise dos dados coletados sobre o tema. No que se refere à pesquisa em fontes orais a investigação utilizou fundamentalmente, um gravador para a realização de entrevistas, a transcrição desta e a análises de dados.

A estrutura está dividida em três capítulos. Sendo que o primeiro capítulo “A colonização açoriana no Rio Grande do Sul”, apresenta um histórico sobre a colonização açoriana no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, enfatizando que a expansão marítimo-comercial pelo Oceano Atlântico e a superpopulação das Ilhas dos Açores foram o principal impulso para que os açorianos migrassem para o Brasil. Ainda neste capítulo apontamos como foram os anos iniciais da presença açoriana no Rio Grande do Sul, bem como no Vale do Taquari, e ilustramos com alguns costumes açorianos que permearam os anos e estão atualmente presentes nas cidades de Taquari e Paverama.

O segundo “A cultura açoriana retratada através de costumes gastronômicos e arquitetônicos”, aborda as contribuições culturais trazidas pelos açorianos para o Brasil e Rio Grande do Sul, sendo que estes costumes permanecem presentes nas comunidades por nós pesquisadas. Destacamos elementos culturais relacionados à alimentação e a arquitetura luso-açoriana. A este respeito observamos que ambos os aspectos foram reatualizados, acrescentando elementos de outras culturas, mas permanecendo os traços culturais açorianos.

O terceiro capítulo “A preservação da cultura açoriana através da religiosidade”, a partir de análises com as fontes documentais, entrevistas, jornais, Livro de Atas, fotografias, demonstra que a cultura açoriana teve uma continuidade e a religião é a marca mais significativa desta continuidade. A religiosidade é retratada através das irmandades religiosas, da procissão de Corpus Christi, das procissões aos santos padroeiros das capelas e igrejas, a reza do terço, a visita da capelinha com imagem de devoção, a confecção de altares e oratórios internos nas residências, a romaria em honra a Nossa Senhora da Assunção, a encenação da paixão de Cristo e do Natal Açoriano em Terra Gaúcha, todos eventos realizados nos municípios de Taquari e Paverama.

1 A COLONIZAÇÃO AÇORIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Com o advento da Expansão marítimo-comercial, na Europa, as ilhas dos Açores foram, consideradas um entreposto quase obrigatório para os grandes navios que por ali passavam. Com um território com mais de 600 quilômetros, situadas em pleno Oceano Atlântico, ficavam porém bem distantes dos continentes e só foram inseridas ao cotidiano mundial ao longo dos séculos XV e XVI . Foi através das grandes rotas, principalmente a das Índias Ocidentais, que as ilhas, conseguiram se unir economicamente, pois devido a sua geografia não conseguiam estabelecer inter-relações (Noronha, 2007, p. 11).

O comércio de grãos possibilitou trocas com o movimento que ocorria no Oceano Atlântico, todas as ilhas integraram-se nesse movimento, ligando-se, assim umas às outras e ao Mundo. O trigo cultivado nos Açores, além de ser um dos componentes fundamentais na alimentação dos ilhéus, também era negociado nas praças de Lisboa, Marrocos e Brasil, sendo importante no equilíbrio econômico das ilhas. Foi assim que as ilhas açorianas até então isoladas, em meio ao resto do mundo se abriram para o comércio e a integração mundial. A sociedade açoriana só conseguiu se moldar através dos contatos e relações com o exterior (Graebin, 2004, p. 87).

A economia açoriana desde sempre uniu o auto-consumo ao mercantilismo¹, viviam nas ilhas (terra) com os olhos no mar, tentando imaginar o que haveria além-mar, mar este

¹ Mercantilismo é o nome dado a um conjunto de práticas econômicas desenvolvida pelos Estados Nacionais europeus e sua colônias na Idade Moderna, entre o século XV e os finais do século XVIII. O mercantilismo originou um conjunto de medidas econômicas diversas de acordo com os estados.

que servia para realizar as suas trocas comerciais, receber informações e também para ver pessoas partindo para outros lugares. O mar, isto é, o Oceano Atlântico também serviu de domínio para os portugueses e outros povos alcançarem riquezas em lugares desconhecidos, aventurando-se desta forma pelo Brasil.

O arquipélago dos Açores (veja ANEXO 1) foi comprovadamente descoberto pelos navegadores portugueses na primeira metade do século XV. Os povoadores iniciais das ilhas foram portugueses e flamengos. O nome Açores provém de uma ave de rapina denominada “açor”. O arquipélago é formado por um conjunto de três ilhas, bem separadas umas das outras. As ilhas são as seguintes: Santa Maria, São Miguel; Terceira, São Jorge, Graciosa, Pico, Faial; Flores e Corvo (verifique ANEXO 2) (Moraes, 2007, p. 122). Em relação ao fenômeno migratório, que no final do século XVII e início do século XVIII, movimentou as ilhas açorianas, Maria Jaqueline de Moraes, nos faz uma introdução sobre prováveis motivos da vinda dos açorianos para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul, destaca:

O presídio Jesus - Maria - José fora instalado no Rio Grande do Sul (atual cidade de Rio Grande), pelo Brigadeiro José da Silva Paes, em fevereiro de 1737, para servir de ponto militar defensivo da Colônia de Sacramento, que, por diversas vezes, havia sido sitiado pelas forças espanholas (Moraes, 2007, p. 123).

A vinda dos imigrantes açorianos para o Brasil e mais especificamente para o Rio Grande do Sul, ocorreu dentro das grandes transformações no espaço sulino, a fim de povoar espaços ainda vazios, em um primeiro momento, próximos ao Forte Jesus-Maria-José e como os açorianos já haviam solicitado ao rei D. João V² autorização para viajar para o Brasil, o soberano pediu que afixassem nas ilhas um edital abrindo inscrição para a imigração. O edital continha promessas tentadoras. O transporte dos açorianos foi contratado por um alemão Felix Von Oldemberg, que não se responsabilizava por nada que viesse a acontecer durante a viagem. O número de imigrantes solicitados pelo Brigadeiro Silva Paes³ era de 4000 pessoas (Moraes, 2007, p. 122-123). Ainda em relação ao presídio de Jesus-Maria-José, Maria Jaqueline de Moraes esclarece:

²Rei D. João V (nome completo: *João Francisco António José Bento Bernardo de Bragança*; 22 de Outubro de 1689 -31 de Julho de 1750), foi Rei de Portugal desde 1 de Janeiro de 1707 até à sua morte (Brasão, 1938).

³ Encarregado de encaminhar o pedido de imigração açoriana e de receber os colonos recém-chegados, em Taquari foi responsável por acomodar os casais açorianos e dividir a terra entre os mesmos.

A criação deste presídio evidenciou a importância das terras do Sul. Era difícil povoar estas pastagens. Foi então que a Coroa se lembrou dos Açores. Em 1747, açorianos solicitaram ao Rei que lhes permitisse imigrar para o Brasil, pois a superpopulação do Arquipélago, aliada a má distribuição de terras em poder dos “Morgados”, detentores dos grandes latifúndios, impedia os minifúndios. A escassez de colheita fazia com que a miséria batesse em todas as portas (Rocha, 2007, p. 124).

Os açorianos sonhavam com uma vida melhor, movidos pela crença de que, no Brasil, encontrariam a prosperidade e cada um deles formulava planos. Com a queda da produção do trigo, a situação dos pobres se tornava calamitosa, pois eles tinham que pagar pesados tributos sobre sua propriedade, o que os desgastava e lhes deixava numa situação difícil (Graebin, 2004, p. 85).

Ainda para Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p. 88), a economia agrária para os açorianos pobres tornava-se bastante difícil e era preciso encontrar uma solução para tal problema. Os ricos produtores que possuíam bastante trigo, queriam exportá-lo para Lisboa e Marrocos, visando o lucro e não cediam em hipótese alguma aos necessitados das ilhas, que precisavam então encontrar outra solução urgente para a miséria em que se encontravam as ilhas, tornavam-se vítimas da marginalização social, constituindo o grande manancial imigratório para outros continentes, principalmente para o americano, inclusive o Brasil. Sobre a atração exercida pelo Brasil, a referida autora informa:

A atração exercida pela América portuguesa junto aos ilhéus era povoada de imagens divulgadas, nos Açores, pelas tripulações dos navios que aportavam, por exemplo, em Angra (ilha Terceira), vindos do Brasil, dirigindo-se ao Reino. Era possível enriquecer rapidamente, tirando ouro das águas com bateias, escavando as margens dos regatos, carregando tropas de mulas com gêneros alimentícios ou bens de consumo, tocando boiadas, levando os negros africanos, desembarcados nos portos do litoral, para vendê-los aos senhores de terras e minas ou cultivando a terra [...] (Graebin, 2004, p. 86).

A intenção da Coroa portuguesa na verdade era de levar contingentes populacionais dos Açores não para a região das minas, mas sim, para ocupara espaços que limitariam à entrada espanhola no sul da América, a qual estava com forte presença lusa neste território. As autoridades insulanas, apresentavam como justificativa para a emigração de açorianos das ilhas, fazendo uma reflexão sobre a superpopulação das ilhas, a miséria de seus moradores, as

constantes ocorrências de abalos sísmicos e erupções vulcânicas e a possibilidade da Coroa portuguesa usar os contingentes de açorianos na povoação das terras sulinas a serem ocupadas.

Em relação às dificuldades encontradas no território açoriano, o vulcanismo e os abalos sísmicos são uma constante na história do Arquipélago dos Açores. Nas ilhas de São Miguel, Faial, Pico e Terceira, ocorreu com elevada frequência esses cataclismos no período compreendido entre 1713-1730. “Terror” e “incerteza” seriam as palavras adequadas para caracterizar as condições em que viviam os habitantes do Arquipélago dos Açores diante, por exemplo, das torrentes de lavas jorrando dos vulcões, associadas a tremores de terra, que atingiam as freguesias das Ilhas. A população amedontrada recorria à proteção divina, fazendo invocações ao Santo Cristo. Inclusive foi organizada uma festa anual em honra à imagem do Santo Cristo, a qual ocorre até os dias atuais, a cada primeiro dia de fevereiro, data do início das erupções vulcânicas na ilha de Pico (Graebin, 2004, p. 84).

Para Henrique Wiederspahn (1979, p.15), nas ilhas dos Açores, uma erupção vulcânica das mais violentas flagelara a ilha de Faial, em 1746. Duas de suas freguesias mais prósperas e populosas ficaram literalmente arrasadas. Casas, terras e homens e animais haviam sido levados diante de verdadeiras ribeiras de fogo até ao mar. As pessoas que se salvaram do tremendo cataclisma ficaram na maior miséria, apenas com a roupa que lhes cobria o corpo. Esta situação calamitosa se estendeu às demais ilhas, já superpovoadas e cujas colheitas passaram a ser insuficientes para atender aos que nas mesmas viviam. Reforçaram-se assim os pedidos de moradores das ilhas assoladas, propondo a D. João V que lhes deixasse migrar para a América, para o Brasil. Com as notícias da descoberta de metais preciosos no Brasil e a abertura de novas frentes de colonização no século XVIII pela Coroa portuguesa, os moradores das ilhas do Arquipélago dos Açores, vislumbravam o Brasil como panacéia para os seus sofrimentos.

A idéia de utilizar açorianos para povoar a fronteira com os castelhanos era antiga. Já em 1722, o rei dava instruções para o transporte dos casais do Arquipélago dos Açores que deveriam estabelecer colônias na ilha de Santa Catarina e no Rio Grande de São Pedro. Porém, em 1750, que a colonização tornou-se efetivamente urgente, a partir da assinatura do

Tratado de Madri⁴ entre Espanha e Portugal, a fim de por um ponto final nas disputas coloniais na América. Ficou estabelecido no acordo que os portugueses teriam que entregar a Colônia do Sacramento⁵ e receber em troca a região ocupada pelos Sete Povos⁶ e era preciso povoar este espaço para garantir sua posse. Recorrendo-se assim a emigração de até quatro mil casais de açorianos para o Brasil (Moraes, 2007, p.124).

Sabe-se que o processo imigratório tinha, porém suas exigências quanto ao contingente de açorianos que deveriam vir para o Brasil, porém ocorriam trapaças neste processo e as mortes nos navios eram inegáveis. Sobre este assunto, Maria Jaqueline de Moraes enfatiza:

Homens de até 40 anos e suas mulheres de não mais de 30 em grupos de 60 casais. Receberiam ajuda financeira, espingarda, enxada, facão, dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua, além de farinha para sustento durante o primeiro ano. Ficaram conhecidos como “casais de número” ou “casais d’El Rei”. Nem tudo saiu como foi planejado. Autoridades das ilhas incluíam velhos, doentes e incapazes entre jovens casais. A travessia demorava cerca de dois meses, em navios superlotados, com água e alimento escassos e nenhuma higiene. Havia doenças a bordo e centenas de mortes. A meta era transportar quatro mil casais não chegou a se cumprir – teriam aportado no Brasil pouco mais de mil (Moraes, 2007, p. 124).

Os primeiros açorianos desembarcaram entre os meses de janeiro e fevereiro de 1748, primeiramente em Santa Catarina. Dali partiram em embarcações menores, para Rio Grande. A política de distribuição de terras no Brasil foi confusa e demorada e muitos casais foram abandonados em áreas vazias, onde futuramente se instalariam as cidades tais como de Porto Alegre, Mostardas, Estreito, Osório, Santo Amaro, Taquari, Rio Pardo e Gravataí (observe ANEXO 3), sem receberem a ajuda prometida. “A tentativa de povoar o extremo sul com açorianos foi tão desastrosa e cheia de percalços que ainda hoje não se sabe ao certo quantos efetivamente chegaram ao Rio Grande do Sul” (Moraes, 2007, p. 125).

⁴ Tratado de Madri, acordo assinado em Madrid em 13/01/1750 envolvendo o Rio Grande do Sul. Determinava a entrega da Colônia de Sacramento por parte de Portugal à Espanha, sendo que Portugal receberia em troca os Sete Povos das Missões (Lazzarotto, 1971, p.46).

⁵ Colônia de Sacramento, fundada em 1680 na entrada do Rio da Prata visando o contrabando de mercadorias portuguesas em troca da prata do Peru, bem como criada para dar posse das terras do extremo sul aos portugueses (Lazzarotto, 1971, p.41).

⁶ Sete Povos: São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo. Reduções jesuíticas fundadas a partir de 1682 (Pesavento, 1994, p.11)

Constata-se que havia a intenção das autoridades de povoar desde o Rio de São Francisco até o Cerro de São Miguel, bem como as Missões com os casais de açorianos. Estes foram se fixando no Rio Grande de São Pedro a partir da Vila de Rio Grande, alcançando aos Campos de Viamão (Viamão e Porto Alegre) (verifique ANEXO 4), Santo Amaro, Triunfo e Rio Pardo. Após a invasão do Rio Grande pelos espanhóis, as famílias que estavam vivendo na Vila de Rio Grande se dispersaram para Estreito, Mostardas, Santo Amaro, Triunfo, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Taquari e Osório (Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio) (Graebin, 2004, p.109).

Os anos iniciais da presença açoriana no Rio Grande de São Pedro foram marcados por intensas dificuldades. As autoridades coloniais estavam envolvidas em demandas geradas pela demarcação do Tratado de Madri, pela Guerra Guaranítica⁷, e pela constante ameaça representada pelos espanhóis, sendo assim os contingentes de açorianos que chegavam pelo porto da Vila de Rio Grande não recebiam condições de acomodação satisfatórias, nem a demarcação e distribuição das terras prometidas, dos instrumentos e sementes para o seu trabalho. O início da vivência açoriana no Rio Grande de São Pedro foi instável e provisório. Sendo assim os açorianos inventaram e reinventaram arranjos familiares e relações interpessoais no seu cotidiano, improvisando novas formas de viver e suportar as situações de risco à que estavam sujeitos (Graebin, 2004, p. 178). Referindo-se a esse mesmo assunto destaca:

Ao chegarem ao Rio Grande de São Pedro, as promessas que lhes haviam sido feitas, não foram imediatamente cumpridas. Os casais açorianos e agregados tiveram de esperar, na maioria dos casos, em torno de vinte e cinco anos para conseguir a tão almejada data de terras. Destinados a trabalhar o solo, tiveram de exercer outras atividades e improvisar estratégias de sobrevivência, construindo, nesse processo, laços de solidariedade que lhes permitiram viver em regiões antes desconhecidas, enfrentando carências e dificuldades (Graebin, 2004, p. 178).

O autor Clifford Geertz (1989, p.15), define cultura como sendo uma teia de significados em que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias [...]”. Sendo assim é possível pensarmos que muitos elementos culturais trazidos pelos açorianos, contatando com a realidade rio-

⁷ Conflito que colocou de um lado índios missioneiros contra portugueses e espanhóis que se apossaram de suas terras (Sete Povos das Missões). Disputa travada em relação ao Tratado de Madri (Pesavento, 1994, p.21)

grandense, precisaram reinventar-se, sendo que a improvisação num primeiro momento foi fundamental para suportar as péssimas condições com que os colonos açorianos foram recebidos no Rio Grande do Sul.

Segundo Henrique Oscar Wiederspahn (1979, p. 95), a dificuldade das autoridades coloniais para solucionar a situação que se havia criado para os açorianos tornava-se visível. As terras eram distribuídas, como sesmarias, às pessoas que tivessem prestado serviços à Coroa, a militares e a oficiais dos Regimentos de Ordenança. Em algumas ocasiões, como no caso da distribuição de datas feita por Gomes Freire de Andrada⁸, ocorria que estas estavam situadas em glebas já ocupadas e com registro de posse, sendo os açorianos considerados como “intrusos” pelos proprietários destas terras.

O Vale do Taquari (veja ANEXO 5) que hoje se encontra na zona central do Rio Grande do Sul, foi inicialmente povoado por grupos indígenas. O povoamento efetivo e incisivo do Estado e principalmente do Vale do Taquari/RS, deu-se quando grupos da Tradição Ceramista Tupiguarani começaram sua expansão do Amazonas para o Paraguai, Uruguai, norte da Argentina e diversas regiões do Brasil, o que justifica a maior presença do Guarani no estado Rio Grande do Sul (Kreutz, 2008, p.61). Ainda para o referido autor é possível afirmar:

A paisagem contemporânea da região pode sugerir evidência para um estudo das apropriações ambientais dos horticultores Guarani no Vale do Taquari/RS. O processo de ocupação territorial ocorrido no período posterior à chegada dos imigrantes europeus e africanos no Vale do Taquari/RS parece confirmar uma variante ambiental percebido pelos antigos horticultores [...] (Kreutz, 2008, p.61)

Em relação ao povoamento das terras que hoje constituem parte do Vale do Taquari, Cristiano Luís Christillino (2004, p. 27) destaca:

A formação de pequenas povoações garantiriam, entre várias outras coisas, o adensamento populacional de um *vazio demográfico*, no que as primeiras doações de sesmarias próximas ao Rio Jacuí não resolveram o problema. Neste sentido foram fundados os povoados de São José de Taquari e de Santo Amaro. Estas receberam casais açorianos na década de 1760, havendo 60 deles no vale em 1770. Estes também eram oriundos das primeiras colônias açorianas das margens da Lagoa dos

⁸ Governador do Rio de Janeiro no período que compreende a vinda dos açorianos para o Brasil, Gomes Freire de Andrada, enviou para o Rio Grande do Sul, o Brigadeiro Silva Paes para resolver as questões de assentamento e garantias dos colonos açorianos (Santos N., 2007)

Patos, os quais migraram para regiões mais propícias ao desenvolvimento da agricultura, no que a fertilidade das terras daquelas povoações atraíram os mesmos. Estes receberam uma data de terras de 272 hectares. Tal foi a preocupação com o povoamento desta região, que em 1774 houveram novos pedidos de casais para a mesma. Os registros de batismo, mostram um rápido aumento populacional, em função do grande número de filhos dos imigrantes açorianos (Christilino, 2004, p. 24).

De acordo com Christilino (2004, p.29), Taquari não possuía terras de campo em abundância próximo à vila, e sim de matas. Estas tinham a sua fertilidade recomposta periodicamente pelas cheias do rio, oferecendo condições para a agricultura em campos permanentes. Em Santo Amaro, as tropas de um exército invasor poderiam ser avistadas a quilômetros, e as casas distribuídas em torno da capela, e a torre desta, permitiam a sua utilização como verdadeiras fortalezas, conservadas até o presente momento, tombadas como patrimônio histórico. A necessidade de defesa da Vila de Rio Pardo propiciou a rápida apropriação e colonização das terras mais ao sul do Vale do Taquari, que anteriormente eram denominadas de “Baixo Taquari”, ainda na segunda metade do século XVIII.

Os primeiros casais de número instalaram-se em Taquari em 1760, provisoriamente, sob a orientação do então comandante na capitania, Coronel Inácio Eloi de Madureira e a fundação de Taquari foi concomitante à construção de um forte de terra batida, semelhante ao que ocorreu no povoamento de Santo Amaro, que iniciou em 1753 com a instalação no local dos armazéns do exército. A fundação de Taquari, em 1764, deu-se com a instalação de 14 casais de número. Quando da concessão efetiva das datas aos açorianos, ocorrida em 1770, encontravam-se no local mais 60 famílias açorianas. Cabe ressaltar que os açorianos aí instalados dedicaram-se ao cultivo do trigo como uma alternativa para obter o seu sustento (Carvalho, 2002, p.49 - 50).

O território do hoje município de Paverama, teve como primeira ocupação humana os índios patos, que pertenciam à Tradição Tupiguarani. Esses indígenas habitaram inicialmente às margens do rio Taquari. Na localidade de Morro Bonito, no interior do município, os indígenas deixaram inscrições em várias grutas, onde também foram achados vários utensílios de sua cultura material e uma machadinha. Conta-se que os nativos permaneceram aí por muito tempo e quando os colonos açorianos chegaram no município, os mesmos fizeram várias incursões contra os recém-chegados. Depois se afastaram desse local, não mais retornando.

Segundo Flavio Nirceu Jung, “Na medida que essa região começou a ser ocupada pelo homem branco, principalmente por açorianos e lusos, os índios Patos, fugindo da presença dos europeus, foram se retirando e se embrenharam mais para o interior das matas, deixando vestígios por onde passaram” (Jung, 2001, p.16).

Em relação ao contato estabelecido entre os colonizadores açorianos e os índios Guarani em Paverama, recorremos ao teórico Fredrik Barth temos:

[...] as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. [...] as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos (Barth, 1998, p. 188).

O contato entre os guaranis e os colonos açorianos no município de Paverama pouco alterou a vida de ambos, que continuaram mantendo seus aspectos culturais, mas o convívio entre ambos não foi possível, os indígenas sentiram-se incomodados e partiram para outro lugar, porém sem perder os seus costumes. Esta foi uma forma de permanência de uma fronteira étnica, que impossibilitou que os dois grupos pudessem viver em perfeita união.

Ainda para o referido autor “A colonização da região que hoje pertence ao município de Paverama se deu no final do século XVIII, com a chegada de açorianos [...] originários de Taquari, que aos poucos foram tomando posse de fazendas localizadas no lado sul do município” (Jung, 2001, p.16).

Segundo Vera Regina Carvalho (2002, p.51) a vinda dos açorianos para o Rio Grande de São Pedro trouxe o reforço étnico dos elementos culturais lusitanos e inaugurou uma nova fase do aproveitamento do solo sul-rio-grandense, através de sua ocupação com pequenas propriedades agrícolas. Ressalta também que nas regiões do Rio Grande do Sul em que a matriz luso-brasileira não foi exclusiva, como no Vale do Taquari, a presença açoriana está muito esmaecida, tal qual ocorreu nos países platinos. Apesar disso, algumas cidades da região ainda guardam forte influência açoriana e portuguesa, como no caso de Taquari (Carvalho, 2002, p.54).

De acordo com Nilda Rita dos Santos (2007, p.43), “a introdução aos estudos da ocupação do espaço territorial de Taquari leva-nos à geografia do Rio Taquari, pois é do rio a denominação inicial que se pode ler nos antigos mapas do Continente de São Pedro, localizando-o, mais ou menos, na sua atual região. É nas barrancas, nas suas margens que o elemento humano vai, aos poucos, buscando alimentação, abrigo e mais tarde fixação”. Sobre este assunto, Cristiano Christillino destaca:

A Vila de Taquari, fundada na década de 1760, esteve influenciada pela “relação entre as vias fluviais e os centros demográficos na Depressão Central”, assim como Triunfo, São Jerônimo, Cachoeira, Rio Pardo e a Freguesia de Santo Amaro, esta última fundada na margem oposta do Rio Taquari, em frente à primeira. As fundações destas duas povoações foram propiciadas pela política do Governador da Capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, em ocupar a Bacia do Rio Jacuí, concedendo sesmarias de terras ainda na década de 1750 ao Capitão Francisco Xavier de Azambuja, Pedro Lopes Soares e Antonio Brito Leme no Vale do Taquari. Esta foi intensificada na década de 1760 com a invasão do Rio Grande pelas tropas de D. Pedro Cevallos. Neste momento a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul era dividida por 4 divisões administrativas, que possuíam quartéis: Rio Grande, Viamão, Santo Antônio da Patrulha e Rio Pardo (Christillino, 2004, p. 25).

Em relação ao povoamento açoriano, em terra gaúcha, este favoreceu o fortalecimento político-administrativo da Coroa Portuguesa no confronto com a Espanha. Lideranças sociais e políticas, a nível local, também se destacaram. Assim, também a cultura popular de raiz açoriana deixou marcas profundas, que jamais se apagarão. O espírito alegre e empreendedor do açoriano não se deixaram abater pelas dificuldades econômicas, quando da necessidade de adaptar-se a novos cultivos agrícolas, e desenvolver outros ofícios, a fim de manter sua sobrevivência (Santos N., 2007, p.50).

Segundo Nilda Rita dos Santos (2007, p.51), os açorianos que eram denominados de “ilhéus”⁹ e provenientes das Ilhas dos Açores, foram comprovadamente os primeiros colonizadores da cidade de Taquari. Esta foi a única povoação fundada exclusivamente por açorianos, no Rio Grande do Sul, sendo que neste período, José Custódio de Sá e Faria era o Governador do Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul.

⁹ Denominação utilizada para se referir aos colonos açorianos, que eram provenientes das ilhas dos Açores (Santos N., 2007, p.51).

O território de Taquari, já com algumas estâncias, recebeu a colonização do açoriano que fundou o núcleo urbano, criou o regime agrícola e dividiu a propriedade. Enfatizando que no Rio Grande do Sul, a agricultura açoriana é assinalada pelo plantio de grãos, principalmente o trigo. Muitos dos açorianos, fundadores da agricultura, passaram mais tarde, para a pecuária sem deixarem de ser agricultores e de exercerem funções manuais de carpinteiros, marceneiros, ferreiros, e outras, funções estas que exerciam nos Açores. Com a queda do trigo e a falta de recursos, os açorianos passam a plantar para o seu próprio sustento, dedicando-se, além do milho, ao cultivo da cana e da mandioca que serviam de alimento para os poucos animais que possuíam e para comprar fora o que mais necessitassem (Santos N., 2007, p.55).

Segundo João Borges Fortes (1999, p.101-102), Taquari foi identificada como primeira cidade Açoriana do Rio Grande do Sul, sendo o primeiro povoado açoriano, planejado e ordenado pelo governo português em solo rio-grandense. Foi a primeira povoação organizada por ordem da metrópole lusa, com planta urbana traçada, igreja, ruas projetadas. Tudo por decisão político-administrativa do governo lusitano, então representado pelo Governador José Custódio de Faria (o fundador de Taquari). Para Borges Fortes, São José de Tebiquary foi o primeiro povoado do Rio Grande do Sul criado com destinação de cidade, onde foram traçadas ruas, praças, enfim onde houve um planejamento para a criação da cidade. Nilda Rita dos Santos enfatiza:

Os primeiros casais açorianos estabeleceram -se na área urbana, no local que é hoje a cidade de Taquari. Esses açorianos, portanto, deixaram de aproveitar a colina do Manoel Cristo, que beija as águas, para porto de embarque, temendo as cheias do Rio Tebiquary. Uma outra razão, talvez, para essa má escolha de localização, tenha sido as matas que cobriam os arredores da povoação (Santos N., 2007, p.53).

Nos primeiros tempos da sua chegada, os açorianos passaram por verdadeiros choques culturais e sociais, num universo cuja vida cotidiana estava sujeita a constantes desafios e a perigos expressos pelas guerras, animais selvagens e carências provocadas, por exemplo, pela ausência de gêneros alimentícios a que estavam habituados. Esforçaram-se para adaptar-se, recorrendo à algumas estratégias, como a de recriar aspectos de sua cultura, recorrer a formas de interação social com os grupos já estabelecidos e ao esforço de apropriação da natureza (Graebin, 2004, p.231).

Ainda em relação à aspectos da cultura açoriana, assim como em Taquari, no município de Paverama manteve-se alguns traços culturais, a partir deste enfoque obtivemos a seguinte narrativa:

[...] No século XVIII, mais precisamente no ano de 1855, descendentes de açorianos estabeleceram-se em nosso município e junto trouxeram todo um legado de usos, hábitos e costumes da terra de onde vieram, ou seja as Ilhas dos Açores em Portugal. Com o passar do tempo fomos assimilando todo este rico legado que passou a fazer parte da nossa cultura, acrescida mais tarde com legados de outras etnias que também, para cá vieram. Há um dito popular [...] que diz: “Cada Terra com seu uso, cada roca com seu fuso”. É toda uma bagagem que foi trazida até nós e hoje faz parte de nossa cultura, quer dizer é uma mistura, uma miscelânea de culturas e isso aí acrescido também pelo folclore, da música, da literatura, de danças, então tudo isso é uma grande bagagem que representa a cultura açoriana, somada com a nossa e de outras etnias que para cá vieram, para mim é isso (EA, 2009, p.1).

Em relação ao universo cultural açoriano destacamos Peter Burke (2003, p.91): “A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente [...]”. Neste sentido é que podemos entender a vinda e chegada dos colonos açorianos em solo gaúcho, precisaram resignificar, modificar-se culturalmente para se encaixar na nova terra que agora os acolhia.

Segundo Nilda Rita dos Santos (2007, p. 57) “A população pobre era numerosa. Produziam em casa feijoada, charque assado, milho verde, pirão de farinha de mandioca, quibebe (pirão de abóbora), carne de porco e de galinha, e morcela (morcilha) frita. Como sobremesa usavam o melado de cana, frutas em calda e principalmente a “gostosa” laranja de umbigo e a laranja caipira”. Em relação à alimentação e demais gêneros produzidos pelos açorianos em Taquari, Cleusa Graebin (2004, p.242), acrescenta que esses gêneros eram carnes de porco, toucinho, feijões, milho, arroz, queijos, manteiga, sabão e carne seca ao sol.

A gastronomia açoriana destaca-se pela sua doçaria típica, os cozidos de legumes, os pirões, os pães sovados e os licores (Stephanou, 2007, p. 97). A alimentação açoriana era de produção própria: legumes, feijão, canjica, milho, fermento (da coelheira da ovelha, salgada) frutas, carne de gado e de ovelha, charque, lingüiça, salame, morcilha, paçoca (charque de polpa de carne desfiada e socada no pilão) (Santos, 2007, p. 113).

A culinária açoriana apresenta: feijão, carne de porco, peixes, fervido de legumes e sopas em geral (principalmente aquelas que levam couve), milho preparado de várias formas

(principalmente cozido), batata-doce. A doçaria inclui massas sovadas, pão-de-ló, papo de anjo, arroz-doce ou arroz-de-leite, doce de leite (o tradicional “Mumu”), olho-de-sogra, claras nevadas, merengues ou suspiros, ovos moles, bolo de milho, doces de frutas, rosquinhas, rosquetes, sonhos etc (Moraes, 2007, p. 147).

Ainda sobre a alimentação, Hugo Ramirez (2005, p.20) destaca que no que se refere [...] à alimentação, o prato ainda hoje dominante é a tigela de caldo verde, o que chamamos sopa de legumes”. A carne de vaca é de uso restrito, predomina a carne suína e os vegetais na mesa, e naturalmente o pescado de várias qualidades. A doçaria tem como prato principal o arroz doce, por nós chamado de arroz de leite, fatias de pão banhadas em ovos com canela moída e açúcar, fritas na frigideira, os suspiros (os nossos merengues) e os bolinhos de farinha de trigo com ovos e açúcar. Todo o encontro à mesa motiva a presença do vinho, que não pode faltar. A fim de complementar esta parte relacionada à alimentação, em entrevista realizada na comunidade de Taquari, temos:

[...] O que eles se alimentavam era basicamente o que eles produziam, uma agricultura familiar de subsistência e comiam o que eles produziam em casa [...] produziam tudo em casa, o milho lá, o milho aqui, a carne do porco, da galinha e do boi aqui também. Eles sabiam fazer o cozido que eu já coloquei antes, se junta o que se pode juntar o que se tem à mão para fazer essa comida, o cozido, o parente eu vou chamar assim, um parente do nosso fervido pra gente poder entender não é. Uma comida simples vai as verduras toda ali, o que tiver à mão, vão misturar com o pão, com as carnes que também se tem à mão, vão cozinhar tudo junto e as frutas eram transformadas nas sobremesas ou se comia assim *em natura*, ou se fazia doces em calda, geléias, rapaduras e como eu disse muitos peixes que eles consumiam e outros frutos do mar [...] (E. R., 2009, p.7).

Em Taquari, a maioria das famílias de pequenos agricultores tinha atafona (onde se produzia a farinha de mandioca), o que não dava lucro significativo, pois a produção era grande. Esses pequenos agricultores possuíam roupa escassa e remendada; andavam de pés no chão, tamanco no inverno e botas para ir à cidade. Mas a situação não os desanimava; mantinham sempre a alegria que lhes era peculiar. A vizinhança reunia-se em serões nas atafonas, para raspar mandioca; esta era uma oportunidade, enquanto trabalhavam, de namoricos, de contar histórias para rir, causos de assombração e de lobisomem e de tocar modinhas na viola (Santos N., 2007, p.57).

Mesmo as famílias açorianas sendo numerosas e produzindo às vezes somente para o sustento próprio, todos uniam-se em situações comuns como os serões nas atafonas. Neste

sentido de união destacamos Stuart Hall (2000, p.59) quando ressalta que “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família [...]”. Compartilhar aspectos culturais fazia-se necessário, principalmente diante das condições difíceis a que os açorianos estavam submetidos nos primeiros tempos de sua fixação no Rio Grande do Sul. Era uma forma de sobrevivência, e uma simples fabricação da farinha era uma forma de produzir algo, que tornava-se um elo de ligação entre as pessoas de uma mesma comunidade.

Sobre a gastronomia típica açoriana em Paverama, ainda hoje alguns dos deliciosos pratos típicos são preparados nas comunidades do interior. Em relação a isto destacamos a seguinte narrativa:

[...] lembro com saudades das coisas gostosas que minha mãe e minha vó preparavam. Então alguma coisa eu ainda me lembro, não tem aquele mesmo gosto do passado, da mãe e da vó, então o que eu posso te falar assim é do cuscuz. O cuscuz é feito com massa de mandioca, comprada nas velhas atafonas, que hoje acho que nem existem mais e preparado com amendoim e açúcar, era uma espécie de bolo cozido no bafo de uma panela de ferro [...] (EA, 2009, p.6).

Segundo Nilda Rita dos Santos (2007, p. 59), a história da colonização açoriana em Taquari se desenvolve-se ao lado da história da Igreja, pois os primeiros habitantes logo se preocuparam com os recursos espirituais. A primeira capela de Taquari é contemporânea dos açorianos. Constata-se a importância da Igreja (numa época em que havia união entre o Estado e Igreja), como o centro de todos os acontecimentos que envolviam a comunidade. Era, portanto, a Igreja detentora da regulamentação da sociedade. E num povoado pequeno, como a então São José de Tebiquary, seu papel era determinante, acrescido pela grande religiosidade da população, herdada de seus fundadores.

Referente à Igreja, que inicialmente recebeu a denominação de Capela Curada¹⁰, passando para Paróquia Amovível¹¹, Riograndino da Costa Silva aponta:

Parece certo no caso, todavia, que aos primeiros habitantes da localidade à margem do rio Tebiquary foram se juntando outros no decorrer do tempo, de sorte que seu número já era superior ao dos sete casais vindos em 1760, isso antes mesmo da

¹⁰ Capela Curada, devido ao crescente número de fiéis, de casais açorianos, o Bispo do Rio de Janeiro, Frei Antônio do Destêrro concede aos moradores o privilégio de ter uma Capela Curada em 1º de maio de 1764.

¹¹ Capela Amovível, quando capela foi realmente erigida em 13 de maio de 1765, tornando-se uma Paróquia (Silva, 1972, p.73)

chegada e posse do Coronel José Custódio de Sá e Faria como novo governador da Capitania. E tanto assim era que o Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio do Desterro, veio a conceder a esses moradores o privilégio de erigirem uma Capela Curada. O acontecimento é memorável, especialmente porque marca a primeira data certa dos anais históricos da terra taquariense: 1º de maio de 1764, quando foi dada a provisão eclesiástica que o consigna [...] (Silva, 1972, p. 73).

A religiosidade açoriana era uma verdadeira forma de integração social, no Rio Grande de São Pedro e também em Taquari, adotaram uma prática cultural adotada nas ilhas, a crença e as festas do Espírito Santo. Segundo Martins apud Graebin (2004, p.234), nos Açores, as festas, estavam ligadas às motivações sócio-religiosas, a fim de prestar honra aos santos, acontecimentos ou datas com altos significados sociais. As festas se dividem em dois grupos: as do Ciclo do Espírito Santo (espirituais) e do Touro (bens materiais); e Ciclos do Homem e de Deus. Estes ciclos envolvem todo um aspecto ritual que envolve partilhar o espaço em que se vive, tendo a Deus como centro. A presença de Deus está embutida nas manifestações culturais, nas procissões e nas irmandades, numa eterna busca do sagrado. Referente às irmandades Nilda Rita dos Santos informa:

Desde os primeiros tempos, formaram-se em Taquari as Irmandades, como não poderia deixar de ser, pois esta era uma prática religiosa comum em todas as ilhas dos Açores e, conseqüentemente, foi trazida pelos açorianos. Cada Irmandade recebia uma denominação sempre ligada à devoção religiosa, a saber: Irmandade do Divino, dedicava-se à Festa do Espírito Santo; Irmandades do Santíssimo Sacramento e de São José, dedicavam-se ao cuidado do culto religioso; Irmandade de São Miguel, seu encargo era o sufrágio das almas dos falecidos e Irmandades do Rosário e de São Benedito, para as pessoas de cor negra (Santos, 2007, p.62).

O antropólogo Clifford Geertz em relação à religião destaca:

A religião nunca é metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional [...] (Geertz, 1989, p.143).

Ainda para Geertz (1989, p.148) “A força de uma religião ao apoiar os valores sociais repousa, pois, na capacidade dos seus símbolos de formularem o mundo no qual esses valores, bem como as forças que se opõem à sua compreensão, são ingredientes fundamentais [...]. Essa idéia traduz a importância que a religião assume em qualquer que seja o espaço em que

está inserida. Consideramos por certo relacionar este conceito à religiosidade do povo açoriano.

De acordo com João Maria Balém (1956, p.11), nos primeiros tempos as povoações todas, cresciam compactas e observantes de sua religião, com o máximo fervor. Destacavam-se neste sentido as diversas associações religiosas, denominadas Irmandades, em todas as Igrejas Matrizes, cujas construções elas promoveram e dedicavam-se ao sustento do culto. Todas as pessoas queriam fazer parte dessas associações religiosas, cumprindo com piedade e grande observância os Estatutos sempre aprovados pela autoridade do Rei e dos Bispos.

Ainda, para Balém (1956) as confrarias (Irmandades), cultivavam principalmente a devoção do Santíssimo Sacramento do Altar, centro de toda a vida espiritual da Igreja, promoviam festas religiosas e custeavam de um modo especial a Procissão do Corpo de Deus, a qual se realizava com todo o esplendor. O referido autor enfatiza:

Existiam as Irmandades do Orago da Igreja, a do Divino Espírito Santo, com festas tradicionais trazidas das Ilhas dos Açores, a de São Miguel e Almas, que promovia a devoção às almas e se encarregavam dos enterramentos, havia a Irmandade de Nossa Senhora Rosário formada geralmente de pretos, com suas usanças e cerimônias especiais (Balém, 1956, p.11).

Sobre as Irmandades Mauro Dillman Tavares também destaca:

Foi este caráter medieval do catolicismo, de fé e adoração das imagens santas e crença no poder dos santos, que acompanhou a colonização do Brasil e se estendeu ao século XIX. Instaladas no Brasil colonial, as irmandades seguiam – como modelos de organização interna – os compromissos portugueses, uma herança do período medieval (Tavares, 2008, p.117).

De acordo com Mauro Dillman Tavares (2008, p.119), as Irmandades tinham objetivos gerais de organização da vida religiosa e social sempre orientando para a solidariedade, apresentavam regras de funcionamento. Os objetivos dessas associações eram baseados e regulamentados por um documento redigido pelos irmãos, conhecido como compromisso. Toda a organização interna estava contida neste estatuto, que quando era aprovado pela Igreja e pelo Estado, quando fosse o caso, previa normas e preceitos de existência. Cada sócio

recebia uma cópia do compromisso da sua respectiva Irmandade. O compromisso era composto por uma série de artigos e servia para guiar as Irmandades nas suas decisões administrativas. Os compromissos definiam questões fundamentais como o santo cultuado, o perfil de seus associados, os valores das mensalidades, a composição da diretoria, os benefícios oferecidos e os direitos e deveres dos irmãos.

Segundo Martins apud Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.234), as festas do Espírito Santo, nos Açores, eram e continuam sendo profundamente populares, porém com finalidade anarquista regeneradora. Era feita uma teatralização que pretendia mostrar o caráter mágico do qual se reveste a abundância dos bens, o recolhimento de funções e papéis sociais, o reforço da solidariedade e a intervenção em hierarquias, bem como no exercício de poderes estabelecidos. Isso torna-se visível nos estágios das festas, ou seja, nos preparativos e realização do banquete (distribuição de alimentos), na doação de esmolas e na coroação do imperador. Escolhia-se um espaço e um tempo apropriados pela comunidade, com o objetivo de conjurar perigos, corrigir injustiças sociais e inverter poderes estabelecidos. Ainda nos Açores, festejar, dar presentes, brincar, venerar os santos, cumprir os rituais que buscam o equilíbrio das forças da Natureza (erupções vulcânicas e terremotos) e do Homem (guerra e paz), ocupam lugar na celebração, através das diferentes leituras e marcas presentes nas nove ilhas do arquipélago (Graebin, 2004, p.235).

No Rio Grande do Sul, no século XVIII, as Festas do Espírito Santo buscavam conjurar os perigos que rondavam os habitantes, praticando uma grande folia com comilanças em público, porém as autoridades eclesiásticas começaram a denunciar os excessos desde os primórdios, tanto que um dos padres visitantes das poucas paróquias e freguesias existentes, no Rio Grande de São Pedro, no século XVIII, atestou no seu relatório, a sua inconformidade sobre os rumos que estavam tomadas as celebrações realizadas pelos ilhéus. Para conter os abusos, foram criadas, junto às igrejas locais, as Irmandades do Espírito Santo, às quais foi atribuída, pelo governo civil e a Igreja, a incumbência de organizar e promover as festas (Jacometti apud Graebin, 2004, p.236). Sobre este assunto é informado:

As Irmandades foram importantes fontes de prestígio político local. A sua formação era livre, o número de irmãos era limitado em treze e um só membro era substituído em caso de falecimento. Era vedado o acesso as mulheres. À Irmandade cabiam

funções administrativas relativas à organização da Igreja, curadoria do hospital e cemitério. A participação nas Irmandades envolvia micro-políticas sutis e, fundamentalmente, revelava o potencial de mobilização e solidariedade fundamentais à organização de uma festa e de um grupo social (Graebin, 2004, p.236).

Ainda para Cleusa Graebin (2004, p.236), as pessoas davam muita importância aos compromissos assumidos junto às Irmandades, faziam doações aos Impérios e se asseguravam em dinheiro o pagamento de promessas feitas ao Espírito Santo. De acordo com a referida autora:

Em cidades do Rio Grande do Sul, como Santo Antônio da Patrulha, Osório, Gravataí, Taquari, Rio Pardo, Triunfo, Porto Alegre, Viamão, Mostardas, São José do Norte, Rio Grande, com destacada presença açoriana, pode-se registrar, até os dias atuais, a ocorrência das bandeiras que pedem esmolas para as festas do Espírito Santo, realizadas em maio e junto às festas, temos as Folias (Litoral Norte) e o pagamento de promessas (Mostardas) e as Cavalhadas (luta simulada entre mouros e cristãos), promovidas em Gravataí, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, como exemplos. Estes eventos foram acrescentados às festas do Espírito Santo, enriquecendo – as e introduzindo parcelas de símbolos de outros grupos (Graebin, 2004, p. 236).

Para Mauro Dillman Tavares

a exteriorização da religiosidade e da devoção aos santos pelos membros das irmandades religiosas se dava, sobretudo, através das missas, das festas e dos rituais que envolviam os enterramentos [...] (Tavares, 2009, p.181).

Em relação às Irmandades em Taquari, João Maria Balém nos diz que a mais popular era a do Divino:

Desde a fundação da paróquia, os casais açorianos solenizavam com grande pompa e aparato externo a Festa do Espírito Santo, como soíam fazê-la em sua pátria e para cá trouxeram seus usos. Todos os anos sorteavam um encarregado para organizar a festa denominado – o – Rei - que mais tarde passou a chamar-se, depois da Intendência, Imperador – com diversos mordamos, o do interno, encarregado das coisas da Igreja, e do externo, que tratava dos folguedos populares, um alferes da bandeira, págens, capitão do mastro, etc. A bandeira era de seda encarnada, ricamente bordada, encimada por uma pomba de prata, que representava o Divino Espírito Santo, do alto pendiam inúmeras fitas (Balém, 1949, p.105-106).

Segundo Nilda Rita dos Santos (2007, p.63-64), na Festa do Divino ocorriam leilões de variados objetos e de pães, muitas vezes em formato de parte do corpo humano que tinha sido curada através de promessas: era comum aparecerem pães em forma de mão e pé. Ocorriam também leilões que integravam as festividades em homenagem a São José. Na festa de São José, as moças e moços tinham a oportunidade de iniciarem uma aproximação, podendo daí acontecer o namoro, pois era costume o uso de Telegramas.

Ainda, para a autora citada anteriormente, os organizadores desta festa, a Irmandade de São José, determinavam encarregados de venderem pequenas folhas de papel, onde se poderia escrever recadinhos endereçados a determinada pessoa, sendo este logo enviado e respondido. Principalmente nas Festas do Divino, era comum um grupo de negros, com vestes vermelhas e empunhando em estandarte, dançarem pelas ruas, ou em frente à Capela do Divino ou do prédio da administração ou em outros lugares ao redor da praça central. Este grupo de negros era chamado de Quecumbis (Santos N., 2007, p.63-64). Em relação às Irmandades presentes em Taquari, de acordo com entrevista realizada nesta comunidade, a narrativa nos esclarece o verdadeiro significado desses grupos religiosos e quais as que estavam presentes nesta comunidade:

São vários grupos religiosos, porque existiam várias irmandades, dependendo da devoção e do que se queria, se pretendia, formava então uma irmandade. Para cada santo devoto, os devotos daquele santo formavam então uma irmandade com propósitos determinados. Taquari teve várias irmandades e dentre essas irmandades uma permanece, e atuante até hoje que é a irmandade de São José. Então cada irmandade tinha as suas vestes, tinham o seu santo de devoção e tinham a sua função [...] a do Divino, a irmandade do Divino Espírito Santo, que se encarregava das festas do Divino Espírito Santo, a irmandade do Santíssimo Sacramento, que era encarregada dos cultos religiosos, a de São José também se encarregava dos cultos religiosos e da festa do padroeiro que é São José, a irmandade de São Miguel, que se encarregava do sufrágio das almas dos falecidos e a irmandade do Rosário e de São Benedito, que eram então compostas por pessoas negras, que faziam suas várias devoções dentro dessas irmandades (ER. 2009, p.12).

Ainda para Nilda Rita dos Santos (2007), festas religiosas eram realizadas com muita pompa como: Festa dos Navegantes, demonstração de fé e espírito marinheiro herdado dos Açores. Nesta oportunidade a “Praia”, local próximo ao rio, revestia-se de beleza. A Festa de Corpus Christi era outra grande demonstração da religiosidade, marcada pela procissão que acontecia pelas ruas cobertas de folhas e pétalas de flores na frente das casas por onde passava; as casas enfeitavam suas janelas com colchas finas coloridas, com flores, imagens de

santos e objetos ornamentais. Esta era a forma de demonstrar o grande respeito pela procissão de Corpus Christi (Santos N., 2007, p.64).

As demais festas religiosas eram realizadas com o mesmo esmero, dedicação e fé: Paixão de Cristo e Encontro, natal, Missa do Galo, Festa dos santos de Junho – esta acontecendo com fogueiras, queima de fogos; o costume de pular e dançar ao redor da fogueira, muito popular nos Açores, foi mantido, como também muitas crenças de cura e sorte ligadas à noite de São João. As Festas religiosas eram, sem dúvida, a maior atração social. Eram aí que as pessoas tinham a oportunidade de saírem, divertirem-se, encontrar amigos, sem, portanto, perderem o verdadeiro sentido: demonstração de grande religiosidade e fé. Muitas práticas religiosas aconteciam nas casas, onde um pequeno número de pessoas amigas se reuniam para a reza do Terço e outras orações (Santos N., 2007, p.64-65). Os costumes religiosos, que nos remetem aos açorianos adotados em Paverama assemelham-se aos da cidade de Taquari, é o que enfatiza EA:

Permanece entre nós até hoje, um pouco talvez mais enfraquecido pelo passar do tempo, ao invés de fortalecer talvez esteja enfraquecido, as populares procissões com devoção à alguns santos da igreja, as capelinhas de visitas domiciliares, os ternos de reis no ciclo natalino, as festas ou quermesses populares em homenagem aos padroeiros das igrejas e capelas, as novenas e o terço em família. Isso é o que eu posso dizer que marca mais a nossa comunidade em relação ao que nós herdamos de religiosidade que fez parte dos usos e costumes deles que a gente sabe e que também ficou para gente aqui (EA, 2009, p.1).

A religiosidade era uma constante na vida dos taquarienses, demonstrada através da participação em todos os atos da Igreja e de forma mais familiar, dentro das próprias casas. Cada casa, por mais humilde que fosse, tinha os seus Oratórios ou Imagens de Santos, em lugar de destaque, ornamentadas com flores ou com enfeites. Independente da condição econômica e social, toda a população seguia as normas estabelecidas pela Igreja. As diferenças sociais existiam, as diferenças econômicas eram bem percebidas, os “donos” do poder mantinham o status de superioridade sobre a maioria da população. Apesar de tudo, todos se mantinham unidos pela mesma fé, pelas mesmas práticas religiosas, atendendo aos anseios mais íntimos em busca do bem estar espiritual. Toda esta religiosidade se manifestava no dia-a-dia do povo taquariense (Santos N., 2007, p.65-66). Pode-se dizer que a religiosidade açoriana possibilitou a continuação de costumes praticados por esses imigrantes em suas ilhas, no Arquipélago dos Açores, cultivando essa religiosidade em solo rio-grandense e

permanecendo a mesma viva até os dias atuais, o que acabou por definir os rumos de sua organização e a preservação e continuação de sua cultura.

As Irmandades eram o movimento religioso mais significativo na cidade de Taquari e nas demais cidades de origem e colonização açoriana, porém em igual importância a reza do terço e das novenas, às vezes realizadas ao redor dos oratórios com imagens de devoção no interior das residências também era um momento de integração entre a família e os vizinhos, tornando essa prática significativa. Neste sentido Cleusa Graebin nos remete à seguinte afirmação:

[...] havia um espaço que reunia os membros da família e os escravos, ou seja, o lugar da casa onde ficava o oratório. Devido, muitas vezes, às grandes distâncias das igrejas, era junto a ele que se exerciam as práticas religiosas, como a reza do terço e das novenas, momento de reunir a família, de convidar os vizinhos, de ter momentos de sociabilidade (Graebin, 2004, p.229).

As festas religiosas em Taquari, herdadas dos açorianos perpetuaram-se ao longo dos anos, permanecendo até os dias atuais, Augusto Becker (2001, p.15), informa que no período de “[...] 10 à 19 de março de cada ano, os católicos e muitos não católicos, tornam-se uma verdadeira família para reverenciar o padroeiro São José. A visita do estandarte às residências ainda se mantém, mesmo que em menor número de pessoas realizando esta tarefa. É, certamente a época do ano, em que, a Igreja Matriz recebe o maior número de fiéis, esgotando durante as novenas, a sua capacidade física de abrigo. Os casais festeiros, escolhidos pela “Irmandade de São José”, organizam os festejos que recebem a participação de todos os segmentos da comunidade”. As Irmandades existiam em Taquari, perduraram no tempo, é neste sentido que Mauro Dillman Tavares nos relembra o significado que as Irmandades tiveram no Brasil.

As manifestações da devoção e da religiosidade no Brasil sempre tiveram caráter festivo, público e coletivo. As irmandades, com seus emblemas e bandeiras, desfilavam – com muita pompa – em festas e procissões pelas ruas das cidades [...] Eram eventos comemorativos e alegres que movimentavam e animavam a população pelo destaque dado às cores, aos sons, ao exterior, ao concreto e à vida cotidiana. A maneira de sentir e de viver a devoção aos santos durante esses espetáculos estava entre o sagrado e o profano (Tavares, 2008, p.199-200).

Além da Paróquia São José, fundada pelos primeiros colonizadores açorianos, mais tarde Taquari passou a possuir outros templos católicos como: Capela do Divino, situada em frente à Matriz, na Praça São José; Capela de Nossa Senhora das Dores, próxima ao porto da cidade, com a imagem da Padroeira e da Nossa Senhora dos Navegantes; Capela Nossa Senhora do Rosário, situada na colônia Arroio Grande (hoje Paverama) e Capela de São Manoel, no Faxinal dos Vieiras. Outras capelas havia no município de Taquari, porém não pertencentes à freguesia de São José (Santos N., 2007, p.62).

A religiosidade açoriana e a culinária (alimentos típicos açorianos) foram costumes trazidos por esses colonizadores para Taquari e Paverama, bem como para o Rio Grande de São Pedro, e permanecem preservados até os dias atuais por seus descendentes e demais pessoas que compõem as comunidades com forte influência açoriana. Estes costumes retratam a cultura açoriana. Outro aspecto de igual importância que vale a pena mencionar sobre a sociedade açoriana, são em relação às residências particulares, que demonstravam uma forte distinção social. Uma casa bem apresentável era sinônimo de boa posição social. Visando mostrar como era o estilo arquitetônico implantado pelos açorianos, Nilda Rita dos Santos destaca:

Não se deve esquecer das dificuldades econômicas dos açoritais que fundaram o povoado de São José de Tebiquary, resultando disto uma arquitetura muito simples e pobre, refletindo a situação de carência com que viviam. A medida que o tempo passava, os recursos econômicos ampliavam-se para alguns, não só melhorando a qualidade de vida como também as construções dos prédios. Passa a predominar uma arquitetura de forma retangular, geralmente com mais de uma entrada e janelas colocadas simetricamente (Santos N., 2007, p. 66).

Nilda Rita dos Santos (2007), esclarece que o estilo arquitetônico empregado em Taquari foi principalmente o colonial barroco, muito comum nas ilhas dos Açores. As pessoas mais abastadas financeiramente construía sobrados e apareciam nas fachadas destas construções grades de ferro nas varandas. Segundo ainda a referida autora o “[...] estilo arquitetônico, trazido dos Açores, manifesta-se, também, na construção da Igreja Matriz São José, tanto externa como internamente” (Santos N., 2007, p.66). Ainda em relação à arquitetura, Maria Jaqueline de Moraes informa que “observam-se os telhados com telhas de barro, as construções em forma de “meia água”, as janelas de guilhotina com verga reta ou curva etc “(Moraes, 2007, p.143). A fim de complementar os dados referentes à arquitetura

açoriana, a partir de entrevista realizada na comunidade de Taquari, obtivemos o seguinte depoimento:

[...] A maioria da população era pobre. Então era uma moradia pobre. Primeiro pra gente entender aqui em Taquari. Esses açorianos que formaram/fundaram Taquari, eles não receberam o que lhes foi prometido. Eles receberam as terras, mas eles não receberam nenhum prego. Eles não receberam mais nada. Então eles tiveram que tirar do mato, da mata siliar, dos arredores por aí o que precisavam para fazer as suas casas, foi assim que foi feito. Então muito simples, muito simples mesmo. Era o cipó, era a palha, era galho, era madeira e as condições eram precárias [...] são casas simples, com formas retangulares com janelas colocadas simetricamente uma do lado da outra, e o diferencial dessas casinhas, que elas são bem simples, é a forma às vezes de um detalhe, que identificaria neste detalhe ou em mais de um o status da família, a posição social da família. Então entra assim o que a gente chama de “eira e beira”, a “tribeira”. As casas com varanda, com gradezinhas de ferro, aí já se mostrava o diferencial das famílias, um pouquinho melhor [...] (ER. 2009, p.8).

Ainda referente à arquitetura, Maria Jaqueline de Moraes (2007, p.143) informa que nas residências com características luso-açorianas, o principal é observar coberturas com telhas de barro, as construções em forma de “meia água”, as janelas de guilhotina com verga reta ou curva. Sendo que estas características nos remetem as residências ainda hoje presentes em Taquari e em demais cidades de origem açoriana.

A cultura abrange variadas formas que traduzem-se específicas dependendo do local à que se refere. Segundo José Luiz dos Santos:

[...] Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar de cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma [...] (Santos, 1994, p.22).

Os dizeres que o referido autor Santos (1994) usa em sua citação, podemos comprovar a partir da pesquisa e estudo da alimentação, arquitetura e religiosidade açoriana por nós aqui destacada. Tudo o que se relaciona aos costumes de um povo, o que se refere à sua cultura não é possível separar de sua vivência, das suas práticas diárias, e o conjunto forma o universo cultural que move a sociedade num todo, incluindo pessoas, gestos, ações.

Em relação a costumes como alimentação, arquitetura e a religiosidade, a sua continuidade permeou os anos e está ainda hoje presente em Taquari e Paverama, onde os moradores destas duas cidades praticam com entusiasmo e devoção, principalmente a religiosidade, realizando a reza do terço, as procissões de Corpus Christi, conservando altares internos em suas casas com imagens de devoção, passando a capelinha com o santo de sua devoção de casa em casa, realizando e participando das festas em homenagem aos padroeiros das capelas, preservando os grupos de Irmandades, e enfim usando a alimentação típica de seus antepassados açorianos. Já a arquitetura está mais presente no centro do município de Taquari, que foi o primeiro local em que esses colonizadores se estabeleceram. O município de Paverama, como na época da colonização açoriana pertencia à Taquari, e foi habitado por esses imigrantes, aproximadamente um século depois não traz em suas residências os traços arquitetônicos típicos açorianos ou luso-açorianos.

2 A CULTURA AÇORIANA RETRATADA ATRAVÉS DE COSTUMES GASTRONÔMICOS E ARQUITETÔNICOS

A cultura adquire significados diferentes e marcantes, dependendo da sociedade na qual está inserida. Em uma sociedade como a do Brasil e principalmente do Rio Grande do Sul, tivemos ao longo dos anos uma variedade interessante de elementos culturais, influenciados por diferentes etnias, tais como, os açorianos, alvo deste estudo, que depois dos indígenas Charrua, Minuano, Guarani, Kaingang e negros foram os primeiros imigrantes europeus a colonizarem efetivamente o Rio grande do Sul e muitos desses o Vale do Taquari. Depois chegaram os alemães, italianos, poloneses, entre outros, que participaram da formação da sociedade rio-grandense. Os açorianos em sua bagagem cultural trouxeram costumes, que praticavam nas Ilhas dos Açores, pratos variados de sua culinária, aspectos arquitetônicos que influenciaram as suas moradias e a religiosidade, que foi sem dúvida o aspecto cultural mais marcante trazido para o Brasil e para o Rio Grande do Sul.

Conforme Brandão apud René Marc da Costa Silva (2008, p. 17) “[...] cultura é um conjunto diverso, múltiplo de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura, ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras tampouco, gente ou povos sem cultura [...]”.

A cultura brasileira em grande parte foi formada por grupos étnicos vindos de lugares distantes, principalmente por povos originários do continente europeu e africano, e também por variados grupos indígenas que habitavam as terras, hoje denominadas de Brasil. As culturas que merecem destaque são a indígena, africana, açoriana, alemã, italiana, entre outras. É possível perceber e constatar que a formação cultural rio-grandense teve

contribuição dos aspectos culturais açorianos, já que uma parcela significativa desses imigrantes (colonizadores) estiveram presentes em diferentes regiões do Rio Grande do Sul, destacando a Região Metropolitana (Porto Alegre, Viamão etc), o Litoral rio-grandense, a Região dos Vales do Rio Pardo e Taquari, deixando desta forma marcas significativas na sociedade do Rio Grande do Sul.

De acordo com José Luiz dos Santos:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo, se poderia falar de religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe [...] cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros (Santos, 1994, p.44).

Quando os açorianos vieram para o Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) trouxeram uma rica bagagem cultural, que incluía além da religiosidade – o aspecto mais forte e marcante – delícias culinárias e uma arquitetura barroco colonial com inspiração portuguesa. Então o universo cultural açoriano, não se resumiu apenas à um determinado aspecto, mas sim à um conjunto de fatores que juntos possibilitaram o alvorecer da cultura açoriana que foi inserida em solo catarinense ou rio-grandense a partir do século XVIII (1750-1760).

Segundo Silvino Santin apud Vanderlisa Ferreira Gomes (2008, p. 27), “o universo cultural [...] diz respeito a tudo que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica [...] suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas [...]”.

Os açorianos fixados no Rio Grande do Sul tiveram que além do universo cultural, que sem dúvida foi fundamental na constituição da nova sociedade gaúcha, organizarem-se economicamente, cultivar a terra, mesmo que essa inicialmente fosse bastante reduzida e escassa, ao menos deveria servir para o cultivo de uma agricultura familiar de subsistência, que pudesse alimentar as pequenas famílias. Com a melhoria nas condições de vida, e principalmente com a distribuição das terras e ferramentas prometidas pela Coroa Portuguesa,

os açorianos passaram à investir na produção do trigo em grande escala, e com o enfraquecimento desta, passaram à investir na pecuária. Organizaram-se politicamente, elegendo seus representantes locais, que pudessem reivindicar por seus direitos, construíram casas melhores e mais resistentes, mas acima de tudo amparados pela fé e religiosidade, sendo a Igreja o centro da vida nos primeiros núcleos rurais e urbanos açorianos. Mesmo donos de uma simplicidade notável, os açorianos eram hospitaleiros, ofereciam o que tinham, exercendo com entusiasmo a solidariedade mútua, traços que também influenciaram o universo cultural açoriano.

2.1 Alimentação e arquitetura na bagagem cultural dos açorianos

Os primeiros anos da colonização açoriana no Rio Grande do Sul, iniciada em 1750, foi caracterizada do ponto de vista cultural como sendo bastante difícil, pois ao chegarem no Rio Grande do Sul, inicialmente os açorianos não receberam o que lhes foi prometido, como um pedaço de terra para plantarem e as ferramentas necessárias para exercer as suas atividades diárias na agricultura, restando então como única alternativa por em prática os seus costumes, que até então eram exercidos em sua terra natal. Apegaram-se principalmente na religiosidade e na feitura de deliciosos pratos típicos açorianos, o que fazia com que esses tão sofridos imigrantes lembrassem de sua terra de origem, já que no solo rio-grandense estavam passando por várias dificuldades.

No que se refere à alimentação, na cidade de Taquari, por exemplo, os açorianos tiveram que utilizar o rio para a obtenção do peixe, prato típico de sua culinária, sendo que nas Ilhas dos Açores, praticavam a pesca no mar, portanto a adaptação de um costume praticado em sua terra de origem ocorreu nesse primeiro momento. Ainda em relação ao rio, por ocasião, o rio Taquari, era algo desconhecido dos “ilhéus”, que acostumados com o mar, estranharam a primeira enchente que chegou as suas humildes residências, que pela sua intensidade arrasou com tudo, estes não sabendo como lidar com tal situação, acabaram mais tarde transferindo-se para uma parte mais alta da então cidade de Taquari e Paverama.

Alguns autores como Cleusa Maria Gomes Graebin (2004 e 2006), Elmar Bones da Costa (2004), Maria Jaqueline de Moraes (2007), Nilda Rita dos Santos (2007), afirmam que os açorianos em sua fixação inicial no solo rio-grandense, foram considerados casais sem terra, e que mesmo passando por inúmeras dificuldades nos anos iniciais de sua presença no Rio Grande do Sul, souberam com muito esmero dar a volta por cima, vivendo com o pouco que tinham, sabiam se organizar em comunidade, trabalhavam, exerciam ofícios trazidos dos Açores como ferreiros, carpinteiros, sapateiros, dentre outros. Os primeiros casais de açorianos que colonizaram o sul do Brasil, tinham uma vida simples, com moradias humildes, sem conforto, somente mais tarde com a divisão das sesmarias, alguns conseguiram melhorar de vida e passaram a construir moradias melhores, e em conjunto ergueram inclusive as primeiras capelas, a fim de evidenciar a forte religiosidade que trouxeram para o Rio Grande do Sul. Isso possibilitou a continuidade de sua cultura.

Em relação à este tema, Fredrik Barth (1998, p.156), salienta que cada povo mantém sua cultura mesmo em contato com outros, mas ainda persiste a visão simplista e etnocêntrica de que o isolamento geográfico e social é que tenha propiciado as continuidades culturais.

Os colonizadores açorianos desde um primeiro momento fizeram com que a religiosidade fosse um elo de ligação entre as famílias, pois era preciso reunirem-se para a reza do terço, o que funcionava como um momento de oração e de aproximação entre a vizinhança. Muitas famílias também reuniam-se nas atafonas, para ralar a mandioca que seria transformada em farinha, e lá contavam causos, se alegravam, e muitas meninas inclusive arrumavam namorados, mais tarde já com as procissões aos santos padroeiros, a relação entre as pessoas foi alongada, então já podia-se inclusive escrever recadinhos para os seus pretendentes. No interior das casas também reservava-se um local para oração, onde era colocado santos em locais denominados oratórios. Em todos os encontros, reuniões de família, era servido um delicioso prato típico açoriano, como os doces de calda, o arroz-de-leite, as rosquinhas de polvilho, etc., os colonos procuravam, o que de certa forma lhes permitia manter vivo elementos da ordem cultural da terra de origem em terras brasileiras.

Quando os açorianos enfim receberam as terras a que tinham direito começaram a cultivá-las e a melhorar de vida, e isso passou a ser demonstrado em suas residências, quanto mais abastada fosse a família mais imponente era a sua casa, algumas inclusive construíam sobrados e adornos nas janelas, portas e telhado, quanto mais adorno mais rico era o proprietário. O homem constrói, modifica o ambiente onde vive e amplia esse espaço construindo um sistema de valores, o que chamamos de cultura. Os elementos culturais tornam-se tão importantes, para a sobrevivência das pessoas, como elementos ou condições biológicas, climáticas e físicas.

Sobre esta questão, Helena Copetti Callai comenta:

Os laços locais são significativamente culturais, demonstram a vida, as formas de fazer as coisas, de tratar da natureza, de construir os espaços [...] a cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Ela permite perceber 'os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território na qual vivem ou com o qual sonham' [...] reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas (Callai apud Gomes, 2008, p. 29).

A paisagem geográfica e climática, da Ilha dos Açores e do sul do Brasil era bastante diferente. Os açorianos viviam em um conjunto de nove ilhas, formadas a partir de erupções vulcânicas em meio ao Oceano Atlântico, aterrorizadas por inúmeros cataclismas, lavas de vulcões, terremotos, dentre outras adversidades climáticas. Na ocasião em que este conjunto de fatores entravam em funcionamento, as pessoas se apegavam na religiosidade para invocar à Deus que os salvasse, já que a única saída além do mar, podia ser a oração. Já fixados em solo rio-grandense no ano de 1760, mais precisamente na cidade de Taquari, tiveram que se acostumar as enxurradas provocadas pelo rio Taquari, que margeava suas residências, somente mais tarde foram fixar moradia na colina, parte mais alta da cidade, incluindo a então a colônia de Arroio Grande, hoje Paverama.

Os primeiros colonizadores açorianos trouxeram para o Rio Grande do Sul, e em um primeiro momento para Santa Catarina, muitas de suas tradições, usos e costumes (veja ANEXO 6), deixando raízes em seus descendentes. Trouxeram uma rica bagagem cultural, que foi perpassada adiante, permanecendo até os dias atuais nas comunidades de origem açoriana, como a cidade de Taquari e Paverama, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.

Em suas moradias, nos pequenos núcleos populacionais que formaram, os açorianos desenvolveram a política da boa vizinhança, onde sabiam dividir tudo o que tinham, mesmo sendo pouco, o pouco eram muito, como mostra uma das narrativas resgatadas por nós no decorrer deste trabalho.

De acordo com a depoente ER (2009, p.15) no que se refere à hospitalidade e a divisão da alimentação [...] “a hospitalidade nossa, do povo de Taquari, eu acredito que também do povo de Paverama, que nós herdamos do povo luso-açoriano, que é: eu sou pobre, tenho pouco, mais o meu pouco é do meu amigo, é do meu irmão, é daquele que visita a minha casa, a porta da minha casa está sempre aberta, seja bem vindo, e se eu tenho pouco não faz mal, senta-se à mesa e vamos esse pouco dividir e vamos ficar alegres e contentes [...]”.

Os principais elementos culturais trazidos na bagagem açoriana para o Brasil, e mais especificamente para o Rio Grande do Sul, foi a culinária, os traços arquitetônicos de origem barroco colonial, desenvolvido nos Açores e a religiosidade, com seus diferentes aspectos e formas de reverenciar à Deus em sua vida diária, sendo que toda essa rica variedade cultural começou a ser desenvolvida em solo brasileiro, a partir de 1748 em Santa Catarina, 1750 no Rio Grande do Sul, 1760 em Taquari e 1855 em Paverama com a chegada dos colonizadores açorianos.

2.2 A alimentação vista como elemento cultural

Na culinária, os vários pratos típicos açorianos estão bastante presente na alimentação diária de muitas pessoas, que por ocasiões variadas desconhecem a origem de muitas coisas que ingerem diariamente, não somente os descendentes diretos de açorianos, consomem esses pratos típicos, é o que podemos constatar em narrativas colhidas nas cidades de Taquari e Paverama. Dentre os pratos típicos do colonizador açoriano temos o caldo verde (o atual fervido), que é composto por uma mistura variada de legumes, verduras, que às vezes é complementado com peixes ou na falta desse por carnes de rês e porco ainda nos ossos, quando servido necessita do pão de trigo sovado, outro prato típico açoriano como

complemento indispensável. Ainda nos Açores, os colonizadores utilizavam o peixe como alimento indispensável e por isso este era usado no caldo verde, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, precisavam pescar no rio e na falta de peixe, passaram a utilizar a carne como complemento ao seu fervido (caldo verde).

O peixe, o pescado de uma forma geral, era um prato que necessitava uma certa experiência de pescador, o que também os colonizadores açorianos nos legaram. Para Maria Jaqueline de Moraes (2007, p.143) “Habitados a pescar do alto dos penhascos sobre os rochedos, souberam explorar muito bem a costa marítima catarinense e rio-grandense, que não possui nenhum obstáculo [...] tanto no mar quanto nas lagoas e rios [...]”.

Ainda sobre o mesmo assunto, Maria Jaqueline de Moraes acrescenta que os pescadores atualmente no Rio Grande do Sul adotam as mesmas técnicas utilizadas pelos ilhéus, o que hoje se chama de parelha (grupo de pescadores), lá nas ilhas corresponde à tripulação ou companhia. A linha de varejo é a jogada açoriana, a coca é o mesmo enchelevar, o jererê igual ao camaroeiro, o arrastão assemelha-se à rede de arrastar. A rede ainda apresenta bóias, chumbadas, guias de rede (que chamamos de cabo), poitas, talhas. “Os ilhéus denominam a fiska de bicheiro e, o facho de candela” (Moraes, 2007, p.143).

O rio Taquari teve extrema importância para os primeiros colonizadores açorianos que habitaram o município de Taquari, tanto para a sua chegada, locomoção e a retirada de alimento, como o pescado, utilizado em sua alimentação diária. De acordo com Genuíno Antônio Ferri (1991, p.16) “Os rios exercem inúmeras atividades importantes, especialmente, as de transportar, estabilizar e relacionar os grupos humanos. Em todas as épocas, os cursos de água foram a via de comunicação por excelência”. Ainda para o referido autor:

O rio Taquari-Antas, não foge à regra, pois serviu como estrada líquida por onde foram transportados os colonizadores que se localizaram às suas margens, formando um elo de ligação entre as povoações ribeirinhas e, ainda hoje, continua a servir as populações sob os mais diversos aspectos (Ferri, 1991, p.16).

Para Luís da Câmara Cascudo (2004, p.547-548) A influência portuguesa na alimentação brasileira está presente em nomes relacionados à culinária, à fauna terrestre,

marítima, fluvial e lacustre, à flora utilizável, em larga porcentagem, aos utensílios da cozinha, às provisões (farinha, milho, feijão, arroz), às técnicas (assado, cozido, guisado, refogado, grelhado, pilado), sendo que a maioria necessita quase que exclusivamente do acompanhamento de condimentos vegetais.

Tratando-se da gastronomia açoriana, a entrevistada EA (2009), enfatiza:

[...] lembro com saudades das coisas gostosas que minha mãe e minha vó preparavam [...] as roscas, tradicionais roscas, as roscas até hoje porque agente adora roscas, o meu marido adora rosca, quando era mais novo era chamada de rosqueiro. Então as roscas feitas com polvilho também extraído de mandioca, e cozido em forno de barro, aqueles fornos de rua, que hoje também não existem mais, hoje é o forno elétrico. A canjica feita com milho quebrado, cozido no leite. O bolinho de bacalhau, que era feito somente na sexta feira santa e era muito gostoso, hoje não se faz mais, porque raramente alguma família ainda faz, o bacalhau é muito caro, mas era muito gostoso. A ambrosia feita com ovos, leite e açúcar, um doce delicioso. O arroz de leite, era o arroz cozido no leite, com açúcar, ficava bem cremoso, era colocado em tigelas e por cima canela moída e a gente se lambuzava toda comendo [...] (EA, 2009, p.6).

Na opinião da entrevistada EA (2009), muitos alimentos de origem açoriana ainda hoje estão presentes nas nossas mesas, na verdade grande parte do alimento que ingerimos todos os dias nos remete à essa etnia, mas muitas pessoas não sabem ou desconhecem esse fato, o que de certa forma não é bom, pois faz com que muitos não conheçam essa herança culinária, mais por outro lado não desmerece por completo essa tradição culinária, que merece ser resgata. As receitas que foram ensinadas por sua avó e sua mãe ela guardou vivas na memória e hoje as põe em prática.

As pessoas constroem sua identidade a partir de fatos relevantes, de raízes do passado que foram culturalmente construídas ao longo dos anos. A ancestralidade diz muito sobre o presente de cada pessoa, por isso a importância de construirmos uma identidade cultural a partir de ensinamentos dos antepassados.

Sobre a alimentação açoriana a entrevistada ER (2009) destaca, que:

[...] alguns tipos de alimentação, que já tão muito modificados, mas que nos vamos ver as suas origens, podem estar relacionadas aos Açores. Principalmente na parte de doçaria, muito aproveitamento do leite pra doce de leite, pro próprio queijo. Outra coisa em relação à alimentação, o uso do recurso que eles tinham para fazer, o que hoje eu chamo de sopa, de fervido, que eles chamavam muito de cozido, que é uma coisa, mistura-se o que tem, ferve-se. É pão, é o legume, é a verdura e faz aquela

comida e a maneira de se aproveitar os animais que eles passam à criar, a galinha, o porco principalmente [...] (ER, 2009, p.5).

Luís da Câmara Cascudo (2004, p.626) nos diz que, “As frutas, assim como os bolos e doces, têm uma expressão simbólica na vida social europeia e nesse caráter continuam no Brasil [...]”. Segundo o mesmo autor:

[...] Traduzem os sentimentos de alegria ou de mágoa, expressando congratulações ou condolências, conforme hajam sido enviadas a um aniversariante ou a um enlutado [...]. As frutas podem, em qualquer ocasião, merecer a honra de uma delegação jubilosa ou fúnebre, considerando-se, de modo inequívoco, a delicadeza afetuosa da oferta (Cascudo, 2004, p.626).

Os doces de leite e em calda feitos de frutas diversas eram bastante apreciados pelos colonizadores açorianos, sendo uma prática diária adotada em sua culinária. Alguns autores como Nilda Rita dos Santos (2007), Maria Jaqueline de Moraes (2007), Hugo Ramirez (2005), a entrevistada ER (2009) e a entrevistada EA (2009) confirmam o uso dos doces em larga escala na alimentação dos colonos açorianos, destacando a importância dos doces na culinária típica açoriana. Este costume de servir doces, principalmente às visitas, está presente nas cidades de Paverama e Taquari, bem como nas cidades do litoral gaúcho, como Osório, Santo Antônio da Patrulha e Tramandaí. No município de Paverama prevalece o arroz-doce ou arroz de leite e os doces em calda, também chamados de compotas de frutas, a ambrosia dentre outros na sobremesa diária.

Para Véra Lucia Maciel Barroso (2008, p.134-135), alguns pratos do cotidiano rio-grandense reafirmam a herança lusa (dos continentais e ilhéus) como os cozidos e fervidos. A açorda é apreciada por muitos que repassam às novas gerações o gosto por este prato, ainda preservado. A doçaria é riquíssima, preparada de várias formas que resultam em apreciadas guloseimas, disputadas nos cafés. A lista é grande. A exemplificar: pão-de-ló, arroz doce, ovos moles, suspiros, rosquetes e rosquinhas, sonhos, doces com frutas, etc, além de pães variados, sovados e batidos, em formatos diversos.

Segundo Victor Américo Cabral:

[...] os açorianos dependendo do espaço geográfico em que se estabeleciam, plantavam trigo, abóbora, feijão, couve, cebola, mandioca, batata, milho, nabos, melancias, cana-de-açúcar, cevada, alpiste, aveia, ervilha, centeio; no pomar, cultivavam árvores de espinhos (laranjeiras, limoeiros, bergamoteiras, pessegueiros, bananeiras, amoreiras, pereiras); também cultivavam vinhas, cochoilha, cânhamo e erva-mate (Cabral apud Graebin, 2006, p.217).

Ainda para o referido autor, em se tratando de fabricação de alimentos:

[...] Em algumas propriedades existia uma moenda, espécie de engenho para moer a cana-de-açúcar e fabricar melado, rapadura e açúcar mascavo. Outras possuíam moinho para o fabrico da farinha de trigo. A farinha de mandioca era produzida em atafona, construída pelos colonos junto ao corpo da residência da família. Era um moinho natural ou movido à tração animal, onde se encontrava os fornos, as prensas, o cevador e ad demais peças, engrenagens e utensílios para o fabrico da farinha (Cabral apud Graebin, 2006, p.217).

Os autores Cleusa Maria Gomes Graebin (2004 e 2006), Nilda Rita Alves dos Santos (2007), Flávio Nirceu Jung (2001) e a entrevistada EA (2009), no que se refere a produção de alimentos citam as atafonas, local que servia para moer a mandioca com o propósito de fabricar a farinha de mandioca. Para os autores este local também era um ponto de encontro, onde reunia-se a família e a vizinhança para fabricar a farinha, contar causos e inclusive se fosse possível, as moças aproveitavam para iniciar possíveis “namoricos”.

De acordo com Nilda Rita Alves dos Santos (2007, p.55), além da farinha de mandioca, os açorianos produziam a farinha de trigo, sendo inclusive os percussores da plantação e produção de trigo nas propriedades agrícolas do Rio Grande do Sul, inicialmente essa produção rendeu a esses colonos um bom retorno. Dante de Laytano apud Nilda Rita Alves da Silva (2007, p.56), “mostra que no quadro da produção de trigo do ano de 1787, Taquari aparece com uma produção de 5.884 alqueires, estando assim, colocada entre as primeiras povoações mais produtivas”.

Ainda para Nilda Rita Alves dos Santos (2007), com o passar do tempo, à produção do trigo principalmente, foi ficando reduzida em Taquari, pois os colonos açorianos sem os recursos necessários, não viam prosperidade na agricultura. A referida autora destaca:

Com o passar do tempo, os pequenos domínios agrários foram ficando reduzidos a culturas de subsistência, enquanto aumentava o fascínio pela pecuária, pois o dono da estância conduzia os padrões sociais e possuía o prestígio. Muitos dos açorianos, fundadores da agricultura, passaram mais tarde, para a pecuária sem deixarem de ser agricultores [...] Com a queda do trigo e a falta de recursos, os açorianos passam a plantar para o seu próprio sustento, dedicando-se além do milho, ao cultivo da cana e da mandioca que serviam de alimento para os poucos animais que possuíam e para comparar fora o que mais necessitassem (Santos N., 2007, p.56-57).

Segundo Flávio Nirceu Jung (2001, p.17), a agricultura desenvolvida em Paverama era também de subsistência. “A plantação de mandioca também era largamente efetuada. Seus

derivados eram utilizados para o consumo humano, mas o produto também servia como alimento ou engorda dos animais”. O referido autor salienta que nas fazendas existentes no município de Paverama, a atividade econômica principal era a pecuária, já que as terras eram em grande parte, propícias à criação de gado, por serem campos abertos, com pouca mata nativa. A busca por terras no lado sul do município se deu principalmente devido ao lucro proporcionado pelo gado, que era levado para as áreas das charqueadas. O Rio Grande do Sul, no final do século XVIII e durante todo o século XIX, exportava em grande escala carne seca para o resto do país.

Para Trasel apud Flávio Nirceu Jung (2001, p. 17), em relação às fazendas localizadas no lado sul do município de Paverama, estas apresentavam vários açudes que serviam como fonte de energia para mover as rodas de água, que movimentavam as atafonas, que produziam farinha de mandioca, usada largamente na alimentação diária dos colonizadores açorianos. “A alimentação era completada com pequenas plantações de feijão, milho, arroz, lentilha etc. Todas essas culturas eram praticadas como lavouras de subsistência, servindo, portanto, para o consumo próprio das unidades produtivas” (Jung, 2001, p.18).

Segundo Vanderlisa Ferreira Gomes:

É sabido que no imaginário popular europeu do século XIX, a América era sinônimo de abundância alimentar, identificada inclusive pela via de alguns agentes de imigração. Não é de se estranhar, pois, que a memória coletiva tenha sido particularmente sensível ao inscrever a eventual escassez, ou mesmo a invocada falta de alimentos, como uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, quando é concreto o fato de que a fome foi à causa fundamental de imigração (Gomes, 2008, p.43).

O início da colonização açoriana no Rio Grande do Sul, bem como nas cidades de Taquari, Paverama e demais cidades de origem açoriana foi marcada por intensas dificuldades em diferentes aspectos, como não poderia deixar de ser diferente, na alimentação isso também ficou evidente. A escassez de alimentos fez com que os colonos açorianos desenvolvessem uma agricultura variada, que mesmo rudimentar atendia as suas primeiras necessidades, quando a agricultura não lhes possibilitou um maior rendimento, alguns ousaram em investir na produção de gado, sendo que a pecuária tornou-se a principal atividade econômica, no que se refere à região, hoje denominada de Paverama isso ficou evidente, devido à grande quantidade de fazendas presentes neste território no final do século XVIII e início do século XIX.

Os descendentes de açorianos no Rio Grande do Sul atualmente estão inclusos a outras etnias, misturaram-se ao longo dos anos aos descendentes de alemães e italianos que para o solo gaúcho também vieram ao longo do século XIX, como não poderia deixar de ser manifestam os seus costumes através de uma culinária própria, que está inserida no cardápio de praticamente todas as cidades rio-grandenses, porém mais enriquecido nas cidades típicas de origem açoriana, como Taquari, Paverama e algumas cidades do litoral gaúcho. Ao chegarem ao Rio Grande do Sul, utilizaram-se de variados dotes culinários trazidos dos Açores e complementaram e/ou substituíram a receita típica açoriana aos alimentos que encontraram. No Rio Grande do Sul muitas das práticas alimentícias dos antigos colonizadores açorianos, continuam presentes no que se refere à gastronomia e são largamente utilizadas por muitas famílias descendentes de açorianos ou não.

Cabe ressaltar que mesmo existindo festas típicas açorianas nas cidades por nós pesquisadas, Taquari e Paverama, nenhuma utiliza em seus eventos festivos a alimentação típica dos descendentes açorianos que colonizaram estas duas cidades, até por se tratar de uma alimentação simples é utilizada somente no interior das residências pelas famílias e pelas visitas que com frequência experimentam determinados dotes culinários oferecidos em cada visita. Muitos costumes de origem açoriana permanecem preservados no interior das cidades de Taquari e Paverama. Em relação a esse assunto a narrativa de ER aponta:

[...] Aquele ritual da matança do porco que até hoje, não se faz como um ritual, mais as famílias mais para o interior ainda mantém aquele costume, vão carniar um porco, dá, leva um pedaço pro vizinho, um pedaço pro outro vizinho, de casa em casa. Isto é uma coisa assim, é o legado tradicional. Eles hoje, nós estando no século XXI, eles ainda fazem a *matança do porco* lá com toda essa pompa. Só que daí eles vão fazer com pompa mesmo, não como nós aqui, eles fazem cantoria na casa da pessoa que tá carneando um, dois, três porcos e fazem esta divisória, de pedacinhos do porco para o seu vizinho, o vizinho por sua vez vai fazer quando ele carnear, de repente tu tá em casa, bate na porta: *a mãe mandou, o pai mandou um pedacinho do porco né, da carne do porco*. Isso se faz não só com o porco, às vezes com o gado, e geralmente é com o porco que se faz lá a morcilha, a morcela, a lingüiça e vai distribuindo um pouquinho pro vizinho [...] (ER, 2009, p.5 grifo nosso).

Os primeiros imigrantes/colonizadores açorianos trouxeram para o Rio Grande do Sul uma grande variedade gastronômica, mas aqui tiveram que se adaptar às condições

geográficas e físicas dos locais onde se fixavam. Portanto, a alimentação sofreu influências locais/regionais e também inovações. De acordo com o depoimento de ER (2009, p.7) “E a inovação foi assim pra eles, o cultivo da mandioca, que eles aprenderam a fazer a farinha da mandioca”.

Toda a culinária típica açoriana por nós descrita, enuncia traços da cultura açoriana, que demonstram que mesmo passado tantos anos da colonização açoriana no Rio Grande do Sul, em Taquari e Paverama permanecem sendo utilizados em larga escala na mesa das famílias que compõem essas duas comunidades em especial. A gastronomia é um importante símbolo de identificação étnica, no caso a culinária típica açoriana traduz uma cultura, que foi por sinal a primeira cultura européia inserida na região do Vale do Taquari e nas cidades acima referidas.

Os descendentes de açorianos, uma minoria mantém algumas ligações com a cultura e sociedade de origem, é o caso da entrevistada ER (2009) que tem forte ligação com a Ilha dos Açores, de onde vieram os seus antepassados, inclusive já fez viagens para lá e sempre que pode mantém-se informada dos acontecimentos açorianos atuais. Em uma de suas viagens trouxe inclusive algumas recordações e fontes bibliográficas que doou a Casa de Cultura do seu município. Esta é uma maneira bastante propícia de manter a identidade étnica, que é um fator importantíssimo para a preservação e perpetuação da cultura.

Constatamos através das entrevistas realizadas que, os elementos da cultura açoriana que ainda persistem na vida dos descendentes ou das pessoas inseridas nas comunidades pesquisadas, são principalmente ligados à religiosidade, em diferentes manifestações: procissões, reza do terço, altares internos de devoção, Irmandades religiosas, e também no que diz respeito à gastronomia e a arquitetura herdada dos açorianos. As comunidades de origem açoriana, ou seja, que tiveram o açoriano como primeiro colonizador preservam os seus costumes e tradições, perpassando para seus filhos e netos. Os descendentes de açorianos são um povo simples, humilde e hospitaleiro.

Isto porque segundo José Luiz dos Santos (1994, p. 44-45), a cultura deve ser entendida como “uma construção histórica [...] é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social”.

A cultura sendo uma construção histórica é capaz de permanecer inserida em uma sociedade e na vida das pessoas que a compõem, sendo que os costumes de um povo, no caso do açoriano, incluindo aspectos culinários e/ou alimentares são uma amostragem da perpetuação cultural açoriana, pois permanece em perfeito uso e degustação das pessoas que compõem o contexto das comunidades pesquisadas nos municípios de Paverama e Taquari.

2.3 A arquitetura - uma forma de demonstrar a cultura açoriana

Nas cidades de colonização açoriana foi empregada uma arquitetura simples e modesta, tanto nas primeiras residências como nas igrejas. O estilo arquitetônico empregado foi o colonial barroco. Nas cidades pesquisadas por nós, Taquari e Paverama não existe nenhuma residência que tenha sido construída propriamente por colonizadores açorianos, permanece somente o estilo arquitetônico que foi empregado pelas gerações que sucederam esses primeiros colonos em algumas residências. Na cidade de Taquari somente a Igreja São José (verifique ANEXO 7) é contemporânea dos primeiros colonizadores açorianos, mas no decorrer dos anos sofreu influência e modificações em sua estrutura. Já a cidade de Paverama não apresenta nenhuma residência típica açoriana, sendo que o município na época pertencia à Taquari, e foi neste que as residências mais imponentes e reforçadas foram construídas, permanecendo até hoje. Em Paverama, existe somente uma igreja onde o estilo colonial barroco foi empregado, trata-se também da primeira igreja construída na cidade e que recebeu influência do estilo empregado pelos primeiros colonizadores açorianos. A cidade de Taquari é uma das únicas no Vale do Taquari, que mantém uma arquitetura colonial barroca, que remete à cultura açoriana.

Os imigrantes açorianos que vieram para o Rio Grande do Sul, originários das Ilhas dos Açores, eram pobres, com pouco ou nenhum bem de propriedade sua, vieram na confiança de que no Brasil e também em solo rio-grandense as coisas iriam melhorar, teriam uma farta alimentação e que acima de tudo ganhariam os lotes de terra, as sementes e as ferramentas necessárias para plantar. Porém em um primeiro momento isso não aconteceu, tiveram que se adaptar ao que lhes foi oferecido, tiveram que construir as suas casas bastante

simples e rudimentares com o que conseguiam retirar das matas (madeira e capim) e barro da encosta do rio. Sobre as primeiras residências construídas por açorianos a depoente ER aponta:

[...] A localização desse assentamento urbano dos primeiros açorianos, dos fundadores da cidade de Taquari foi no que nós vamos à praia hoje, o bairro Praia, que é uma localidade às margens do Taquari. Então na primeira enchente grande que teve, levou essas casinhas deles, que já eram *pobrinhas*. Era daquelas taquaras e galhos e troncos de árvores. Então a primeira enchente grande que teve levou. E por que eles aceitam essa localização? Essa fixação bem nas barrancas do rio? Porque eles são das ilhas dos Açores, onde não há em nenhuma dessas ilhas, não há rios. Lá tem ribeiras. Então não há rios, eles não conheciam o que é uma enchente, o que seriam as cheias. Então a primeira enchente que deu, levou tudo. Eles se apavoraram. O pouco que tinha que não era quase nada a enchente levou [...] (ER, 2009, p.9 grifo nosso).

Referente ao mesmo assunto citado anteriormente, Francisco Riopardense de Macedo (1983, p.66) destaca que “As unidades de residência mais antigas desapareceram. O material de que dispunham para construí-las e o processo rudimentar de construção não resistiram à ação do tempo”. Essa afirmação vem reforçar a idéia de que as primeiras moradias açorianas foram feitas de um material simples e frágil que não resistiu ao tempo, nem às fortes chuvas e ventos, nem as enxurradas, no caso da cidade de Taquari, às cheias do rio Taquari.

Segundo Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.221), a imagem construída e sonhada pelos açorianos, antes de partirem para o Brasil era de quando chegassem à este país teriam terra, a casa, o galpão, o pomar, a horta, o poteiro, o chiqueiro e a mangueira com animais, porém quando chegaram ao Brasil, ao Rio Grande de São Pedro, os primeiros casais açorianos tiveram que esperar por aproximadamente vinte anos para se fixarem, e por fim poder concretizar o seu sonho doravante almejado. Desta forma as primeiras habitações eram precárias. De acordo com a referida autora:

Os açorianos, como suporte de um projeto colonizador pautado por motivos políticos, econômicos e religiosos, tiveram o seu cotidiano direcionado para o trabalho e sob o domínio da religião. Este cotidiano foi construído nos diversos espaços por eles habitados. A habitação não pode ser considerada isolada do movimento da história. O espaço habitado instala-se na dimensão do vivido, no universo do imediato, reconstruindo espaços e produzindo multiplicidades de sentidos em correspondência com os imaginários sociais do grupo envolvido (Graebin, 2004, p.222).

Para Nilda Rita Alves dos Santos (2009, p.66) os primeiros açorianos que fundaram São José de Tebiquary enfrentaram dificuldades econômicas e isso não poderia ser esquecido, o resultando disto era visível em uma arquitetura muito simples e pobre, que refletia a situação de carência com que viviam.

Segundo Cleusa Maria Gomes Graebin , a organização dos casais deveria ser assistida em termos espirituais, devendo lhes ser oferecida a proximidade com a igreja, pois assim ficaria assegurado o controle jurídico e espiritual sobre as famílias. “As casas nas quais os casais habitariam, nas povoações a serem levantadas para acomodá-los, deveriam ser de taipa, cobertas de palha” (Graebin, 2004, p.222).

De acordo com Daniel Roche temos:

[...] a casa está no centro da vida humana, [...], é a marca mais visível da ocupação humana desde os mais recuados tempo, [...] A casa começa por ser o principal lugar de proteção. É um abrigo que protege dos elementos, das variações sazonais do clima, mas também dos animais selvagens [...] Este papel de acolhimento e segurança atravessa as eras e assombra as consciências. A casa é também um instrumento de trabalho; abriga as colheitas e o gado, as carroças e as máquinas (Roche apud Graebin, 2004, p.223).

Em relação às primeiras casas construídas por açorianos, o autor Francisco Riopardense de Macedo (1983) aponta diferenciações entre as residências rurais e urbanas, que mesmo sendo construídas a partir de um mesmo estilo arquitetônico, o colonial barroco, variavam nos modelos, no material usado do campo para a cidade.

Segundo Francisco Riopardense de Macedo, mesmo não tendo encontrado nenhuma casa em sua feição original no Rio Grande do Sul, explica-se mesmo assim a casa rural por duas razões: primeiro porque foi a partir dela que a casa-em-fita urbana foi gerada, e segundo porque ela abrigou equipamento cuja denominação de uso e posição chegou até os dias atuais. “A distinção principal entre uma e outra destas residências é que a casa rural desenvolve-se da frente para os lados e a urbana, da frente para os fundos, adaptando-se, como é lógico, ao terreno encravado” (Macedo, 1983, p.67).

Na concepção de Francisco Riopardense de Macedo a casa rural representava as seguintes características:

É um retângulo limitado por grossas paredes, que recebe, num dos cantos, o forno, de dimensões avantajadas e que tem no equipamento da cozinha função de destaque. “O visitante sempre entrará pelo *meio da casa*, espécie de sala-de-estar, às vezes com piso de madeira e sempre com um tablado ligado à janela principal, onde duas ou três moças ou senhoras sentam-se para olhar a rua, bordar, tagarelar e costurar as peças do vestuário [...] Na mesma peça haverá mesa e, numa das paredes, a copeira: cavidade com prateleiras para guardar louças e as mais preciosas lembranças da família [...] a copeira bem na frente, com seus pratos, seus santinhos e fotografias, pequenas relíquias de toda a família”. (Macedo, 1983, p.67).

Francisco Riopardense de Macedo a casa rural açoriana, ainda acrescenta que o meio da casa ainda é limitado por paredes geralmente de madeira, ficando de um lado a cozinha, do outro, o quarto e as camas. A cozinha é semelhante à da casa urbana, com forno, lar, trempe e chaminé, estas eram estreitas mas com toda a largura do fogão. O chão era de terra batida e o forno esférico. Esses elementos, de acordo com Macedo “participaram da nossa vida evocando o ‘mobiliário’ açoriano” (Macedo, 1983, p.68). (observe ANEXO 8) Ainda para o referido autor, na área urbana esta planta se altera, sendo assim ele destaca:

[...] A cozinha, com seu “lar” e forno, sua “copeira” e “trempe” deixou de ter posição em linha com as outras duas peças e foi deslocada para trás, nela se farão as reuniões e os trabalhos domésticos diurnos. As outras duas peças se tornaram área de recolhimento [...] Maiores comodidades são reveladas pelos armários embutidos semelhantes à copeiras. A *falsa*, dormitório no telhado, continua com acesso sobre o quarto maior. E, finalmente se verifica que na casa urbana ou na residência encravada, os quartos são defendidos das áreas de circulação diurna pela presença do corredor. Verifica-se em muitas destas casas modestas, que apenas um dos quartos dispõe de assoalho e nele, além da cama há quadros com fotografias pelas paredes e uma mesa com toalha alvíssima para receber os objetos mais preciosos da família: vasos, lampiões, caixas de jóias, estatuetas e santinhos de várias cores e tamanhos (Macedo, 1983, p.69).

Em relação à mesa com toalha alvíssima citada, atualmente observamos que as mesmas permanecem tanto na cidade de Taquari como na cidade de Paverama, só que agora com outra denominação: oratórios, os quais servem para guardar e/ou expor imagens de santos de devoção, sendo um costume religioso típico açoriano preservado e cultuado ao longo dos anos.

Ainda em relação às residências urbanas açorianas, Francisco Riopardense de Macedo acrescenta que as mesmas apresentavam um cozinha que vai alargando à medida em que se julgava necessário, algumas tinham a largura da casa, recebendo do lado oposto o forno, um piso de madeira que serve às refeições e ao estar de toda a família (veja ANEXO 9). O autor define também que:

Algumas das casas rurais e urbanas adotam planta um pouco diferente quando os serviços de preparação de alimentos para estocagem (queijos, salmouras, pão, salames e doces) são muito significativos. A cozinha, então, de dimensões bem maiores, é construída completamente separada da casa pelo temor de incêndio [...] (Macedo, 1983, p.71).

Segundo Daniel Roche Rural ou urbana

[...] a casa é o espaço em que se desenvolve a vida familiar, onde encontramos as nuances da intimidade dos indivíduos e da vida doméstica e onde são vivenciados os laços afetivos. A casa congrega, condensa o passado e o futuro no espaço habitado, construído outrora e modificado por gerações sucessivas que unificaram os modos de o arranjar. Objectos contidos e vidas de gente inscrevem nela as linhas de força da vida família [...] (Roche apud Graebin, 2004, p.223).

Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p. 223-224) esclarece que as casas da maioria dos açorianos que se estabeleceram no Rio Grande de São Pedro, seja nos arranchementos, seja nas terras a eles concedidas, eram revestida de um caráter de simplicidade: ranchos de taipa, cobertos de palha, destacando que mesmo a casa sendo humilde, simples ou com a agregação de condições de conforto, funcionava como um lócus privilegiado do cotidiano dos açorianos. As primeiras casas dos açorianos aproveitaram o material existente no meio. Em torno do rio Jacuí, certamente usou-se o barro e galhos para taipa e a palha santa-fé para o teto. No litoral, usou-se barro e galharia para as paredes e junco para cobertura. Alguns ranchos tinham como cobertura, telhas em estilo português. As famílias com mais posses edificaram residências com tijolos e reboco, cobertas com telhas e com janelas.

Sobre material retirado das matas e do rio para a construção das primeiras casas, em Taquari isso também ocorreu, sendo que os primeiros colonizadores açorianos recorriam ao rio Taquari, assim como ocorreu nas margens do rio Jacuí (já citado por Graebin, 2004) iam em busca de barro como complemento para o material utilizado a ser utilizado em suas

construções. De acordo com entrevista obtida por nós, a depoente ER (2009) confirma esta hipótese, de que as primeiras casas eram simples e foram construídas a partir do material colhido na mata siliar e do barro retirado da barranca do rio Taquari.

De acordo com a entrevistada ER (2009, p.3) os açorianos que colonizaram Taquari fizeram as suas casas com o que eles tiravam do mato, da barranca do rio. Provavelmente eles tiraram as taquaras, os galhos e troncos de árvores, cipós, o barro e fizeram as suas casas de acordo com a planta urbana traçada na época para a cidade, onde tinha a praça, as ruas, a igreja.

Para Nilda Rita dos Santos (2007, p.66) na cidade de Taquari à medida em que o tempo passava, os recursos econômicos ampliavam-se para alguns, não só melhorando a qualidade de vida como também as construções dos prédios. A partir disso assa a predominar uma arquitetura de forma retangular, geralmente com mais de uma entrada e janelas colocadas simetricamente (verifique ANEXO 10).

Em relação ao processo construtivo das primeiras casas açorianas variavam pouco de uma para a outra. Segundo Francisco Riopardense de Macedo (1983, p.91), as casas mais antigas usavam taipa de barro, uma espécie de casebre das estâncias, que era a unidade residencial mais pobre. O processo construtivo relacionaria a cidade com a zona rural pela habitação mais modesta, havia dificuldade de conseguir tijolo devido ao preço deste, o que levava as famílias mais pobres a adotar um processo de construção simples, onde uma casa ficava emendada na outra (o que foi denominado de casa-em-fita), desta forma aproveitava-se melhor as paredes das casas, que serviam tanto para uma residência quanto para outra.

Ainda para Francisco Riopardense de Macedo, os sobrados realizados com mais esmero apresentavam algumas soluções elegantes, os umbrais das portas, assim como as vergas e os peitoris das janelas, eram formados de grandes peças de pedra, bem aparelhadas e alisadas que se destacavam ritmando a fachada e rematando o restante da parede em pedra irregular, rebocada e caiada. Ainda para o referido autor:

No processo construtivo das paredes internas destes sobrados e mesmo nas das casas menores eram usados materiais locais sem elaboração especial. O que valia nele e interessava muito era uma habilidade especial de tramar e amarrar paus roliços com taquara, usando cipó ou tento de boi [...] Os esteios verticais eram fixados em caibros mais grossos no piso e na altura das tesouras, geralmente apontados e introduzidos nestas peças horizontais [...] A estrutura assim realizada era preenchida com barro, algumas vezes misturado ao capim e rebocadas e pintadas de ambos os lados (Macedo, 1983, p.92).

Complementando sobre o processo construtivo das residências, Francisco Riopardense de Macedo ressalta:

Os elementos da fachada e detalhes internos tiveram, necessariamente, uma evolução paralela à evolução dos processos construtivos [...] Além dos cunhais nos cantos do prédio, surgem pilastras entre janelas criando novos ritmos na fachada, que vão determinar o friso, o beiral, elementos enriquecedores do suporte deste [...] As janelas de guilhotina, de dimensões reduzidas, geralmente menores ainda no piso superior, tinham vidros pequenos e no térreo [...] Muitas vezes estas janelas foram, nas pequenas residências urbanas, o único ornato de toda a fachada, como se pode verificar [...] em todas as cidades do roteiro de formação luso-brasileira [...] O forro das peças nas residências mais antigas era muito simples, pois não dispunham, ainda de máquinas para trabalhar a madeira em macho-e-fêmea [...] No caso dos sobrados, quando o térreo era usado para depósito de escravos ou casa comercial, o forro não existia; todo o requinte ficava reservado ao andar superior [...] (Macedo, 1983, p.93-94).

Em relação à arquitetura empregada em Taquari, a entrevistada ER (2009, p.9-10), esclarece que não restando nenhuma das primeiras casas construídas às margens do rio Taquari pelos primeiros colonos açorianos, estes se afastam e vem formar o seu núcleo urbano, bem mais pra cima da onde era originalmente a primeira fundação, onde é hoje o centro da cidade de Taquari, com a Igreja e a praça, que se repararmos bem é encima de uma coxilha. As poucas casas que restam, seja no bairro Praia, já são construídas depois dos primeiros colonizadores açorianos, mesmo assim muitas dessas casas, que mesmo simples são muito bonitas, o tempo já se encarregou de destruir. E até por falta de conhecimento da população e de autoridades, não só as da cidade de Taquari, como a população, os proprietários dessas residências dependem de recursos estaduais e federais, nunca se deu a devida atenção e muitas já caíram. As poucas que ainda restam por influência e por própria determinação do proprietário, mantém pelo ou menos ainda a fachada, mais é um número bem reduzido (verifique ANEXO 11).

Em relação ao estilo arquitetônico empregado nas casas, a depoente ER aponta:

[...] o estilo é o colonial barroco ou o colonial português, porque era o estilo, eles estão vindo, trazendo o conhecimento, a vivência que eles tem, a vivência deles. Então como nos Açores eles são portugueses, a gente costuma dizer que a cultura lusa açoriana porque o açoriano é português, luso. Então ele traz os seus costumes, as suas tradições, ele traz a sua forma de vida e como ele é português, ele vai trazer a sua arquitetura portuguesa, a forma como ele construía as suas casas lá. Então ele vai trazer essa forma pra cá e não outra, se Taquari fosse fundada vamos dizer por japoneses, a arquitetura seria no estilo japonês, mas então por isso, cada povo traz a sua bagagem de conhecimento, não vão construir de uma outra forma, porque eu não tenho o conhecimento. O meu conhecimento é uma forma como eu já vinha construindo o meu conhecimento, a minha moradia, que vai passando de pai pra filho (ER, 2009, p.9).

A Igreja Matriz São José, que hoje se encontra no centro da cidade de Taquari é contemporânea dos primeiros açorianos que colonizaram Taquari, ao longo dos anos sofreu modificações em sua estrutura, até inclusive por situações curiosas, como o incêndio na torre no ano de 1967, que destruiu a torre, os dois sinos e o relógio. Conforme Ata de 19/03/1968 da Irmandade São José que por nós foi consultado, contém o relato de que:

[...] atendendo ao notável esforço comunitário taquariense para a recuperação do notável templo, parcialmente destruído irrompido dia 4 dezembro de 1967, cerca das 13:30 horas, na torre, destruindo suas instalações, os três sinos e o antigo relógio. Na oportunidade, acudiu grande massa popular para ajudar a dominar o sinistro [...] empenhando-se grande número de pessoas adultas [...] algumas com risco inclusive para sua integridade física, sem distinção de credo religioso [...] (Ata de 19/03/1968-Ata da Irmandade São José. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.185).

Ainda no mesmo Livro de Atas da Irmandade São José encontramos dados referentes às providências tomadas pela Irmandade São José em relação ao incêndio na torre da igreja, sendo assim obtivemos:

[...] Passado o impacto do inefasto acontecimento, reuniu-se esta Irmandade, sob a presidência do infatigável Vigário para deliberar sobre as providências para a restauração da vetusta Igreja. Ficou acertado que a Irmandade assumiria o encargo da obtenção dos meios para aquele necessário fim, tendo os irmãos, além da contribuição pessoal de cada um, em sua grande maioria secundados pelo Vigário [...] as várias mensagens recebidas à propósito do triste ocorrência, destacam-se a que, em nome do Exmo. Senhor Presidente da República Marechal Arthur da Costa e Silva, ilustre filho desta terra, foi enviada por seu Secretário [...] (Ata 19/03/1968-Ata da Irmandade São José. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.185).

Sobre o estilo arquitetônico empregado na Igreja São José, a entrevistada ER (2009) define:

[...] Ela leva o nome de São José em homenagem ao rei na época, de Portugal era Dom José. Então se achou por bem e em homenagem ao rei de Portugal colocar o nome da Igreja, como o nome do povoado de São José de Tebiquary, padroeiro então sendo São José. A construção da nossa Igreja Matriz então é simples, também a forma é colonial, as paredes são grossas, as pedras da construção são retiradas aqui do local, mantém – se o estilo português no templo, que é um altar principal, ladeado de dois menores. Então se tu entra na nossa Igreja tu vai ter o altar – mor, o altar principal, de cada lado um altar menor. A construção é simples, mas ela é muito bonita, talvez mesmo por essa sua simplicidade. O teto é em forma de abóbada, mantendo sempre esse mesmo modelo, esse mesmo padrão. E é isso que eu tenho a dizer sobre a Igreja. Não eu esqueci de uma coisa importante, que essa Igreja então, que recebe como padroeiro São José em homenagem ao rei de Portugal, que era Dom José, ela recebe do rei Dom José, uma imagem de São José e madeira. Essa imagem de São José em madeira, vinda de Portugal ainda se encontra na Igreja. É claro que hoje ela está guardada como uma relíquia e tem uma cópia no lugar, mas a imagem verdadeira, a primeira, ela ainda existe, e só ta chaveada, sai nas procissões, uma vez por ano na festa de São José ou em um evento que precise, mais de mais a mais o restante do tempo fica chaveada, guardada (ER, 2009, p.11) (observe ANEXO 12 e 13).

Já no município de Paverama não existe nenhuma casa/residência com o estilo arquitetônico herdado dos açorianos, já que na época da colonização, o então município era pertencente ao município-mãe Taquari. Somente a partir de 1855-1860 os primeiros colonizadores açorianos estabeleceram-se no atual território pertencente à Paverama, e provavelmente devido à construção das primeiras moradias ser muito simples não resistiram ao tempo. As casas mais antigas que hoje localizam-se na cidade de Paverama são todas com influência alemã, já que os colonizadores alemães sucederam os açorianos na colonização do solo paveramense. Remetendo à cultura açoriana existe uma igreja/capela no interior do município, na localidade de Santa Manoela que foi construída no início do século XIX, na qual os construtores utilizaram-se do estilo arquitetônico barroco para erguê-la e incrementá-la. Esta igreja também tem como santo padroeiro e de devoção São José, recebendo portanto o mesmo nome da Igreja de Taquari e tendo sua comemoração anual também em 19 de março (veja ANEXO 14).

Em relação ao estilo arquitetônico empregado na Igreja São José de Paverama, em entrevista realizada, o depoente EK revela que a mesma não é gótica¹², que era o estilo empregado pelos alemães, portanto é barroca¹³:

Mais isso é elementar, a Igreja gótica ela tem as torres, os campanários, aí as cordas de puxar o sino ficam lá dentro do campanário e a barroca é que nem isso aqui ‘ó’, é quadrada e arredondada depois por cima e o campanário chega por fora e é o que

¹² Igreja Gótica apresenta torre alta com o sino em seu interior (EK, 2007, p.4)

¹³ Na Igreja Barroca o campanário fica do lado de fora da Igreja e não tem torre no alto do telhado (EK, 2007, p.4, observar no anexo 15).

acontece aqui, onde a única coisa pra dizer bem a verdade que não está mais aqui original é justamente o campanário, ele agüentou oitenta anos mas tivemos que arrancar ele porque apodreceu e tava sujeito o sino cair, 'mais' pode olhar agora a estrutura lá foi feita em concreto e é isso aqui é gozação aqui, o que os velhos sabiam fazer antigamente, isso hoje é gozação, aqui 'ó' daqui uns dias vão ter que trocar. Ah o que durou oitenta anos ali, de madeira, madeira não tem nenhum prego! Nenhum prego! Era todo encravado e aqui hoje em dia, aqui 'ó' mas pode derrubar essa coisa que não vai cair, é e esse concreto que fazem hoje em dia, com aqueles arames fininhos *ali não sei* nem tem graça nenhuma. Eu puxo o sino a quarenta eu não vou dizer, [mais ou menos] quarenta anos, e, é assim (EK, 2007, p. 4) (verifique ANEXO 15).

Francisco Riopardense de Macedo esclarece que em relação à planta que era traçada nas residências açorianas, na cidade, a mesma tinha que se adaptar às limitações do espaço urbano. Mesmo nos sobrados mais importantes, o pátio para a carruagem, o poço e a área de serviço dos escravos eram limitados por muros altos e bem fechados que os separavam das propriedades vizinhas. Em casas menores, de um só piso, o pátio de serviço é mantido, tendo aos fundos o depósito e alojamento de empregados, unidos ao corpo da casa por um corredor. “Já as populações de menores recursos a planta assumia o esquema mais simples. Porta e janela na fachada, uma sala ligada por corredor a outra sala tendo entre elas uma terceira peça sem ar nem luz diretos” (Macedo, 1983, p.88).

Em se tratando do traçado de planta urbana das cidades (observe ANEXO 16) com colonização açoriana, a depoente ER aponta:

[...] que foi Taquari então o primeiro povoado com uma planta urbana traçada e esta planta urbana traçada está reconhecida em 1764. Houve antes mesmo de 1760, muitos povoados açorianos espalhados pelo Rio Grande do Sul, mas com planta urbana traçada, Taquari foi o primeiro [...] (ER, 2009, p.2-3).

Ainda segundo Francisco Riopardense de Macedo, em grandes áreas vazias, que separavam os povoados encontravam-se as estâncias.

Povoação, era, então, apenas a construção de residências relacionadas com a administração (Câmara de Vereadores) em torno da igreja, recém elevada à condição de capela curada ou paróquia, com pequeno comércio de abastecimento. Estância era a instalação rural dedicada à pecuária [...] A apropriação de grandes áreas, feitas pelo sistema de concessão de sesmarias aos que tivessem reunido ponderável quantidade de gado alçado [...] tiveram efetiva importância na conservação do território para a coroa portuguesa, o que, afinal, era o verdadeiro sentido de tais concessões (Macedo, 1983, p.75-76).

Para Flavio Nirceu Jung as estâncias que se formaram na cidade de Paverama a partir do final do século XVIII pelos colonizadores açorianos “Na medida em que os primeiros

colonizadores chegavam nessas terras, solicitavam sesmarias das referidas terras do governo provincial, por serem terras devolutas. Uma sesmaria equivale a cerca de 13.068 hectares” (Jung, 2001, p.17).

Ainda para Pe. Alberto Trasel apud Jung (2001) é esclarecido o seguinte:

[...] as primeiras fazendas que existiam no atual território que compõe o município foram a Boa esperança, de Manuel Francisco de Jesus Fazenda; a Fazenda São Pedro, de Manuel Travassos; a fazenda Bom Jardim, de João Pereira da Silva; a Fazenda São Paulo, de Manuel Machado de Souza; a Fazenda Cachimbos, de Albano da Costa; a fazenda de Vila Rica, de Miguel Luiz da Silva; a Fazenda Três Irmãos, de Guilherme, Ernesto e N. N. Herder; e as Fazendas de Sant’Ana e Cantagalo, pertencentes a Antônio de Azambuja (Trasel apud Jung, 2001, p.17).

Segundo Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.230) A habitação dos açorianos, na segunda metade e final do século XVIII, restringiu-se, na maioria dos casos, ao indispensável para o seu abrigo, repouso, refúgio e trabalho. A casa dos primeiros casais açorianos era geralmente de taipa, coberta de palha e, em raros casos, de telhas (veja ANEXO 17). Não eram os móveis, os utensílios domésticos e as vestes que distinguiam ricos e pobres, mas a quantidade de animais vacuns e cavaleares, o número de escravos e a quantidade de braças de terras que cada um possuía.

Por fim, a arquitetura insere-se num contexto de readaptação ao estilo empregado pelos açorianos nas Ilhas dos Açores. De acordo com Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p. 231) “No esforço que tiveram de fazer para a sua adaptação, recorreram a algumas estratégias, como a de recriar aspectos de sua cultura, recorrer as formas de interação social com os grupos já estabelecidos e ao esforço de apropriação da natureza”.

Ainda para Graebin (2004), os terrenos destinados para a ocupação açoriana eram em sua maioria firmes e férteis, e também ofereciam materiais para a construção das moradias. Os açorianos tiveram que aproveitar o que o meio ecológico oferecia para a construção de suas casas, afirmando:

[...] Trabalhavam o barro (se o solo fosse argiloso), buscaram galharia (para o pau-a-pique) e capim (para a cobertura) nas matas. Este foi o esforço de adaptação e apropriação da natureza, uma vez que a arquitetura regional mais difundida, de origem rural das ilhas dos Açores, era a casa de pedra coberta de palha [...] (Graebin, 2004, p.240).

A arquitetura típica açoriana, de estilo colonial barroco desenvolvida ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX no Rio Grande do Sul, nas regiões com forte presença açoriana, como a região sul do Vale do Taquari, mais precisamente os municípios de Taquari e Paverama, apresentaram ao longo dos anos uma arquitetura simples, sem uso de exageros, que por ser tão simples em grande parte não resistiu ao tempo. Permanece hoje na cidade de Taquari algumas casas, remanescentes, que empregam o estilo arquitetônico colonial barroco, o mesmo empregado pelos primeiros colonizadores açorianos. A Igreja São José de Taquari é contemporânea dos açorianos, mas sofreu alterações, reformas ao longo dos anos, mais mesmo assim é o exemplar mais vivo da arquitetura típica açoriana. Na cidade de Paverama não temos nenhuma casa com traços açorianos, somente uma capela, que por coincidência também leva o nome de São José, que foi construída no início do século XX com estilo colonial barroco. Ou seja, “[...] As matas foram devastadas, pois a madeira era utilizada como lenha e ainda empregada na construção de edificações, embarcações e mobiliário. Em alguns momentos, a derrubada de árvore, pelos açorianos, provocou reclamações das parte de outros povoadores [...]” (Graebin, 2004, p.241).

Segundo Flávio Nirceu Jung (2001) a derrubadas de árvores também ocorreu no território, hoje denominado de Paverama “Os primeiros ocupantes das fazendas, que encontraram nas suas terras extensas florestas, construíram engenhos de serras, para serrar as toras. Estes engenhos, a exemplo das atafonas, eram também movimentados por rodas d’água” (Jung, 2001, p.18).

Concluindo, é possível afirmar que em relação à cultura, mesmo que os traços culturais mudem, as identidades persistem. A cultura é vista como algo dinâmico e em constante mudança e readaptação. Além disso, a cultura, ao invés de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa forma, produto deste, ou seja, nesta perspectiva o grupo gera a cultura, a sua identidade, em função das situações históricas e da mistura de etnias. É preciso conservar determinados traços culturais, sendo que isso não pode servir para a estagnação cultural, mas sim, para valorizar as raízes culturais e históricas para os descendentes de açorianos, ou simplesmente para aqueles que vivem em comunidades típicas açorianas e que demonstram de certa forma ligação com essa cultura.

Em relação a este assunto, José Luiz do Santos aponta:

[...] é comum que a cultura seja pensada como algo parado, estático. Vejam o caso de eventos tradicionais, que por serem tradicionais, podem convidar a serem vistos como imutáveis. Apesar de se repetirem ao longo do tempo e em vários lugares, não se pode dizer que esses eventos sejam sempre a mesma coisa. [...] o fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica (Santos, 1994, p. 47).

O Rio Grande do Sul constitui uma sociedade plural, composta de diferentes grupos étnicos, identificados plenamente como gaúchos, mas que também sustentam uma identidade particular, apoiada em valores étnicos. No entanto é importante destacar que os vários grupos étnicos do Estado (índios, negros, açorianos, alemães, italianos, poloneses, e espanhóis) inseridos na sociedade gaúcha, da mesma participam, mas não renunciam a própria identidade.

Os elementos culturais açorianos, um tanto atualizados devido às condições históricas e ao próprio tempo, foram no decorrer dos anos ressignificados em solo gaúcho. Foram mantidos principalmente, a gastronomia, o estilo arquitetônico barroco colonial, a religiosidade, através do catolicismo dos primeiros colonizadores açorianos, elementos que juntos perduraram os anos, sendo reatualizados e praticados nos dias atuais.

Com certeza, podemos perceber uma integração de povos e culturas no Rio Grande do Sul, porque acreditam que um povo não domina, nem absorve por completo o outro. Porém os descendentes de açorianos estão completamente inseridos na cultura/sociedade regional e gaúcha, sendo que se forem procurados em uma cidade que não tenha descendência ou algum outro tipo de ligação com esses colonizadores, não serão facilmente distinguidos. É preciso ir mais longe numa pesquisa, certamente, histórica, enquadrando-se aqui a realizada por nós no decorrer deste trabalho. Mas se pelo contrário, percorrermos uma comunidade com raízes açorianas, vamos observar um povo simples, humilde, batalhador, sofrido e hospitaleiro. Esse é o povo açoriano.

3 A PRESERVAÇÃO DA CULTURA AÇORIANA ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE

Desde o início da colonização açoriana no Rio grande do Sul, a igreja era considerada o centro do povoamento e dos núcleos urbanos que se formavam aos poucos, sendo que os mesmos eram construídos na maioria das vezes ao redor de uma capela ou de uma igreja. A construção de igrejas e capelas mobilizava sempre a participação coletiva, com doação de material e trabalho voluntário. A forte religiosidade era cultivada nas famílias. A oração fazia parte da rotina diária, sendo a principal forma de orar a reza do terço, momento no qual reuniam-se as famílias para reverenciar e agradecer à Deus.

Os colonizadores açorianos trouxeram em sua bagagem vários costumes, fatores culturais, aos quais se apegavam na sua terra natal, as ilhas dos Açores, mas destacava-se dentre todos a religiosidade. Por viverem em um ambiente castigado pelas adversidades do tempo e do clima, terremotos, erupções vulcânicas, e por viverem em ilhas banhadas pelo Oceano Atlântico, não tinham muito a quem recorrer e/ou fugir nessas trágicas oportunidades, apegando-se assim à Deus e a oração como única forma de salvação.

Segundo Nilda Rita Alves dos Santos (2007, p.66) a Igreja ditava as normas que a população deveria seguir, independente da condição econômica e social todas às pessoas aderiam à essas regras. As diferenças sociais existiam, as diferenças econômicas eram bem percebidas, os donos do poder mantinham o status de superioridade sobre a maioria da população. Apesar de tudo, todos se mantinham unidos pela mesma fé, pelas mesmas práticas religiosas, atendendo aos anseios mais íntimos em busca do espiritual. Toda esta religiosidade se manifestava no dia-a-dia do povo taquariense.

A fé e a cultura, conjuntamente tinham uma força muito grande, unia as pessoas em torno do mesmo propósito, e isso tornava os colonizadores açorianos contentes e realizados de certa forma consigo e com os outros, pois em suas reuniões mesmo que religiosas, era possível encontrar os familiares, amigos e conhecidos, estabelecendo vínculos e a sua própria identidade cultural. Os açorianos no início da colonização eram todos, sem exceção católicos praticantes.

No contexto cultural, a igreja colonial, como local de culto, marcava a interpretação entre o sagrado e o profano. De acordo com Luiz Ricardo Michaelsen Centurião isso é destacado:

[...] manifestando-se esse fato claramente tendo no comportamento das pessoas, como nas próprias finalidades às quais era destinado o espaço do templo. Local privilegiado para encontros amorosos, acertos de negócios, bulhentas conversas sobre os mais variados assuntos mundanos, mercado de amuletos, antro de embustes religiosos, palco de danças e exibição ostentória, valhacouto de frades priápicos, nada mais distante deste espetáculo social que tem a igreja como palco, desse comportamento exuberante e tropical, ao mesmo tempo cristão e pagão, lusitano, asiático e africano do que a austera religiosidade [...] (Centurião, 1999, p.291).

Na concepção da entrevistada ER (2009, p.5) o caráter sagrado¹⁴ e profano¹⁵ das festas religiosas também fica evidenciado, sendo uma grande herança que é mantida tanto no interior quanto na cidade e está relacionada à religiosidade. A comemoração das festas religiosas. Sem perder a fé, sem perder o espírito religioso, mesmo se associada à uma festa que costuma-se chamar profana, que se faz depois de uma procissão ou durante as próprias festas, onde se faz os festejos, os folguedos, com comes, com cantares. Ainda hoje as festas religiosas são realizadas desta maneira.

A preservação da religião, da gastronomia e da arquitetura de origem, possibilitou aos açorianos a preservação cultural, o que estimulava a resistência e a solidariedade entre as pessoas. A religião era o centro de valores morais que irradiava para a comunidade o ideal de disciplina, moralidade e ajuda mútua.

¹⁴ O caráter sagrado das festas religiosas está relacionado à liturgia, as missas.

¹⁵ Já o caráter profano está ligado às festas dos padroeiros das capelas e igrejas, e também as procissões (ER, 2009, p.5).

A religiosidade, a fé e a devoção, são fatores de integração social. A religião católica permitiu que os colonizadores açorianos se integrassem e formassem laços de amizade e solidariedade muito fortes, enfrentando as dificuldades, tanto materiais como psicológicas dos primeiros tempos. A fé fez surgir capelas, igrejas, capelinhas com imagens de devoção que passavam de casa em casa, grupos de oração, grupos religiosos como as irmandades, todas contaram com a participação comunitária e com a simplicidade e hospitalidade, sendo esta a característica mais marcante do povo açoriano.

Ainda sobre a hospitalidade do povo açoriano, a depoente ER (2009, p. 06) ressalta que, “[...] essa vida simples e alegre do povo açoriano que nos acompanha até hoje, de saber receber bem as pessoas, por menos que eu tenha seja bem vindo na minha casa, por menos que eu tenha na minha mesa, sente que eu vou dividir contigo [...]”.

A partir disso constatamos que a religião católica foi o elo fundamental para que os colonos açorianos se encontrassem consigo mesmo e com os demais conterrâneos. A religião foi sem dúvida, um fator de integração social e cultural, no qual os açorianos compartilhavam as suas experiências e uniam-se numa busca constante para manter vivos os seus costumes, principalmente os religiosos.

3.1 A religiosidade açoriana retratada através das Irmandades religiosas

De acordo com Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.235-236) As Irmandades religiosas tem sua origem no Rio Grande do Sul com a chegada dos primeiros colonizadores açorianos, que mantinham essa prática religiosa na ilha dos Açores, trazendo em seus princípios aspectos luso-descendentes, pois foi a partir de Portugal-continente, que povoou a Ilha dos Açores, que as Irmandades foram levadas para lá e depois no século XVIII trazidas para Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Segundo Nilda Rita Alves dos Santos (2007) e ER (2009) No Vale do Taquari, mais precisamente na cidade de Taquari, as Irmandades Religiosas serviram como meio de ligação entre a religião católica e a população, e também como meio de socialização e integração

entre a comunidade, sempre em torno de um santo de devoção, cada uma tinha uma imagem de devoção diferente, sendo um forte aspecto da cultura e religiosidade açoriana, que persiste até hoje em Taquari e demais cidades de origem açoriana do Rio Grande do Sul.

A cultura retrata um povo e a mesma só pode ser entendida levando em conta aspectos da realidade social em que está inserida. Em relação à isso, José Luiz dos Santos (1994, p. 8), salienta que “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”.

As Irmandades Religiosas são associações fraternais, ou seja, de irmãos. Os membros que a compõem são assim também denominados: “irmãos”. Traçando um recorte histórico sobre este grupo religioso, recorreremos a Mauro Dillmann Tavares (2008) que diz que as irmandades têm sua origem na Idade Média, a “Peste Negra”, por exemplo, por sua gravidade exigia mais do que um santo protetor, vários santos eram adorados por sua qualidade segundo os ofícios, procissões e irmandades. A instituição de associações como as irmandades foi um mecanismo importante para o fortalecimento da solidariedade.

A respeito da solidariedade dessa associação, Le Goff aponta:

Insegurança material e moral às quais, segundo a Igreja, não havia senão um remédio: apoiar-se na solidariedade do grupo, nas comunidades de que se fazia parte, evitar a ruptura pela ambição ou o enfraquecimento desta solidariedade. Insegurança fundamental que é da vida futura na eternidade, que não é assegurada a ninguém e que nem as boas obras e nem a boa conduta garantem totalmente (Le Goff apud Tavares, 2008, p.114).

Também segundo Natalie Davis, as Irmandades no século XVI na Europa auxiliavam os pobres com doações de comida, dinheiro e roupas, o que era uma continuidade da Idade Média, às vezes praticavam ajudas funerárias, hospitais e socorro das confrarias à seus membros pobres em tempos difíceis “[...] Elas socorriam os pobres piedosos, respeitáveis, não criminosos ou prostitutas” (Davis apud Tavares, 2008, p.114).

Segundo o entrevistado G, sobre o propósito da Irmandade São José de Taquari temos:

Ela foi criada, primeiro para dar assistência aos pobres, era o objetivo. Era um sistema que veio das Ilhas de Açores. Era um grupo que se encarregava de fazer o enterro das pessoas pobres e também como grupo de oração (EG, 2009, p.1).

Ainda em relação ao objetivo da irmandade São José, o entrevistado EG afirma:

[...] Não. O enterro dos pobres, isso não existe mais. Ainda na reunião de sábado, a última reunião foi agora sábado, nós estamos tentando reformular os estatutos. Eu como sou um conhecedor da história e escritor fui encarregado inclusive de fazer um histórico de toda a Irmandade, dos fatos relevantes, interessantes, registrados em Ata pra ver o que realmente aconteceu (EG, 2009, p.2).

Nos Açores as festas religiosas são um pouco diferentes das que ocorrem no Rio Grande do Sul, as irmandades religiosas estão inseridas no contexto do “Ciclo do Espírito Santo”. Sobre isto, Francisco Ernesto de Oliveira Martins apud Cleusa Maria Gomes Graebin destaca:

Nos Açores, as festas, estão ligadas às motivações sócio-religiosas, ocorrendo para prestar honra aos santos, acontecimentos ou datas com altos significados sociais. Podem-se dividir estas festas em dois grandes grupos: Ciclos do espírito Santo (espírito) e do Touro (bens materiais); e Ciclos do Homem e de Deus. Seguir estes ciclos tem todo um aspecto ritual que envolve partilhar o espaço em que vive, tendo a Deus como centro. A presença de Deus está inculcada nas manifestações culturais, nas procissões e nas irmandades, numa eterna busca do sagrado (Martins apud Graebin, 2004, p.233).

De acordo com Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.234) os Ciclos do Espírito Santo e do Touro, nos Açores, começam em maio e acabam em novembro. O Ciclo do Espírito Santo tem sua origem em Portugal continental. Já o Ciclo do Touro é uma comemoração que se dá para homenagear a reconquista da península Ibérica pelos católicos, envolvendo as Touradas, sacrifício ritual do touro (animal sagrado, símbolo da riqueza nos Açores). Os Ciclos do Homem e de Deus, nas Ilhas, começam no fim do ano litúrgico católico (mês de novembro). Rememoram os tempos do povoamento dos Açores, quando era obrigatória a distribuição de pão aos pobres, no dia dos mortos. Os momentos altos destes ciclos são as festas do Natal, Carnaval e Páscoa. O Ciclo do Homem tem origem no teatro grego, medieval. O Ciclo de Deus tem origem nas ordens e congregações religiosas, nas procissões e romarias aos lugares que haviam sido conquistados aos infiéis (mouras).

Ainda para a referida autora, temos enfatizado:

[...] Assim, num tempo e espaço apropriados pela comunidade, pretende-se conjurar os perigos, corrigir injustiças sociais e inverter poderes estabelecidos. Festejar, dar presentes, brincar, venerar os santos, cumprir os rituais que buscam o equilíbrio das forças da Natureza (erupções vulcânicas e terremotos) e do Homem (guerra e paz), ocupam lugar na celebração, através das diferentes leituras e marcas presentes nas nove ilhas do arquipélago (Graebin, 2004, p.235).

Na concepção de Cleusa Maria Gomes Graebin (2004, p.236) todas as festas foram trazidas e atualizadas pelos casais açorianos no Rio Grande do Sul, destacando-se as Festas do Espírito Santo, incluindo as Bandeiras (do Divino Espírito Santo), Cavalhadas (Mouros x Cristãos), Folias (celebrações do advento, natal e reis magos) e Procissões. Em relação às festas do Espírito Santo, em suas origens no Rio Grande do Sul no século XVIII. Preocupados com os abusos cometidos pelos colonos açorianos no Rio Grande do Sul, foram criadas junto às igrejas locais, as irmandades, que deveriam organizar e promover as festas.

De acordo com João Maria Balém (1956), Nilda Rita Alves dos Santos (2007), Mauro Dillmann Tavares (2008), entrevista R (2009), entrevista G (2009) e entrevista W (2009) as irmandades tinham um santo de devoção específico e estavam bastante organizadas na cidade de Taquari, atualmente a irmandade de São José, a única que permanece, ainda cultua o seu santo de devoção e exerce as atividades à ela competentes.

Através das entrevistas foi possível constatar que somente uma das depoentes soube informar como era e como são ainda hoje a Irmandade de São José e demais Irmandades que existiam no município de Taquari, e como as mesmas se organizaram inicialmente no Rio Grande do Sul. Já os demais depoentes apenas falaram em específico da Irmandade São José, mais em relação ao presente, e ainda assim de forma bastante resumida, sem destacar as demais irmandades existentes.

Sobre esse assunto, uma entrevista informa:

São vários grupos religiosos, porque existiam várias irmandades, dependendo da devoção e do que se queria, se pretendia, formava então uma irmandade. Para cada santo devoto, os devotos daquele santo formavam então uma irmandade com propósitos determinados. Taquari teve várias irmandades e dentre essas irmandades uma permanece, e atuante até hoje que é a irmandade de São José. Então cada

irmandade tinha as suas vestes, tinham o seu santo de devoção e tinham a sua função [...] (ER, 2009, p.11).

Prosseguindo ainda sobre a Irmandade São José (verifique ANEXO 18) e demais irmandades¹⁶ que se formaram na cidade de Taquari, a depoente ER destaca:

[...] A irmandade de São José, ela era responsável, e é responsável pelas festas de São José. Ela que faz as novenas, que organiza as novenas e as festas em homenagem ao nosso padroeiro. Outra irmandade que também teve grande importância foi a irmandade do Divino Espírito Santo que se dedicava as festas religiosas também, faziam lá as suas homenagens ao Espírito Santo. Na festa então se fazia os agradecimentos às graças alcançadas, se fazia pedidos para o próximo ano esse fazia todo um cortejo nas ruas em procissão em homenagem ao Divino Espírito Santo. Essa irmandade também não existe aqui na nossa terra, mas a irmandade do Divino Espírito Santo por muitos outros lugares do Rio Grande do Sul se mantém forte fazendo suas festas. Depois outra irmandade que havia era então a irmandade de São Miguel, que essa irmandade se preocupava, se empenhava como o sufrágio das almas, então se rezava pelas almas, porque se diz que depois da morte alma está indo para algum lugar, então vamos rezar para salvar a alma, a alma pelos falecidos. E tinha também a irmandade do Rosário e de São Benedito, que eram as irmandades compostas por pessoas negras, porque nós estamos ainda nesse período, no auge da escravatura. Então os negros não se misturavam, mas como eles mantinham a fé católica, se converteram, eles mantinham também a sua tradição religiosa, como estavam aqui, se infiltraram nesta cultura açoriana e formaram também as suas irmandades, só que não podiam ser misturadas por pessoas negras [...] (ER, 2009, p.12).

Segundo reportagem veiculada no jornal “O Fato Novo”, o atual tesoureiro da Irmandade São José no município de Taquari, Sr. Manoel Valfreu Faleiro destacou algumas das atividades desempenhadas por esta irmandade na cidade, bem como se dá o ingresso de novos irmãos neste grupo religioso.

[...] A principal atividade mesmo é a festa de São José, e um sábado por mês a irmandade fica responsável pela missa. [...] “para ingresso de pessoas é feito uma reunião dois dias antes do término da festa, e eles dão sugestões de pessoas que estariam aptas a ingressar na irmandade. É feita uma votação. Geralmente entram quatro pessoas” [...] (O Fato Novo, 13/03/2009, p.8).

A depoente ER (2009) destacou também a forma utilizada de agradecimento em relação as irmandades ainda hoje nos Açores.

[...] Hoje em dia nos lugares onde essas festas acontecem, principalmente nos Açores eles fazem aqueles pães maravilhosos, mais não tão comum que se faça em forma de

¹⁶ No início da colonização açoriana na cidade de Taquari existiam vários grupos de irmandades, dentre as quais podemos citar: Irmandade do Divino Espírito Santo, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade do Rosário e de São Benedito (ER, 2009, p.12).

pé porque isso já tem pra vender em forma de vela, o pé, a mão, isso é comum tu encontras nos Açores locais que vendem isto, uma forma de tu agradecer ou uma cabeça, a graça que tu pediu pra ser alcançada. Então a festa do Divino Espírito Santo era isso [...] (ER, 2009, p.13).

A fim de entendermos o que significou para os colonos açorianos as procissões realizadas pelas irmandades no Rio Grande do Sul e na cidade de Taquari, destacaremos novamente a entrevista R (2009) que aponta:

Todas as irmandades tinham a sua importância, todas eram importantes, porque as pessoas que faziam parte destas irmandades eram fervorosas daquele santo, daquele segmento, então para eles era muito importante. Cada uma tinha a sua roupa, eu vou chamar hoje de jaleco, que vão colocar por cima. Cada um tinha a sua cor. A irmandade que se mantém até hoje, que é a de São José, ela tem uma cor avermelhada e usam até hoje. Essas irmandades eram compostas sempre por homens e a do Divino também era outra irmandade que tinha muita pompa, faziam muitas festas. As festas do Divino Espírito Santo então eles tinham o seu imperador ou imperatriz eles tinham a coroa, o cedro, essa coroa e esse cedro não temos mais na matriz, na nossa igreja porque se perdeu, até pouco tempo, não tão pouco tempo, pouco tempo pra minha idade, eu cheguei a ver essa coroa e esse cedro mais depois sumiu porque eles eram em prata. Então com muita pompa as meninas, que eram imperatrizes com aquelas roupas bem bonitas geralmente de branco, enfeitadas com todas as rendas e babadinhos possíveis [...] (ER, 2009, p.13).

Ainda para ER (2009) haviam muitas formas de agradecer as graças alcançadas sendo as procissões realizadas pelas irmandades uma excelente forma de agradecimento.

[...] A irmandade do Divino Espírito Santo era aquela irmandade que fazia as festas do Divino, as procissões e tudo mais, era uma coisa que acontecia anualmente e nessas procissões, nesses almoços e jantares, que seria a parte profana desta festa religiosa, a onde se fazia os agradecimentos e se fazia muito pão, uma tradição açoriana e se agradecia e além de se fazer pedidos para o próximo ano, se agradecia as graças recebidas e também essas graças eram relacionadas à saúde das pessoas. Então as pessoas pediam uma graça para ajudar um filho que estava doente ou um pé que havia sido cortado, geralmente se cortava muito pé e mão devido aos objetos de trabalho, isto era manual, a enxada, a foice, o martelo, o machado, então era comum uma mão ou pé ficarem cortados, então se pedia que sarasse logo. Uma forma de agradecer durante as festas do Divino Espírito Santo era fazer o pão no formato daquela graça alcançada, se eu pedi uma graça para a saúde do meu filho, faz em forma de pão um bonequinho, se a minha mão estava cortada eu fazia um pão em forma de mão ou em forma de pé [...] (ER, 2009, p.13).

Complementando o que foi dito, o teórico José Luiz dos Santos (1994, p. 8) destaca que, “cada realidade cultural tem a sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para

que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”.

As irmandades religiosas eram uma forma de retratar a forte religiosidade do povo açoriano, e também nas procissões ou demais atividades exercidas pelas irmandades as pessoas se encontravam para rezar, conversar e deixar registrada a sua organização em torno da fé católica, que na sua terra natal, ilhas dos Açores era presença constante. No Rio Grande do Sul, mesmo distante de seu lugar de origem e diante das dificuldades encontradas os açorianos jamais esqueceram de Deus e da fé que para eles era capaz de mover montanhas e ultrapassar ad mais diversas adversidades que ávida lhes pudesse impor.

Sobre o significado da fé católica para os colonos açorianos destacamos a entrevista R (2009):

[...] a religiosidade açoriana, ela já vem desde a formação do país Portugal, da própria Igreja na época. Então essa, a formação da Igreja, a formação dos reis portugueses, reis católicos e isso aí vêm, essa tradição vem desde a formação do país Portugal, e quando Portugal toma posse e descobre, toma conta deste Arquipélago, que deram o nome, que à eles deram o nome de Açores, eles levam essa religiosidade com eles, vão levar para as ilhas esta religiosidade, e chegam nas ilhas, esta religiosidade ainda acresce, ela ainda aumenta, porque nós temos que entender assim, são ilhas, tão isoladas, ela fica mais fervorosa, pela própria necessidade, ela se sente com maior necessidade de ajuda, de auxílio, e geralmente o ser humano é assim, nas dificuldades se apega mais à Deus, e nós vamos somar isso com os problemas que existiam nas ilhas, são ilhas vulcânicas. Vários terremotos aconteceram, vulcões que entraram em erupção, mais principalmente os terremotos e maremotos, e estas, e esta situação vai fazer com que o açoriano, o povo açoriano, não tendo com quem recorrer, vai recorrer à Deus pra que o salve. A religiosidade então ela é trazida então, passando de pai pra filho e a prática religiosa também vai passando de pai pra filho, que vão se adaptando essa religiosidade à situação climática, geográfica porque se dá um terremoto eles não tem à quem recorrer à não ser à Deus (ER, 2009, p.6).

As irmandades eram portanto uma forma encontrada de unir fé devoção em torno de uma imagem santificada. Em relação à isso destacamos Mauro Dillmann Tavares (2008, p.117) “Foi este caráter medieval do catolicismo, de fé e adoração das imagens santas e crença no poder dos santos, que acompanhou a colonização do Brasil e se estendeu ao século XIX. Instaladas no Brasil colonial, as irmandades seguiam – como modelos de organização interna – os compromissos portugueses, uma herança do período medieval”.

Ainda sobre o mesmo assunto Azzi apud Tavares (2008, p.117) acrescenta:[...] nas irmandades vivia-se um catolicismo tradicional, representando o espírito “luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar [...].

Tanto na Europa medieval e moderna, incluindo os Açores, os maiores objetivos das irmandades era a invocação e culto aos santos, a caridade e a solidariedade para com seus integrantes. E até certo ponto participar de uma irmandade era considerado uma forma de ascender dentro da sociedade, ser um membro de uma determinada irmandade era ter *status*. Neste sentido apontamos a entrevista G (2009):

[...] Já houve época que a Irmandade tinha muito haver com a elite. Era da Irmandade era ser da elite da cidade. Então realmente aconteceu que às vezes inclusive a pessoa não tinha tanta participação na Igreja, nos cultos religiosos, nas missas, mas era da Irmandade pelo destaque que tinha na sociedade, e isso fez com que, me lembro perfeitamente, não tantos anos atrás, havia gente esperando para ser convidado para participar da Irmandade, par poder usar aquela opa nos dias de festividade, no dia de missa. Era muito importante, porque, além disso, dava status (EG, 2009, p.2).

As famílias através das atividades religiosas como: celebração das missas, das procissões, da reza do terço e das irmandades reuniam-se, estabelecendo laços de amizade e solidariedade umas com as outras, além dos rituais religiosos, outros costumes eram praticados. Os encontros nas atafonas para moer a mandioca e a própria matança do porco era um ritual de grande significado para os açorianos.

Segundo a depoente ER (2009) é destacado:

[...] eu sou pobre, tenho pouco, mais o meu pouco é do meu amigo, é do meu irmão, é daquele que visita a minha casa, a porta da minha casa está sempre aberta, seja bem vindo, esse eu tenho pouco não faz mal, senta – se à mesa e vamos esse pouco dividir e vamos ficar alegres e contentes. Eu acho que isso aí é uma coisa muito bonita do povo açoriano, porque eu também vejo assim, o povo açoriano é um povo sofrido lá nos Açores e vindo pra cá continuou sendo um povo sofrido, continuou sendo um povo pobre e com um agravante, veio pra mostrar que essa terra tinha dono, que era uma terra portuguesa, por que isso? Porque era uma terra em disputa entre duas grandes coroas, a coroa portuguesa e a coroa espanhola, portanto esse povo humilde, pobre e sofrido vem criar raízes, fincar raízes num lugar que é campo de batalha. Então eu costumo fazer essa comparação, um povo sofrido mas carregado de fé e esperança, ele vem ser escudo e não recebeu as promessas merecidas, então ele foi um escudo com todas essas dificuldades [...] (ER, 2009, p.16).

A Irmandade São José da cidade de Taquari fez 204 anos. Em reportagem do jornal O Fato Novo, “A Irmandade de São José, cujo livro de atas data de 03 de setembro de 1806 traz à lembrança dados, riquezas que antepassados deixaram. Possui estatuto próprio, e na Ata de 17 de março de 1996, foram aprovados outros estatutos que não alteraram os anteriores” (O Fato Novo, 13 de março de 2009, p.8).

Mauro Dillmann Tavares confirma a informação veiculada pelo jornal O Fato Novo:

Os objetivos dessas associações estiveram baseados e regulamentados por um documento redigido pelos irmãos, conhecido como Compromisso. Toda organização interna estava contida neste estatuto, que, aprovado pela Igreja e pelo Estado, previa normas e preceitos de existência. Cada novo sócio recebia uma cópia do compromisso da sua respectiva irmandade. O compromisso era composto por uma série de artigos e servia para guiar as irmandades nas suas decisões administrativas. Quando se instituía uma irmandade, os fundadores eram obrigados a estabelecer, reunidos, os parâmetros de funcionamento, que os acompanhavam, servindo, por isso, como administrativas. Os compromissos definiam questões fundamentais, como o santo cultuado, o perfil de seus associados, os valores das mensalidades, a composição da diretoria, os benefícios oferecidos e os direitos e deveres dos irmãos (Tavares, 2008, p.119-120).

A partir de entrevistas realizadas descobrimos que o estatuto que rege a irmandade São José da cidade de Taquari, foi extraviado, se encontra em algum lugar, o qual não foi possível ainda encontrar. De acordo com o entrevistado G(2009) o estatuto está dentro de algum livro da casa paroquial, só não se sabe em qual, por isso será feita uma busca a fim de encontrá-lo.

O perfil dos associados da irmandade São José de acordo com EG (2009, p.2) se define por:

[...] pessoas da comunidade, praticantes da religião católica, e hoje como eu já falei anteriormente esses membros são escolhidos pela Irmandade. Então tem que satisfazer certos requisitos pra participar. Geralmente as pessoas que são escolhidas já são pessoas casadas, estabilizadas e não temos assim notícias de algum jovem participar, membros da comunidade que realmente participam da Igreja (EG, 2009, P.2).

Ainda para EG (2009) a irmandade São José cobra uma anuidade simplória de seus membros.

[...] nós contribuimos com uma anuidade, mas é uma anuidade praticamente insignificante, mas nós temos participação na Festa de São José, naqueles nove dias de festa e no lucro da festa então a Irmandade tem uma participação, com isso passa para a caixa. Os valores são usados eventualmente para alguns reparos na Igreja, algumas despesas eventuais (EG, 2009, p.1).

Segundo Mauro Dillmann Tavares (2008, p.120) os compromissos apresentavam requisitos para a admissão de membros para os quadros das irmandades, mas a aceitação de fato passava pela decisão da Mesa diretora. Entre as primeiras e principais exigências estavam o de professar a religião católica, seguidas de requisitos de decência, honestidade, bons costumes, condições de prestar serviços à irmandade e/ou ocupar cargos internos. Era fundamental obedecer às determinações da mesa, comparecer às solenidades, enterros e missas, porém cada irmandade tinha suas peculiaridades.

Na afirmação de EG (2009, p.1) a admissão de novos membros na irmandade São José de Taquari se dá através de convite. Atualmente e também à muitos anos atrás, sempre durante a Festa de São José, é feita no final uma assembléia onde são indicados novos irmãos, e essa indicação sempre passa pelo *crivo* do vigário da Paróquia e da Irmandade, para ver se realmente ele satisfaz, condições para ser da Irmandade de São José.

Para EG (2009) a admissão de novos irmãos na irmandade São José ainda se deve:

[...] quem integra a Irmandade é as pessoas convidadas porque elas devem ter também uma participação na própria Igreja, deve ter também boa reputação na comunidade e assim são convidadas. Porque um fato interessante é o seguinte: que nós todos, cinquenta membros, mais todos os anos há a renovação de alguns membros, devido à idade dos participantes da Irmandade, sempre alguns falecem. Por isso deve ser gradativamente substituído [...] (EG, 2009, p.1).

De acordo com Cleusa Maria Gomes Graebin (2004) é vedado a participação de mulheres nas irmandades, questionamos o entrevistado G (2009) a cerca da participação de mulheres na irmandade São José e obtivemos: “[...] Quanto às mulheres há novamente um movimento que as mulheres querem participar da Irmandade, criar uma Irmandade, mais não há assim restrições quanto a isso e também não há um grande incentivo ou iniciativa, parte de um grupo pequeno (EG, 2009, p.1).

Segundo Cleusa Maria Gomes Graebin (2004) e Mauro Dillmann Tavares (2008), as irmandades foram criadas no Rio Grande do Sul com o propósito de acabar com os abusos cometidos pelos colonos açorianos nas festas religiosas, elas seriam uma forma de conter ou

remover os excessos praticados, por vezes essas festas foram consideradas profanas aos olhos da igreja, mas aos poucos tornaram-se sagradas, pelo costumes dos leigos que as praticavam.

Questionada sobre a parte profana das festas religiosas, a depoente ER (2009) destaca:

[...] toda festa religiosa na nossa maneira de vivê-las tanto antes quanto hoje, o antes eu digo passado, ela tem o lado religioso e o profano caminhando junto, porque quando tu chamas toda uma comunidade, que se faz a festa, tu fazes a homenagem, um almoço, os cantares, tu fazes dança é o lado profano, é o lado profano, que seria a parte alegre, divertida da festa, mas não que seja pecado e a festa religiosa na comunidade, quando ela tem esses almoços, essas brincadeiras, a pessoa está homenageando o seu santo de devoção e ao mesmo tempo ela está fazendo o lado social, a vivência social, que é relacionada a festa religiosa. Eu diria que esta parte divertida, alegre de comemorar o seu santo de sua devoção, ela é uma parte dessa própria fé, que tu vai manifestar essa fé não só lá com atua oração, ajoelhado, mas com a tua alegria de viver. Essas irmandades elas não surgiram aqui no Rio Grande do Sul com esse propósito de evitar rivalidades [...] (ER, 2009, p.15).

Sobre a perpetuação da cultura açoriana através das irmandades religiosas a entrevistada R (2009) enfatiza:

[...] O açorianos trouxeram isto como herança porque essas irmandades já existiam nos Açores, as irmandades não são coisas criadas no Rio Grande do Sul, pode até ser que lá em Portugal e mesmo especificamente nos Açores tivessem essa conotação de cada irmandade querer fazer de forma mais bonita um a homenagem ao seu santo padroeiro até pode. Não fiz um levantamento sobre isto, mas to dizendo que há esta possibilidade, mas aqui no Rio Grande do Sul não houve essa criação aqui, porque isto é um legado cultural e religioso vindo dos Açores [...] (ER, 2009, p. 15).

No início da colonização açoriana no Rio Grande do Sul, bem como no Vale do Taquari, mais precisamente na cidade de Taquari, nas proximidades de uma capela ou igreja, às margens de um rio, próximos à uma mata cerrada, sem muita comunicação com lugares distantes, os primeiros colonos açorianos conseguiram preservar e repassar a seus filhos e netos, os costumes de origem, principalmente os religiosos. Enfim, transmitiram a cultura açoriana à seus predecessores para que ela pudesse perpetuar no tempo, chegando até os dias atuais.

A cultura consegue perpetuar no tempo somente se a história for transmitida aos mais jovens. Em relação à isso, a história oral pode ser uma bela opção nessa tarefa, pois é um

documento histórico muito importante. Através da história oral e das entrevistas, o passado também pode ser documentado, visto que

[...] entrevista de história oral são fontes que documentam o passado – experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas – e as concepções sobre passado através de seqüências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo sentido está atrelado à forma com que são narradas, sendo impossível dar conta do primeiro (o sentido) sem considerar a segunda (forma) (Alberti, 2004, p. 73).

Para que o passado possa ser documentado, é necessário gravar as entrevistas, pois através delas o depoimento oral se torna um documento histórico, ou seja, uma fonte de pesquisa como outro qualquer.

Segundo Alice Beatriz da Silva Gordo Lang:

“[...] História Oral seria um termo amplo, que recobre tipos variados de relatos obtidos através de fontes orais, a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentos, de fatos cuja documentação se quer completar, ou que se quer abordar por ângulo diverso. A história oral registra a experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade” (Lang, 1996, p. 34).

Com os depoimentos orais obtidos através de entrevistas, descobrimos fatos, histórias e relatos muito interessantes sobre a comunidade em que os depoentes estão inseridos, suas lembranças, sua memória é resgatada, isso acarreta uma aproximação entre nós entrevistadores e a comunidade.

Retornando para o assunto das irmandades, essas associações foram criadas em quase todas as cidades de colonização açoriana e reuniam as famílias para rezar, conversar, comer e conviver uns com os outros em perfeita união sobre os olhares da igreja católica.

As irmandades tinham um caráter sócio-cultural, pois envolviam a comunidade em torno de uma mesma crença, de uma devoção à um determinado santo. Atualmente a irmandade São José envolve toda a comunidade de Taquari na festa em homenagem à São José, com uma novena que dura nove dias e que tem seu ápice todos os anos no dia 19 de março. Associada à essas novenas está um jantar bastante variado que é oferecido nas nove noites da novena (observe ANEXO19).

Em relação ao jantar oferecido durante as nove noites em que são realizadas as novenas em homenagem à São José, o entrevistado W (2009) define:

[...] clareando ou continuando já me referi que existe a festa religiosa de São José, mas que tem muita conotação externa, também social com praticamente uma janta a cada noite depois da celebração na igreja. O cardápio é claro, praticamente se repete todos os anos, esta variedade de pratos. Eu me lembro nesses dois anos o mais badalado foi a noite do peixe, onde se preparam o peixe de maneiras variadas, muito jeitos de peixe, [infelizmente eu não participei este ano, risos], mais como que é costume também de dar de presente à São José sobre tudo ovelha, mas também bois, então tem a noite da ovelha e os festeiros que são cada ano diferente, já notaram que algumas pessoas não gostam de ovelha, então estão juntando com alguma coisa à ovelha, o porco, a noite da ovelha e do porco. Tem a noite, evidente do churrasco porque são doados bois pra Festa de São José, para o São José como o povo fala. A noite das massas [...] A noite do pastel, esse é com bingo. Nós temos um pastel muito famoso e gostoso aqui em Taquari. A noite do bife, esse é muito procurado, ultimamente tem dado, praticamente nenhum lucro porque o pessoal come muito bife e o bife é caro [risos]. A noite do peixe eu já falei, das massas. Os cardápios principais que eu lembro, é claro o churrasco se repete no dia da festa também. Inclusive tem CTGs que não só presenteiam o boi, mas também preparam a carne. E sempre tem acompanhado muito doce, muita sobremesa, mas o cardápio principal que eu me lembro, sempre é claro acompanhados de Buffet, muita verdura e legumes, feijão mexido, essas partes, farofa não falta, mais puxando o prato são esses os principais (EW, 2009, p.4).

A festa religiosa mais popular da cidade de Taquari hoje na opinião de EW (2009) é a festa de São José.

[...] a festa mais popular é de fato a de São José, a novena de São José, e o dia de São José é até feriado municipal, e então o povo todo toma muito conhecimento desta festa, participa, uns mais outros menos, porque tem como eu disse a novena, 9 noites com celebração na Igreja matriz, procissão no dia, quase cada noite um jantar, então ela de fato meche com muita gente de Taquari. Outras festas populares, mas é claro são as da Semana santa, de Corpus Christi, e tem mais festas religiosas sem maior influência nos que não se ligam à religião. Enquanto a Festa de São José, também atinge muitos que não vem pra igreja, mais vem para os jantares, vem participar da festa mais externa. Então a mais popular eu penso que é a de São José (EW, 2009, p. 4).

Segundo Goerckt (2009, p.203), todos os anos acontece em Taquari, no dia 19 de março, a maior comemoração religiosa/social do município, a Festa de São José, cuja data foi fixada, definitivamente em 06 de junho de 1930. Esta data também é feriado na cidade, durante 9 dias que antecedem o feriado há confraternização entre os taquarienses. Ainda para o referido autor é enfatizado:

[...] Na parte religiosa destaca-se as novenas realizadas todas as noites na Igreja Matriz, através de missas ou bênçãos, com numerosa participação, composta pela Irmandade de São José, casais festeiros, entidades, comunidades convidadas e população em geral. Após, são servidas jantãs no Salão Paroquial, variando o cardápio

a cada dia e organizadas sempre por diferentes grupos da comunidade (Goerckt, 2009, p.203).

Por outro lado em Paverama, existem várias festas religiosas, que na opinião de EN (2009) são populares, não sendo destacada nenhuma em especial.

Além da festa da padroeira, melhor dito em primeiro lugar a festa de Corpus Christi, que antecede vem antes e a festa da padroeira que vem depois, agora em outubro. Acredito que a festa do natal, além de ser uma das três maiores festas do ano, claro precedido pela páscoa, que é a maior festa litúrgica de toda a igreja. O natal é muito significativo, festa do Santo Natal, Ano Novo, e claro a Páscoa também é bastante celebrada, a Semana Santa. É muito difícil dizer precisamente qual seria a mais importante. Creio que do ponto de vista popular é muito, é bastante, tem um significado bastante importante, mais acredito que também não perde muito pela páscoa (EN, 2009, p.3).

Sobre o envolvimento e/ou ligação da igreja com a irmandade, obtivemos o seguinte depoimento:

Ela é ligada, inclusive na parte administrativa. Muitas iniciativas maiores quando se trata de bens materiais, por exemplo, a construção de um pavilhão e etc. Aí a Irmandade participa, trabalha, organiza, vou dar um exemplo: aquele Salão Paroquial que foi construído a poucos anos atrás, a Irmandade ajudou a administrar e vender os carnês para comunidade pagar e fazer a construção. Isso realmente deu certo. E também ela parte, tem voz ativa dentro da entidade paroquial em si, que Lea é convidada para participar de reuniões, etc. E muitas coisas administrativas são lá decididas (EG, 2009, p.2).

A função do pároco dentro da irmandade é destacada por EW (2009):

Como pároco sou o último responsável por todas as pastorais, por todos os grupos da Igreja, e então a minha função, é mais como uma presença do pároco para ajudar a encontrar soluções, para ajudar a encontrar caminhos novos ou antigos, que devem ser resgatados. Então eu não sou o coordenador da Irmandade, sou um a presença do pároco que acompanha o grupo (EW, 2009, p.1).

As irmandades desempenharam ao longo dos anos, desde o início da colonização açoriana no Rio Grande do Sul diferentes atividades, mas principalmente aquelas que se referissem aos pobres, prestando ajuda à estes nas mais diversas dificuldades. Atualmente o auxílio aos pobres está à desejar, alguns objetivos iniciais permanecem, outros se desfizeram ao longo dos anos.

Segundo o depoente EW (2009, p. 2) na Irmandade São José de Taquari “Eu acho que fracamente corresponde, mas até se cogitou em adaptar os estatutos para os tempos atuais,

como ela é bem antiga e muitas coisas dos estatutos, do regimento, talvez não sejam mais facilmente exequíveis nos nossos tempos e outras talvez devam ser resgatadas”.

As atividades desempenhadas pelas irmandades no geral estavam relacionadas, como já mencionamos anteriormente, aos pobres, e também aos enterros, celebração das missas, manutenção da capela, igreja ou paróquia, as festas e procissões do seu santo de devoção e demais atividades.

De acordo com a Ata de reuniões da Irmandade São José (1992), foi entregue aos irmãos da Irmandade a quantia de 500 mil cruzeiros, correspondente a 5% do lucro líquido da Festa de São José de 1992 para a manutenção e obras da Igreja Matriz. E acolhendo sugestões do Vigário e dos irmãos presentes, foi solicitada a confecção de dois cofres para o recolhimento de ofertas dos fiéis, a iluminação do Altar-mór, a colocação de ventiladores internos nas paredes centrais da Igreja Matriz. A comunidade compromete-se a zelar pela Igreja Matriz, bem como deixá-la em perfeitas condições de funcionamento (Ata de 24/06/1992, p.261, 262 e 263).

Na concepção do entrevistado EW em relação à Irmandade São José de Taquari:

[...] a presença ou as atividades desta Irmandade se destacam sobre tudo na Festa de São José, na novena de São José. Eles estão totalmente presentes em todas as novenas, organizam as entradas, as missas com procissão cada dia. Vão uniformizados e realmente estão sempre presentes, a tal ponto que às vezes alguns debocham deles, dizendo vocês só estão presentes na Festa de São José, mas eles tem outras presenças, por exemplo, estão retomando com seriedade uma missa mensal, sábados à noite, no primeiro sábado do mês eles são os responsáveis pela liturgia, são de novo os responsáveis [...] (EW, 2009, p.1).

Concluindo, sobre as atividades desempenhadas pela Irmandade São José hoje, destaco EG (2009):

Ela organiza a Festa de São José, promove os festeiros são sempre dois casais, inclusive eu te mostrei a lista aí. A festa de São José é realizada desde 1805. Então a Irmandade sempre participa ativamente, inclusive na parte da escolha sempre dos festeiros para a próxima festa. E o importante não é só a festa, que pra Taquari é a maior festa social religiosa. Os nove dias da novena há a participação de toda a Irmandade, se reunindo inclusive no altar junto com mo celebrante dando assim o seu apoio, a sua participação, realmente intensiva naquelas festividades, naqueles nove dias (EG, 2009, p.2).

Para a escolha de novos membros para compor a Irmandade de São José é realizada anualmente uma espécie de “eleição”, que na verdade é uma indicação do pároco preferencialmente. Para o depoente EG (2009) isso acontece da seguinte forma:

[...] durante o último dia da festa de São José. Então é realizada uma reunião, são apresentados os novos irmãos já devidamente escolhidos, feito uma triagem antes como pároco e tal. Então são apresentados. A assembléia então tem o voto de decisão pra ver se aceita ou não, é muito difícil a rejeição, pois já chega lá uma pessoa com a aprovação para ser irmão, e também nesta mesma época são escolhidos os festeiros para a Festa de São José, que é feita anualmente dezoito de março e duração de nove dias (EG, 2009, p.3).

Ainda na entrevista G é possível constatar a presença viva da Irmandade São José atualmente na cidade de Taquari.

A nossa Irmandade é uma Irmandade assim que inclusive às vezes precisa uma injeção de reanimado, mais nós temos a primeira missa de sábado de cada mês é por nós organizada. As leituras, animação como dizem é feita. Então ela está viva, só que há uma necessidade de uma maior reanimação com sempre porque senão as coisas caem um pouco pelo esquecimento, mais ela tem um bom provedor, e é este que anima e busca as pessoas, faz as pessoas participarem. A Irmandade hoje pela comunidade é muito bem vista, porque Lea participa também quando tem algum irmão que falece, para nos seus atos fúnebres e enfim, a Irmandade sempre se faz presente (EG, 2009, p.4).

Conforme as entrevistas realizadas, constatamos que as irmandades religiosas, preferencialmente a Irmandade São José, alvo deste estudo mantém vivos alguns de seus objetivos iniciais, porém outros se perderam ao longo dos anos, o que traduz culpa à ninguém, é difícil caracterizar exatamente o que aconteceu, as pessoas mudaram, as formas de professar a fé, mais o que importa é que mesmo diante de tantas adversidades uma rica herança cultural açoriana perpetuou os anos e está entre nós.

A partir das entrevistas podemos perceber que, a Irmandade São José tenta manter os mesmos princípios do início da colonização açoriana, e que bravamente perdura por 204 anos na comunidade de Taquari. No decorrer desses mais de dois séculos de existência já passaram pela diretoria da irmandade, sendo também festeiros 58 homens, geralmente na organização da festa acompanhados por uma mulher, que até o que sabemos não afirma ser a esposa do mesmo. De acordo com Goerck (2009, p.204, 206, 211), o primeiro festeiro da festa de São José foi José Gomes Junqueira, que permaneceu até 1808. No centenário 1905, o festeiro foi Antônio Porfírio de Menezes, acompanhado por Maria Orphila Teixeira. No bi-centenário o

festeiro foi Paulo Roberto de Castro e sua esposa Marilú Capelão Castro. Atualmente os festeiros da festa de São José são: Ivo dos Santos Lautert, Tânia Porn Lautert, Jorge Luis F. Pereira e Eliane F. dos Santos.

Constatou-se através de pesquisa no Livro de Atas da Irmandade São José, que data de 1806, que atualmente a irmandade é responsável direta pela manutenção da Igreja/Paróquia São José. Na Ata de 15 de março de 1998, tomou-se providências sobre a rede elétrica da Igreja Matriz, ao que informou os técnicos necessita de uma revisão geral, sendo que a Irmandade assumiu o encargo com o recurso que conceber a ela, proveniente do lucro líquido da Festa de São José; também foi alertado sobre a precariedade do telhado da Igreja Matriz (Ata de 15/03/1998, p.277).

Ainda em relação às ao livro de Atas da Irmandade São José, em 14 de dezembro de 1993 foi solicitado que os irmãos da irmandade deverão aparecer sempre em bom número para a reza do terço e nos enterros. O irmão provedor também falou sobre a liturgia da missa do primeiro sábado de cada mês e para que não compareça na Igreja Matriz apenas três ou quatro irmãos. Informou também sobre a coleta da missa que deverá ser realizada pelos irmãos da Irmandade (Ata de 14/12/1993, p.263-264).

Propondo relacionar as reuniões atuais da Irmandade São José, observamos que a Ata de 29 de maio de 1808, o irmão provedor e demais irmãos da mesa, deliberavam sobre o último lance no preço de oito mil réis, verba que seria usada nas reformas da Igreja Matriz São José. Em atas anteriores quanto em posteriores à 1808, quase todas tratam de “transporte de conta de despesa”, esta expressão é usada para relacionar os materiais comprados, principalmente para a construção de algo novo na igreja ou para reforma da igreja, e em quase todas as reuniões registradas faziam a eleição para escolha dos novos membros que iriam compor a Irmandade e os festeiros que organizariam a Festa de São José.

No centro da cidade de Taquari, comprova-se que a Irmandade continua em perfeito funcionamento, o que é comprovado em reportagens veiculadas em jornais locais, como “O Açoriano” e “O Fato Novo”. Nos dias atuais, muitos municípios conservam as irmandades religiosas em pleno funcionamento, realizando inclusive festas, procissões em homenagem ao santo de devoção de sua irmandade, o que envolve um número bastante significativo de fiéis

católicos e pessoas das comunidades as quais estão inseridas no geral. Em Taquari, por exemplo, devido a popularidade da Festa de São José, organizada pela Irmandade São José, as festividades são realizadas no salão paroquial, que comporta um número expressivo de pessoas.

No município de Paverama, não existe atualmente nenhum grupo de irmandade presente, no século XVIII quando ainda era localidade de Taquari, na época denominada de “Arroio Grande”, Paverama tinha uma irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário, destinada às pessoas de etnia negra. Procuramos referência à esta irmandade na cidade e também em Taquari, porém não encontramos. Somente é apontado a existência da mesma, apontado por Nilda Rita Alves dos Santos (2007), Riograndino da Costa e Silva (1972) e João Maria Balém (1956).

No dia 19 de março de 2009, ocorreu a 204ª edição da Festa de São José, organizada pela Irmandade São José (veja ANEXO 20), que contou com a presença de centenas de pessoas do município e também de outros lugares, tanto próximos quanto distantes. A festa encerrou-se com um delicioso almoço, onde foi servido um suculento churrasco preparado pelo CTG Capitão Rodrigo da cidade de Taquari, que também doou a carne que foi servida. A festa contou também com a participação de autoridades do meio político e social que estiveram prestigiando o evento.

2.2 Outros eventos religiosos que preservam a cultura açoriana

Na cidade de Paverama, a inexistência das irmandades religiosas, não desmerece a realização de festividades religiosas que remetem à cultura açoriana. Atualmente são realizadas procissões em homenagem aos santos padroeiros das capelas do interior e a maior procissão em homenagem a Padroeira da Igreja Matriz, Nossa Senhora do Rosário (veja ANEXO 21), localizada no centro da cidade. Ocorre também todos os anos a Procissão de Corpus Christi pelas principais ruas da cidade. A celebração da missa na Páscoa e no Natal, que são ocasiões em que a Igreja Matriz fica lotada de fiéis. Os grupos de oração, que realizam a reza do terço também manifestam suas intenções através da oração. A visita da

capelinha com uma imagem de devoção também percorre as residências, onde cada família recebe ao menos uma vez ao mês a visita. No interior de algumas casas foram construídos ao longo dos anos altares internos para cultuar uma santidade em específico. Todos esses costumes religiosos nos relembram os costumes dos primeiros colonizadores açorianos que povoaram Paverama e Taquari.

Segundo a entrevista R(2009) os costumes religiosos açorianos perduram entre nós:

[...] em relação às festas religiosas [...] Os terços nas casas das pessoas ainda, geralmente são as pessoas mais velhas que fazem isso, que ainda fazem uma vez por semana um terço na casa do vizinho, vão pra lá e rezam o terço, na outra semana na casa do outro vizinho. Todos nós temos de uma forma ou de outra imagens de santos na nossa casa, ou seja, pendurados na parede ou em altares, *altarzinhos*, ou no quarto ou num cantinho da sala, um lugarzinho sempre se acha. E ainda se mantém o costume das capelinhas, está ligada à Igreja central, a Igreja Matriz ou em alguma entidade responsável e essas capelinhas vão de casa em casa uma vez por mês, vão na vizinhança, então tem várias capelinhas, de por exemplo, pode ser um bairro, uma ou duas ruas, que a capelinha circule na casa daquelas pessoas e as próprias pessoas se organizam nisto. A capelinha hoje vem na minha casa, amanhã eu sei que vou entregar para o vizinho e assim por diante vai indo, vai indo e de repente mês que vem tá chegando à minha casa de novo. Então são várias maneiras assim, já mais serenas, *espálidas*, mais se mantém ainda as tradições (ER, 2009, p.6, grifo nosso).

Em relação aos altares internos (verifique ANEXO 22) presentes nas residências, quando da inexistência dos mesmos, esses podem ser substituídos por quadros ou outras imagens de devoção. É o que enfatiza EA (2009):

Aqui em casa nós não temos propriamente um altar, mas sim quadros, temos uma devoção especial à sagrada Família de Nazaré e a Santa Terezinha que é a minha santa né, a santa alusiva ao meu nome, Santa Terezinha e outras imagens, mais especiais mesmo é a Sagrada Família de Nazaré e a Santa Terezinha (EA, 2009, p.2).

De acordo com a entrevista A (2009) a visita da capelinha é um momento bastante aguardado por toda a família. “Nós recebemos mais ou menos num período de 30 dias, às vezes um pouco mais a capelinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima (observe ANEXO 23), cuja aparição foi em Portugal, num lugar que não me recordo agora o nome, mas foi em Portugal. A capelinha que nos visita é a de Nossa Senhora de Fátima¹⁷ (EA, 2009, p. 2).

¹⁷ Em relação às imagens de devoção da entrevistada A, na capelinha que passa em sua residência está a imagem de Nossa Senhora de Fátima, cuja aparição se deu em Portugal, e o seu culto foi levado também para as ilhas dos Açores. Já a sua santa de devoção pessoal é Santa Terezinha, a qual tem a imagem em sua residência, e a santa padroeira da Igreja que frequenta e da cidade de Paverama é Nossa Senhora do Rosário. São portanto três

Ainda é enfatizado na entrevista A (2009) a sensação ao receber a visita da capelinha, fazendo menção inclusive às demais famílias que também recebem esta visita.

No geral a gente tem comunicação com outras famílias, mais aqui em casa ela é sempre muito bem vinda e esperada com ansiedade, pois significa para nós bênçãos para a família, em especial para todos que recebem a sua visita, as pessoas fala: “há passou um ou dois dias, a capelinha ainda não chegou, ainda não veio”, então agente vê uma ansiedade, uma vontade de receber essa visita e ela é sempre muito bem vinda (EA, 2009, p.2).

Os grupos de oração também nos remetem à cultura açoriana. Em Paverama, o mês de outubro é dedicado à reza do terço, por ser o mês das missões. Neste sentido EN (2009, p.3) esclarece que na cidade durante todo o mês de outubro, o terço, a oração do terço é realizada todos os dias pelas 19 horas, onde há uma participação significativa. Além da oração do terço no mês de outubro também ocorre durante o ano, todas as quintas-feiras a reza da oração do terço, onde um grupo sempre participa.

Acrescentando EA (2009) se refere também a sua participação e da comunidade nos grupos de oração.

[...] em Paverama [...] Nós temos grupos de casais que se reúnem nos lares para rezar o terço e refletir sobre as vivências familiares e comunitária, para ajudar nas capelas e na Paróquia, para planejar as festas dos padroeiros, da Paróquia principal e das capelas, a liturgia das missas, os cantos e temos também as novenas, principalmente no ciclo natalino, a gente se reúne nas casas e os casais vão de casa em casa durante nove dias, vão nas casas rezam o terço e reflete, faz pedidos, agradecimentos, é mais ou menos isso (EA, 2009, p.3).

A homenagem aos santos padroeiros das capelas também é comemorado e reverenciado, tanto nas comunidades de Taquari quanto em Paverama. No município de Paverama a Santa Padroeira é Nossa Senhora do Rosário, cuja comemoração se dá no dia 07 de outubro de cada ano. Nesta ocasião é realizada uma missa, seguida de procissão motorizada e à tarde reunião dançante no ginásio da comunidade católica (veja ANEXO 24). Já em Taquari o Santo Padroeiro é São José, cuja comemoração acontece no dia 19 de março anualmente.

imagens diferentes, mas todas da Virgem Maria, e isso traduz uma religiosidade muito grande e mostra a importância da religiosidade para a comunidade onde vive (EA, 2009, p.2-3).

Segundo EA (2009) em relação à comemoração de Nossa Senhora do Rosário a comunidade se mostra bastante participativa e envolvida, demonstrando fé e devoção.

A comunidade é muito ativa e participativa, participa ativamente na organização, nos tríduos, nas oferendas, no trabalho em geral, a turma pega mesmo porque gosta e porque são realmente devotos. Nesta festa costumamos convidar casais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil que são duas comunidades fortes aqui em Paverama, que colaboram na organização. A acolhida é muito boa e as duas comunidades convivem numa perfeita relação, numa perfeita simbiose, muito positiva. A devoção e a fé é muito grande pois vem de tradição familiar, dos antepassados que construíram a Igreja, que iniciaram, que lançaram a pedra fundamental da Paróquia e a escola, porque no passado não havia nada disso e então a preocupação de nossos antepassados era construir essa Paróquia e o pessoal é grato por isso hoje, é bastante participativo (EA, 2009, p.3).

Ainda para EA é destacado:

A festa tem uma programação definida ao longo do dia: começa com missa festiva, geralmente às 9 horas, depois a procissão pela rua principal com o andor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, bem ornamentada, geralmente com rosas vermelhas, carreata que acompanha com carros e motos, retorno à Igreja; Ao meio dia almoço com churrasco. À tarde baile com música e sorteio de prêmios, e durante a procissão aquele tradicional foguetório e cantos e rezas e vivas à Nossa Senhora, é mais ou menos isso aí (EA, 2009, p.4).

Sobre a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário EN ainda acrescenta:

É sempre um dia muito esperado tanto que em tempos bastante anteriores a festa é preparada com carinho e no dia pela parte da manhã acontece a celebração eucarística com bastante povo presente e a seguir segue a procissão, que nos últimos anos é motorizada, quer dizer feita com desfile de veículos e que no final recebem e que no final recebem a dispersão com água benta. Durante o dia nos festejos muita participação (EN, 2009, p.2).

O entrevistado N finaliza:

Na parte da manhã ocorre a missa. É celebrada a missa pelo pároco e participada pelo povo, e a seguir segue a procissão. Nos últimos anos é motorizada, quer dizer era feita, participada com desfile de carros, que no final da chegada, recebiam a dispersão com água benta, e ao meio dia então o almoço e a tarde continuava a festa. A festa popular no ginásio (EN, 2009, p. 2).

Na cidade de Taquari a Festa de São José é um grande evento, que vinculado à Irmandade São José realiza uma novena de 9 dias de duração com programação variada. Segundo EW (2009, p.2) “[...] grande parte da comunidade acompanha os eventos promovidos pela Igreja católica, e cito apenas como a principal a festa anual de São José, que

é celebrada com novena, muito festiva, não só na parte religiosa, mas também na parte social, com jantãs todas as noites e aí a comunidade no geral acompanha muito”.

Segundo reportagem do jornal “O Açoriano”, Taquari reverencia o seu padroeiro em dez dias de programação. A novena que dura 9 dias em honra ao padroeiro São José no primeiro tem como tema: José e a dimensão missionária da Igreja, no segundo dia o tema é José, Pai acolhedor, no terceiro dia José, homem justo e pacífico, prosseguindo os demais dias com temas variados, como forma de reverenciar São José. Além da novena é servido em cada uma das 9 noites um cardápio especial no salão paroquial da Igreja matriz São José (O Açoriano, 13/03/09, p.15).

A partir das entrevistas realizadas, constatamos que outra festa religiosa bastante popular, tanto na cidade de Paverama quanto de Taquari é a Procissão de Corpus Christi. As comunidades se envolvem na confecção dos tapetes, que enfeitam a rua em frente à Igreja Matriz, participam da missa celebrativa e em seguida da procissão pelas principais ruas da cidades.

Segundo EN (2009) a Procissão de Corpus Christi¹⁸ tem seu significado destacado.

[...] é uma festa que foi introduzida à muitos anos. Na verdade é na Quinta-feira Santa que se celebra a instituição da Santíssima Eucaristia, mais como ocorre apenas a missa da ceia do Senhor, sempre feita de forma muito festiva na Quinta-feira Santa, então foi escolhido também um dia especial para uma veneração, para uma homenagem a duração pública do Santíssimo Sacramento do Corpo de Cristo, e que é feito sempre em procissão, em procissão pública da qual participa todo os fiéis, toda a gente da missa que sempre precede a procissão. É sempre um dia muito significativo par todo o povo católico, o povo cristão que realmente é verdadeiro, tem uma verdadeira devoção da Santíssima Eucaristia (EN, 2009, p.2).

EN (2009, p.2) ainda acrescenta:

A procissão de Corpus Christi representa um grande evento religioso para a comunidade de Paverama, tanto que assim é preparado sempre com muito carinho, e quem se envolve bastante também nesta preparação, além do pároco é também o movimento do Cenáculo de Maria, que procura enfeitar com símbolos coloridos, com serralagem colorida a rua que passa em frente da Igreja, e por isso tem também um

¹⁸ O significado desta procissão para a Igreja Católica: é uma festa que foi introduzida à muitos anos na Quinta-feira Santa, onde se celebra a instituição da Santíssima Eucaristia, mais como nesta ocasião ocorre apenas a missa da ceia do Senhor, sempre feita de forma muito festiva, então foi escolhido também um dia especial para uma veneração, para uma homenagem a duração pública do Santíssimo Sacramento do Corpo de Cristo, que é a Procissão de Corpus Christi.

significado muito especial, como aliás já é tradicional desde à muitos anos atrás esta procissão de Corpus Christi, visto que é sempre muito esperada e participada. E quando chove ficam uma certa frustração pela não realização da procissão (EN, 2009, p.2).

Sobre a Procissão de Corpus Christi (observe ANEXO 25) em Paverama, EA (2009) recorda as suas lembranças de quando ainda era criança e participava com muito entusiasmo desta festividade religiosa.

Participo sempre, mais o que mais me marcou é no tempo de criança, quando eu tinha mais ou menos uns 9, 10 anos e parava em casa de mês avós para frequentar o antigo grupo escolar, e então eu participava da Procissão de Corpus Christi, às vezes vestida de anjinho, de vestidinho branco, uma coroinha na cabeça, com uma cestinha com pétalas de flores, que agente ia largando pelo caminho. Naquela época, como criança eu não entendia o sentido daquele rito, daquele ritual, para mim um espetáculo muito bonito. A procissão era realizada no potreiro aos fundos da Igreja, um potreiro enorme, cheio de árvores no fundo da igreja e as famílias organizavam os seus altares ao redor do potreiro, assim tinham espaços, bastante grandes numa espécie de barraquinhas ou casinhas muito bonitas e bem ornamentadas. Eram várias barraquinhas, casinhas e em cada uma delas o padre passava e é claro seguido em procissão pelas várias pessoas, então o padre parava fazia uma pequena celebração com exposição do santíssimo era muito bonita. E todos conheciam popularmente a festa de Corpus Christi como a festa das casinhas, e cada qual queria fazer a casinha mais bonita e era muito bonita. Eles expunham aquelas colchas bonitas, cortinas com flores e imagens de santos e enfeites e isso marcou muito a minha infância. Hoje já não se faz mais isso, e como eu te disse era acompanhada por grande público, rezando, cantando, e nos dias de hoje a procissão é realizada na rua que passa em frente à Igreja com ornamentação em forma de tapetes com símbolos sacros. Então é bem diferente, no passado parece que era mais bonito, o pessoal parece que tinha mais convicção e hoje a coisa é mais superficial, mais ainda é bonito (EA, 2009, p.5-6).

Na cidade de Taquari a comunidade também se empenha na Procissão de Corpus Christi, que também é uma festa muito popular, que envolve a comunidade e as próprias crianças e adolescentes que confeccionam os tapetes em frente à Igreja Matriz São José. Para EW (2009, p.2 grifo nosso) “A procissão de Corpus Christi e outros eventos tradicionais também tem boa presença de católicos esporádicos, tem aqueles que vem sempre, os que vem de vez em quando e os que vem muitas vezes, mas não sempre e aqueles que eu chamo um pouco de *pasqualinos ou natalinos*, que vem em oportunidades muito especiais”.

De acordo com René Marc da Costa Silva, as festas traduzem os anseios de um povo, de uma comunidade. Neste sentido aponta:

As festas são [...], rituais nos quais se dramatizam os valores mais importantes desses grupos sociais ou comunidades, mas também em que se denunciam os contextos de sofrimento e a realidade de opressão das condições em que frequentemente se encontram as camadas subordinadas. Apontam, por vezes, para maneiras criativas de amenizá-las ou transformá-las, ostentando uma invejável habilidade de celebrar

descontraidamente e de dizer sim à vida em meio a tanta adversidade. Entretanto, na medida em que afirmam valores particulares e uma maneira específica de ser, fazer, viver e ver o mundo, desnudam o exercício opressivo do poder, tornando visíveis as relações subordinadas em que se encontram e que se estabelecem com os sistemas simbólicos dominantes ou hegemônicos da sociedade (Silva, 2008, p. 191-192).

Em reportagem veiculada no Jornal “O Açoriano”, “Mantendo a tradição, quadras em frente à Igreja Matriz e Prefeitura foram enfeitadas com criativos tapetes de serragens e agasalhos, no dia de Corpus Christi (O Açoriano, 12/06/09, Capa)”. No mesmo jornal “Foram confeccionados 36 tapetes, sendo que 30 deles foram utilizados serragem e os demais com agasalhos” (veja ANEXO 26) (O Açoriano, 12/06/09, Caderno cafezinho).

Em Taquari, os tapetes tradicionais de Corpus Christi são confeccionados por entidades, escolas com o apoio da prefeitura. Já em Paverama a confecção dos tapetes é realizada pelo grupo de oração – Cenáculo de Maria – que a alguns anos realiza essa atividade com devoção, acordando de madrugada para fazê-los, ficam decepcionados quando chove e não podem realizar a sua tarefa (verifique ANEXO 27).

O jornal taquariense “O Fato Novo” também fez referência à confecção dos tapetes de Corpus Christi, desta vez foram os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Barão do Ibicuí da cidade que os fizeram em frente a sua escola. “Comunidade escolar também organizou uma celebração [...] Os tapetes foram confeccionados com serragem colorida e palha de arroz, doadas pela comunidade e por empresas e, enfeitaram a rua em um área de 42 metros de comprimento por dois de largura [...]” (O Fato Novo, 12/06/09, p.10). (observe ANEXO 28).

Os açorianos tinham formas variadas de praticar a religiosidade, todas as manifestações descritas, por nós anteriormente demonstram essa prática. Outra manifestação religiosa ainda não descrita trata-se do pagamento de promessas aos santos de devoção. Na cidade de Taquari, isso se dá de forma grandiosa, pois à 21 anos atrás Nossa Senhora apareceu para um grupo de jovens na localidade de Rincão São José, aclamando aos jovens que rezassem e se unissem em torno de um templo religioso, que deveria ser construído no local de sua aparição. A procissão de Nossa Senhora da Assunção, que é mais conhecida como “Romaria de Nossa Senhora da Assunção” reúne anualmente no mês de agosto, milhares de pessoas em caminhada e oração ao local da aparição de Nossa Senhora (veja ANEXOS 29 e 30).

Segundo reportagem do jornal “O Açoriano” de Taquari, no ano de 2008 a Paróquia São José preparou-se para as comemorações dos 20 anos das supostas aparições de Nossa Senhora da Assunção, que teria acontecido em 24 de março de 1988, nos fundos da pequena capela, hoje inserida no santuário existente no mesmo local. Naquela ocasião, um grupo de crianças e adultos afirmaram ter visto a imagem da santa. Ainda no mesmo jornal é destacado:

Na tarde de 24 de março de 1988 um grupo de crianças afirmava que teriam visto uma imagem que seria a de Nossa Senhora da Assunção. Volnei teria sido um dos primeiros a ter visto. Na época disse que viu a imagem em torno das 15 h 30 min [...] atrás da capela. Outro que teria tido a visão foi Alex, acrescentando que recebera um recado Dela, trazendo uma mensagem de paz e que a humanidade estava precisando de mais orações [...] A notícia se espalhou-se rapidamente e desde então o local passou a ser o centro de orações e a receber a visita de fiéis durante todo o ano (O Fato Novo, 28/03/2008, p.10).

De acordo com Goerckt (2009, p.172) a reportagem veiculada no jornal é confirmada “No dia 24 de março de 1988, junto a uma árvore denominada chá de bugre, o menino Volnei Quadros da Silva, 11 anos, teve a primeira visão de Nossa Senhora”. Para Goeckt as aparições de Nossa Senhora seguiram-se por mais 6 dias, sendo que em cada ocasião ao aparecer Ela pedia alguma coisa aos jovens ou as pessoas reunidas. O autor enfatiza:

No dia 02 de abril, Sábado de Aleluia, o fato mais significativo e comum a todas as pessoas presentes, mais de duas mil, foi o fenômeno do sol. Diziam: “o sol parecia estar pulsando e começou a girar. O sol nunca mudava de cor. O sol podia ser visto sem ofender a vista... Foi como presenciar, através de uma abertura, as belezas infindas que Deus preparou para nós no céu. Estas pessoas experimentaram uma alegria toda especial, como se uma chuva de paz tivesse sido derramada sobre todos. Foi nesse dia que nasceu o clamor por vida nova, mundo novo, homem novo... (Extraído do folheto editado pela comunidade do Santuário da Assunção) (Goerckt, 2009, p.173).

Na ocasião da romaria de Nossa Senhora da Assunção, os romeiros percorrem 3,5 Km motivados pela fé. Neste ano de 2009, o tradicional percurso não foi realizado, em prevenção a Gripe A (H1N1), é o que podemos constatar em reportagem do jornal “O Fato Novo”, onde os devotos de Assunção prometem fazer a caminhada:

Mesmo com o cancelamento da tradicional romaria em decorrência da nova gripe, fiéis prometem fazer a caminhada [...] A ameaça de propagação do vírus H1N1, causador da nova gripe, colocou muitas comunidades em alerta. Sendo assim, a tradicional romaria de 3,5 Km, entre as igrejas Nossa Senhora das Graças e o Santuário da Assunção, com a participação de romeiros de diversas cidades, que acontecerá no dia 16 de agosto, próximo domingo, foi cancelada [...] (O fato Novo, 14/08/09, p.07).

A fé “move montanhas”, é o que pudemos constatar através da reportagem do jornal “O Fato Novo”, onde devotos de Nossa Senhora da Assunção percorreram o caminho do Rincão como se estivesse acontecendo a Romaria. Os fiéis fizeram a sua própria romaria mostrando fé em Assunção. O tempo quente e ensolarado favoreceu a caminhada realizada por famílias de Taquari e de outros municípios. “A fé muito maior do que o medo de contágio da nova gripe e muitos fiéis fizeram sua própria romaria, no domingo, dia 16, ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção” (O Fato Novo, 21/08/09, p.10).

Durante a romaria de Nossa Senhora da Assunção muitos fiéis pagam promessas ou graças alcançadas. De acordo com reportagem veiculada no jornal “O fato Novo”:

Como pagamento de promessas, famílias costumam levar suas crianças vestidas de anjo na romaria. No ano passado, Tatiane Araújo da Silva, de Tabai, não pôde levar a filha Amanda vestida assim porque ela ainda era muito pequena. Nesta romaria, com um ano e dois meses, a pequena Amanda pôde ir de anjo. A promessa à santa foi um pedido de saúde para a menina, que quando nasceu ficou 12 dias no Centro de Tratamento Intensivo (CTI). O pai de Amanda acompanhou a romaria, enquanto as duas aguardavam no santuário (O Fato Novo, 22/08/08, p.07).

Outra promessa paga à Nossa Senhora da Assunção foi por nós encontrada no jornal O Açoriano “De pés descalços, a taquariense Rosane, e sua filha Érica Oliveira, fizeram o percurso. *Estamos agradecendo por uma benção recebida e reforçando o pedido de saúde*, contou Rosane, que ainda diz *participei de todas as edições da romaria e de agora em diante irei todos os anos descalça para agradecer por tudo que ela tem nos feito e ainda vai fazer* (O Açoriano, 22/08/08, p.13 grifo do autor).

No ano de 2007, cerca de 40 mil fiéis de todo o Estado fizeram a caminhada com Assunção, de acordo com o jornal “O Açoriano”, edição de 22 de agosto de 2008. “Tudo o que tenho, devo a ela”. Esta foi uma afirmação de fé feita pela fonoaudióloga, Desiree Seadi Torriani, que diz que mesmo não tendo formação católica, relatou algumas situações que a levaram a acreditar na proteção de Nossa Senhora da Assunção. “Eu ouvia mais não dava muito valor, e quando vim para Taquari comecei a ver que tinha uma fé muito grande, que as pessoas falavam: pede para santinha, pede pra Nossa Senhora”, conta, e ainda acrescenta: “Eu sempre percebi que se Maria foi escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus, alguma coisa muito especial ela deve ter” (O Fato Novo, 15/08/08, p.04). Ainda na mesma reportagem Desiree acrescenta que começou a fazer pedidos e obter resultados, conseguiu unir o

casamento a cidade, já que o marido morava em Porto Alegre e ela em Taquari, então ela fez uma novena para Nossa Senhora da Assunção e o esposo conseguiu um trabalho na cidade de Taquari. Pediu que fosse abençoada com a maternidade e foi atendida, tanto que batizou o filho no Santuário da Assunção.

No município de Paverama não ocorreu nenhuma aparição de uma imagem de devoção, mas as pessoas também pagam suas promessas de formas variadas, e sempre que podem vão à cidade vizinha de Taquari, ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção pagar suas promessas. Segundo EN “As pessoas em geral, elas são bastante cuidadosas no pagamento das promessas e fazem questão de pagá-las, eu tenho observado isto. Nesse sentido são bastante, às vezes com contribuições que eles dão ou outras formas, digo outras práticas religiosas - não são tanto mas também ocorrem – talvez em menor número” (EN, 2009, p.3-4).

Também em relação ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção EN (2009) enfatiza:

Esta romaria, em Taquari, como aliás aqui em Paverama, temos assim o costume de pagamento de promessas, mais esta procissão à Taquari vem acontecendo à mais ou menos 20 anos, desde que teriam ocorrido lá fenômenos extraordinários, e que por isto é uma procissão que visa, que tem em outras palavras este movimento, do povo religioso que é devoto da Virgem Maria, e que também nesta procissão, não apenas como devoção mariana, mas também tem toda uma celebração em torno dela. Existem na parte da manhã, existe uma que na celebração depois durante o dia atendimento às confissões, e a partir das 14 horas ou antes acontece a procissão que começa numa determinada capela da comunidade e termina depois no Santuário onde é celebrada a Santa Missa a partir das 15 horas. Aqui de Paverama, sempre todos os anos como já é tradição muitas pessoas vão a pé, outras vão de ônibus, lotam ônibus, mais na parte da manhã [...] (EN, 2009, p.3).

De acordo com EA é enfatizado:

Eu já visitei Santuário, mas ainda não participei de nenhuma das romarias. Acho a peregrinação uma demonstração muito corajosa de fé, muito positiva. Muitas pessoas daqui de nossa localidade, Boas Esperança, Paverama vão caminhando a pé até Santuário, fazendo a jornada de não sei quantos quilômetros 50,60 quilômetros até o Santuário, então pagando suas promessas. Pessoalmente eu ainda não participei, tenho vontade de participar (EA, 2009, p.4).

A entrevistada EA (2009) ainda destaca sobre o pagamento de promessas pelos fiéis em Paverama:

Aqui é mais com missas, encomendam missa em ação de graças, rezam terços nas igrejas ou em casa e até tomam atitudes de ordem íntima e particular como por

exemplo: dar um presente para quem precisa, para de fumar, ajudar alguém necessitado, fazer as pazes com alguém que estão de repente assim “brigados”, é mais ou menos deles nesse caminho que eles seguem as promessas (EA, 2009, p.4).

Na cidade de Taquari também ocorrem outros eventos religiosos, como o “Natal Açoriano em Terra Gaúcha”, que tem grande repercussão na mídia regional, atraindo no mês de dezembro inúmeras pessoas para as margens da Lagoa Armênia na cidade, onde é realizado (verifique ANEXO 31). “No sábado, dia 13, ocorreu a noite principal do 17º Natal Açoriano em Terra Gaúcha. A tradicional encenação da chegada dos imigrantes e do nascimento de Jesus encantaram a todos” (O Fato Novo, 19/12/08, Capa).

Outra procissão bastante significativa na cidade de Taquari ocorre no dia 02 de fevereiro anualmente, trata-se da procissão fluvial pelo rio Taquari em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes (observe ANEXO 32). Na páscoa ocorre outro evento religioso em Taquari com encenação, na Lagoa Armênia, a Sexta-feira Santa é rememorada com a encenação da paixão de Cristo. Neste ano a encenação ocorreu no dia 10 de abril (veja ANEXO 33).

A religiosidade açoriana, que ainda permanece viva, reunindo diferentes pessoas, em diferentes locais e manifestações, enfim os costumes religiosos nos remetem à cultura açoriana, sendo que revivemos essas tradições, que ainda estão presentes entre nós.

Em relação à cultura, às vezes à tratamos de forma equivocada como simples acontecimento social e comportamental, mas a cultura é mais do que isso. Sobre este assunto Clifford Geertz (1989, p. 24), menciona que, “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto”.

A partir disso, finalizamos este capítulo reforçando o fato de que, o colonizador de origem açoriana, mesmo depois de mais de 250 anos de sua chegada no Rio Grande do Sul conserva sua herança cultural, mesmo que esta esteja completamente inserida em outras etnias e que poucos reconheçam a verdadeira herança cultural açoriana, ela está aí, principalmente nas comunidades que tiveram os açorianos como primeira etnia européia à colonizar de fato as suas terras.

Como já foi destacado, a cultura oriunda dos colonizadores açorianos conservou-se, mas houve agregações de novos elementos e isso aconteceu devido ao contato com outras culturas. Contribuindo para essa questão, Peter Burke (2003, p. 101-102) salienta que, “em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas [...] todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos direto com tradições alternativas [...] as tradições são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas”.

A forte religiosidade açoriana foi trazida das ilhas dos Açores e adaptada no Rio Grande do Sul, no Vale do Taquari, nas cidades de colonização típica açoriana como Taquari e Paverama. Além dos costumes religiosos, outras manifestações nos remetem à cultura açoriana como a arquitetura e a alimentação, tornado-se marcas vivas e presentes entre nós dos colonizadores açorianos.

Os colonizadores açorianos em sua fase de ocupação inicial no Rio grande do Sul ficaram “vagando” sem um rumo certo à seguir, depois de 20 anos fixados em solo gaúcho cultivaram a terra, construíram capelas e igrejas para manifestar a sua fé e devoção, e contribuíram para a formação da identidade nacional, em especial a rio-grandense. Seus descendentes estão distribuídos em vários municípios do Estado e, juntamente com os italianos, alemães, poloneses, japoneses, índios, negros e outras etnias, constituíram e constituem o povo gaúcho, o qual é reconhecido pela sua diversidade étnica.

Sobre este assunto Fredrick Barth (1998, p. 187), comenta que, “[...] todo o raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua: que haveria agregações humanas que, em essência, compartilham uma cultura comum e diferenças interligadas que distinguiriam cada uma dessas culturas, tomadas separadamente de todas as outras”.

Os colonizadores açorianos nos deixaram um legado de simplicidade, hospitalidade, garra, luta e perseverança diante das mais diversas adversidades. Exímios católicos, tinham na fé e na religiosidade o seu ponto forte. Deixaram também uma herança alimentar simples mais saborosa e uma arquitetura modesta, retratada nas casas e nas igrejas edificadas por eles.

Neste sentido, ao registrarmos e preservarmos toda a religiosidade, a alimentação e a arquitetura típica açoriana estaremos tornando o passado mais rico e o resultado do presente deixará para as futuras gerações um significativo legado.



CONCLUSÃO

Os açorianos vieram para o Brasil, e especificamente para o Rio Grande do Sul na segunda metade do século XVIII, mais precisamente no ano de 1750, trazendo consigo uma ampla bagagem cultural, que com os anos foi perpassada às futuras gerações (filhos e netos). Os costumes típicos açorianos permaneceram, mas com o acréscimo de novos elementos culturais adquiridos em solo brasileiro e rio-grandense, também agregando elementos culturais encontrados na nova terra, comprova-se atualmente como herança luso-açoriana deixada, a forte religiosidade, a alimentação e o estilo arquitetônico barroco colonial, principalmente nas comunidades por nós consultadas.

A partir disso, o objetivo deste estudo visou analisar e compreender, a partir de fontes bibliográficas e documentais os elementos da cultura açoriana, através da religiosidade, a constituição das irmandades religiosas, a procissão de Corpus Christi, a reza do terço, as procissões em homenagem aos santos padroeiros das igrejas e capelas, a visita da capelinha com imagem de devoção, a existência dos oratórios ou altares internos com imagem de devoção nas residências nas cidades de Taquari e Paverama ou através de outros costumes como a culinária açoriana, onde destaca-se o peixe, os doces de calda e o fervido, seja através da conservação de uma arquitetura barroca colonial nas casas e igrejas, que lembra o estilo empregado pelos primeiros colonizadores açorianos. Na cidade de Taquari, destacam-se também dentro dos aspectos religiosos a encenação do Natal Açoriano em Terra Gaúcha, a encenação da paixão de Cristo e a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção.

Retornando aos objetivos como: a) Entender que mesmo passando por tantas dificuldades e necessidades, os imigrantes açorianos no Rio Grande do Sul deram continuidade à elementos de sua cultura, dentre os quais é possível apontar a alimentação, arquitetura e religiosidade, que continuam presentes nas cidades de Taquari e Paverama; b) Perceber que por muitos anos os seus costumes e religiosidade, mais precisamente as Irmandades foram uma forma de demonstração de fé, de comunicação e entretenimento entre as famílias, atualmente na cidade de Taquari está em pleno funcionamento a Irmandade São José; c) Demonstrar que através de alguns costumes, como alimentação, arquitetura e religiosidade, é possibilitado aos jovens darem continuidade a cultura de seus antepassados. Nos dias atuais diferentes pessoas, incluindo idosos, adultos, jovens e crianças participam com entusiasmo, fé e devoção principalmente dos eventos religiosos que remetem à cultura açoriana.

Sobre isto constatamos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, pois através dos costumes religiosos, alimentares e arquitetônicos, os elementos culturais açorianos mostraram-se em evidência, possibilitando dessa forma a sua continuação e perpetuação. Os jovens, através das procissões em honra ao santos padroeiros das capelas ou igrejas, dos aspectos alimentares trazidos pelos açorianos e da arquitetura preservada, têm a oportunidade de vivenciar e presenciar, os costumes dos seus antepassados, os primeiros colonizadores açorianos que colonizaram Taquari e Paverama, apesar de muitos desconhecerem suas origens.

Visando analisar e entender a cultura açoriana, levantamos como problemática as seguintes questões: É possível afirmarmos que os costumes açorianos (alimentação e arquitetura) e a religiosidade açoriana (Irmandades) indicam uma possível continuidade da cultura açoriana e como se explica a religiosidade açoriana? A alimentação e a arquitetura típicas açoriana, muitas das quais obtidas do mar, permanecem preservadas nos dias atuais? Os costumes religiosos, principalmente as Irmandades ainda são praticados na atualidade? Pode-se dizer que a cultura açoriana foi readaptada ao contexto do Rio Grande do Sul e não repetida da maneira como ocorria nas Ilhas dos Açores?

Relativo a problemática da pesquisa, às hipóteses levantadas foram: A primeira delas é que os costumes e a religiosidade presentes ainda hoje nas cidades de Taquari e Paverama, colonizadas inicialmente por açorianos, continuam preservados. A farta gastronomia, a

arquitetura das casas e igrejas herdada dos açorianos e a religiosidade são as manifestações mais significativas que perduraram os anos. A religiosidade está retratada em diferentes práticas, sendo que a Irmandade São José da cidade de Taquari é o grupo religioso mais significativo que remete à cultura açoriana. A religiosidade açoriana explica-se devido às adversidades passadas pelos açorianos na Ilha dos Açores, terremotos, erupções vulcânicas, maremotos, em caso da ocorrência de um deles, as pessoas não tinham para onde fugir, por isso se apegavam à oração e à Deus, e essa fé foi trazida e preservada no Rio Grande do Sul.

Em relação à segunda hipótese, é possível afirmar que no Rio Grande do Sul, principalmente no que se refere à cidade de Taquari, não existia mar, por isso o peixe passou a ser retirado do rio. Em relação ao peixe pescado no mar, isso não ocorre nas cidades pesquisadas, foi feita uma adaptação, sendo que o rio fornece esse alimento, pela inexistência do mar, na região do Vale do Taquari, mais especificamente na cidade de Taquari, onde inicialmente os colonos açorianos fixaram-se. Os açorianos continuaram criando porcos, galinhas, e em alguns casos também os bois. A doçaria é marca registrada da culinária, permanecendo os doces derivados do leite, o arroz de leite, a ambrosia, bem como as frutas em calda. Através de entrevistas realizadas por nós nas cidades de Taquari e Paverama, constatamos que essa alimentação típica açoriana permanece na atualidade preservada e utilizada em grande escala. A arquitetura está presente na Igreja São José de Taquari, que é contemporânea dos açorianos e na Capela São José de Paverama. Já as casas construídas por açorianos não existem mais, porém o estilo colonial barroco permanece em algumas residências da cidade de Taquari nos dias atuais.

A terceira hipótese explica-se pelo fato de que continua em pleno funcionamento na cidade de Taquari a Irmandade São José, que realiza todos os anos no mês de março nove dias de novena em honra ao padroeiro São José e uma procissão sempre no dia 19 de março, seguida de comemoração festiva também em honra ao padroeiro da cidade. A Irmandade São José é um grupo religioso formado somente por homens, que reverencia o culto à São José. Outros costumes religiosos são praticados em nas comunidades de Taquari e Paverama, como a reza do terço, os grupos de oração, a visita da capelinha à residências, a procissão de Corpus Christi e a festa das capelas em homenagem aos santos padroeiros. Na cidade de Taquari é realizada todos os anos no mês de agosto à romaria em louvor à Nossa Senhora da Assunção, que em 1988 teria aparecido à um grupo de jovens e pedindo a reunião de fiéis naquele local, o Rincão São José (bairro da cidade). Esta romaria reúne fiéis de várias cidades do estado.

Ainda em Taquari, é realizado no mês de dezembro o Natal Açoriano em Terra Gaúcha, que encena o nascimento de Jesus e a chegada dos primeiros colonos açorianos na cidade. Todos esses costumes religiosos possibilitam aos descendentes reviver aspectos da cultura de seus antepassados.

Referente a quarta hipótese, os elementos da cultura, oriundos da imigração/colonização açoriana não foram simplesmente repetidos, mas sim atualizados, incorporando elementos da cultura rio-grandense. A cultura originária das Ilhas dos Açores desenvolveu-se no Rio Grande do Sul adaptadas às novas condições por aqui encontradas. Podemos citar como exemplo a utilização do peixe já mencionados na segunda hipótese, como nos Açores era pescado no mar, no Rio Grande do Sul e mais específico no caso de Taquari passou a ser retirado do rio (rio Taquari), assim temos uma atualização e a incorporação de um elemento rio-grandense (o rio).

Em relação à isto exemplificamos, usando autores como Geertz (1989), Santos (1994), Barth (1998), Burke (2003) e Silva (2008), reafirmamos que a cultura não é estática, parada e morta, muito pelo contrário, a cultura é um processo dinâmico e em constante transformação. Diante disso constatamos que os primeiros colonos açorianos não estavam isolados, conviviam com outras etnias, principalmente os alemães e os italianos em uma pequena minoria. Os autores, Henrique Oscar Wiedersphan (1979), João Borges Fortes (1999), Cleusa Maria Gomes Graebin (2004), Nilda Rita Alves dos Santos (2007) entre outros, destacam que os açorianos mesmo não recebendo inicialmente as terras, as sementes e as ferramentas necessárias para plantio, não desistiram diante das adversidades impostas. De forma batalhadora e com simplicidade fizeram com que os seus costumes, a sua cultura se mantivesse e perpetuasse.

A cultura açoriana transformou-se, não permanecendo intacta, sendo que isto não significou perda de traços culturais. Neste sentido enfocamos o teórico José Luiz do Santos (1994, p. 47) que destaca que “nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental. No entanto, às vezes fala-se de uma cultura como se fosse um produto, uma coisa com começo, meio e fim, com características definidas e um ponto final”.

Através deste trabalho podemos perceber que todos os elementos culturais por nós relatados, religiosidade, alimentação e arquitetura açoriana não foram simplesmente repetidos no Rio Grande do Sul, foram sim atualizados, complementando-se com outros aspectos culturais encontrados em solo rio-grandense. E são esses aspectos que possibilitam a continuidade da cultura açoriana nos seus descendentes diretos ou indiretos nas comunidades por nós estudadas. As irmandades religiosas, as procissões, a reza do terço, os oratórios e altares internos das residências, as encenações natalinas e pasqualinas, a alimentação típica açoriana e a arquitetura barroca colonial (luso-açoriana) juntas proporcionam a continuidade da cultura açoriana.

Em relação às entrevistas, gostaríamos de ressaltar que tivemos a oportunidade de conhecer melhor a cultura açoriana, a qual constatamos estar enraizada nas comunidades de Taquari e Paverama. Através da análise dessas entrevistas chegamos a conclusão de que as pessoas mais idosas devem ser ouvidas para que as futuras gerações conheçam a rica história que temos e para que isso seja preservado e jamais se perca.

A religiosidade nos dias atuais tornou-se uma forma de comunicação e entretenimento entre as famílias e as comunidades, pois ela envolve dois aspectos, o religioso (culto, liturgia) e o profano (as festas, brincadeiras, a música). Ao concluir essa pesquisa fica a certeza de que a cultura açoriana continua presente na atualidade através dos vários aspectos que a formam.

10 FONTES

- Documentais

ATA de 29/05/1808-Ata da Irmandade São José. **Casa Paroquial**. Taquari, 1806 [abertura do livro]. P.52

ATA de 19/03/1968-Ata da Irmandade São José. **Casa Paroquial**. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.185

ATA de 24/06/1992-Ata da Irmandade São José. **Casa Paroquial**. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.261-262

ATA de 14/12/1993-Ata da Irmandade São José. **Casa Paroquial**. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.263-264

ATA de 15/03/1998-Ata da Irmandade São José. **Casa Paroquial**. Taquari, 1806 [abertura do livro]. p.277

EK-Entrevista K realizada em 31 de março de 2007. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 20 min, Paverama/RS.

EA- Entrevista A realizada em 27 de maio de 2009. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 45 min, Paverama/RS.

EG- Entrevista G realizada em 05 de outubro de 2009. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 25 min, Taquari/RS.

EN- Entrevista N realizada em 19 de outubro de 2009. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 25 min, Paverama/RS.

ER- Entrevista R realizada em 09 de maio de 2009. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 60 min, Taquari/RS.

EW- Entrevista W realizada em 10 de outubro de 2009. Gravação em fita mini-cassete. 1 fita de 60 min, Taquari/RS.

FOTOGRAFIAS – Imagem e procissão em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes. **Jornal O Fato Novo**. Taquari, 30 de janeiro de 2009, Capa e 06 de fevereiro de 2009, Capa.

FOTOGRAFIA - Procissão em honra ao padroeiro São José . **Jornal O Fato Novo**. Taquari, Capa, 20 de março de 2009.

FOTOGRAFIA – Tapetes de Corpus Christi confeccionado pela Escola Estadual de Ensino Médio Barão do Ibicuí. **Jornal O Fato Novo**. Taquari, 12 de junho de 2009, p.10.

FOTOGRAFIA – Tapetes de Corpus Christi em Taquari. **Jornal O Fato Novo**. Taquari, 19 de junho de 2009, Capa.

GOERCKT, Balduino. Irmãos que compõem a Irmandade São José. Taquari/RS, 1998. 1 fotografia, color., 13 cm x 18 cm. Acervo particular.

MAPA das localidades do litoral do continente de São Pedro – 1780. Disponível em: www.comunidadesacorianas.org. Acesso em: 19 de setembro de 2009.

MAPA da Ilha dos Açores. Disponível em: www.acores.com. Acesso em: 19 de setembro de 2009.

MAPA da localização dos Açores. Disponível em: WWW.guiageo-portugal.com/acores-mapa.htm. Acesso em: 19 de setembro de 2009.

O AÇORIANO de 22/08/2008 - Milhares demonstram fé em Nossa Senhora da Assunção sob chuva. **Jornal O Açoriano** 22/08/2008. p. 13

O AÇORIANO de 28/03/2008 - Domingo, a igreja relembra os 20 anos das aparições de Nossa Senhora da Assunção. **Jornal O Açoriano** 28/03/2008. p.10

O AÇORIANO de 13/03/2009 - Taquari reverencia o seu padroeiro. **Jornal O Açoriano** 13/03/2009. p.15

O AÇORIANO DE 20/03/2009 – Comunidade prestigia o último dia de festa do Padroeiro São José. **Jornal O Açoriano** 20/03/2009. p. 3

O AÇORIANO de 12/06/2009 - Criatividade e Religiosidade na procissão de Corpus Christi. **Jornal O Açoriano** 12/06/2009. Caderno Cafezinho

O FATO NOVO de 15/08/2008 - Romeiros se preparam para percorrer 3,5 Km motivados pela fé. **Jornal O Fato Novo** 15/08/2008. p.04

O FATO NOVO de 22/08/ 2008 - Muitos fiéis anteciparam o trajeto por causa da chuva. **Jornal O Fato Novo** 22/08/2008. p.07

O FATO NOVO de 19/12/2008 - Mais uma noite para a história do Natal Açoriano em Terra Gaúcha. **Jornal O Fato Novo** 19/12/2008. p. 04, 05 e 07

O FATO NOVO de 30/01/2009 – Domingo é dia da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. **Jornal O Fato Novo** 30/01/2009. Capa

O FATO NOVO de 06/02/2009 – Pelo rio Taquari, fiéis rezam para Navegantes. **Jornal O Fato Novo** 06/02/2009. Capa

O FATO NOVO de 17/04/2009 – Sexta-feira Santa teve encenação da Paixão de Cristo. **Jornal O Fato Novo** 17/04/2009. p.07

O FATO NOVO de 12/06/2009 - Alunos do Ibicuí fazem tapetes de Corpus Christi. **Jornal O Fato Novo** 12/06/2009. p.10

O FATO NOVO de 19/06/2009 – Tapetes de Corpus Christi atraem muitas pessoas ao Centro. **Jornal O Fato Novo** 19/06/2009. Capa

O FATO NOVO de 13/03/2009 - Procissão em honra a São José será na quinta-feira. **Jornal O Fato Novo** 13/03/2009. p.08

O FATO NOVO DE 20/03/2009 – Procissão em honra ao padroeiro São José. **Jornal O Fato Novo** 20/03/2009. Capa

O FATO NOVO de 14/08/2009 - Devotos de Assunção prometem fazer caminhada. **Jornal O Fato Novo** 14/08/2009. p.07

O FATO NOVO de 21/08/2009 - Fiéis fizeram a sua própria romaria mostrando a fé em Assunção. **Jornal O Fato Novo** 21/08/2009. p.10

PAVERAMA EM FOCO de 12/06/09 - Cenáculo de Maria confecciona tapete em homenagem a Corpus Christi. **Jornal Paverama Em Foco** 12/06/09. p. 11

PAVERAMA EM FOCO de 30/10/09 - Religiosidade e devoção na procissão em homenagem à Padroeira Nossa Senhora do Rosário. **Jornal Paverama Em Foco** 30/10/09. p.4

REI D. João V. Nota de rodapé. Disponível em: www.wikipedia.com.br. Acesso: 2 de novembro de 2009.

SILVA, Cleidirose. Altar interno em uma residência no bairro centro. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 10 cm x 11 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Campanário da Capela São José. Paverama/RS, 30 mar. 2007. 1 fotografia, color., 15 cm x 10 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Capelinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Igreja São José. Taquari/RS, 12 jun. 2009. 1 fotografia, color., 18 cm x 23 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Casas comerciais. Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Fachada em recuperação de uma mansão açoriana em estilo barroco colonial (luso-açoriano). Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Igreja São José. Taquari/RS, 12 jun. 2009. 1 fotografia, color., 18 cm x 23 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Imagem da Padroeira de Paverama – Nossa Senhora do Rosário. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 16 cm x 18 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Imagem de São José esculpida em madeira. Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 16 cm x 16 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Parte externa e interna da Capela São José. Paverama/RS, 30 mar. 2007. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Parte externa e interna da Igreja São José. Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

SILVA, Cleidirose. Tapetes e procissão de Corpus Christi. Paverama/RS, 12 jun. 2009. 1 fotografia, color., 15 cm x 10 cm. Acervo particular.

VALE do Taquari: banco de dados regionais. Disponível em: <http://www.univates.br/bdr>. Acesso em: 12 de outubro de 2009.

-Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ÁLBUM comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2º Ed. Porto Alegre: Livraria Sulina.

BACEDONIO, Paulo; SOARES, Antonio. **Poetas Açorianos e gaúchos: edição comemorativa dos 255 anos do povoamento açoriano-1752-2007**. Porto Alegre: caravela, 2007.

BALÉM, João Maria. A Paróquia de São José de Taquari. Porto Alegre: [s.n.], 1949.

_____. A Igreja Católica no Rio Grande do Sul até 1912: sua evolução geral. In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia Rio-Grandense: O Rio Grande Antigo**. Canoas: Editora Regional Ltda, 1956. p.3-21.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. Os açorianos no Rio Grande do Sul. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel; BRITO, Gabriela Martins de (Org.). **Arquitetando Santo Amaro a partir de suas raízes**. Venâncio Aires: Traço, 2008. p.129-135

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BECKER, Augusto. **Taquari, terra da gente**. Santa Cruz do Sul: Gráfica e Editora SD, 2001.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CARVALHO, Vera Regina. Da ilha dos Açores à freguesia de Taquari: uma trajetória dos imigrantes açorianos no continente do Rio Grande. In: **Estudo e Debate**, Lajeado, volume 9, n.1, semestral, 2002. p.39-57.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelson. **A cidade colonial no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 262-324.

CHRITILLINO, Cristiano Luís. **Estranhos em seu próprio chão: O processo de apropriação e expropriação de terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**

(**O Vale do Taquari no período de 1840-1889**). 2004. 374f. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, São Leopoldo, 2004.

COSTA, Elmar BONES; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo. **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

FARIA, Octávio Augusto de. **Monografia do município de Taquari**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, [1913] 1981.

FELIX, Loiva Otero. **História & memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FERRI, Genuino Antônio. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado, RS: Grafen Gráfica Editora, 1991.

FORTES, João Borges. **Os casais açorianos: presença lusa na formação sul-riograndense**. 3ª Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, [1932]1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Sonhos, disillusiones e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro**. 2004. 325 f. Tese. (Doutorado em História) – UNISINOS, São Leopoldo, 2004.

_____. Vida cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminhos. In: BOEIRA, Nelson (coord.). **História do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2006. V. 1. p. 203-223.

GOMES, Vanderlisa Ferreira. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. 121f. Monografia (Graduação em História)-Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

GOERCKT, Balduino. **Taquari após retorno à vida democrática no Brasil em 1947: Legislação: 1ª lei-1º decreto - fatos relevantes, curiosos e pitorescos**. Lajeado: Fortgraf, 2009.

HALL, Stuart. [Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro]. **A identidade cultural na a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

JUNG, Flávio Nirceu. **Paverama: Fatores de sua Emancipação**. 2001. 116f. Monografia (Especialização em História)-Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari-Rio Grande do Sul**. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento)-Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta**. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). (Re) introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996. p. 33-47.

LAZZAROTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Arquitetura luso-brasileira. In: BERTUSSI, Paulo Iroquez [et al.]. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 53-94.

MORAES, Maria Jaqueline de. Balneário Pinhal: Resgatando suas raízes açorianas e fazendo sua história. In: ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre: ed. Caravela, 2007. p.122-126.

NORONHA, Luísa. A presença açoriana no Brasil e no Uruguai. In: ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre: Ed. Caravela, 2007. p.11-12.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

RAMIREZ, Hugo. **Paradigmas da açorianidade no Rio Grande do Sul: a obra pioneira dos lusodescendentes**. Porto Alegre: Editora Caravela, 2005.

ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre: Editora Caravela, 2007.

SANTOS, Danilo Assumpção. Os açorianos em Alegrete. In: ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre: Ed. Caravela, 2007. p. 101-116.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14 ed. São Paulo, [1949] 1994.

SANTOS, Nilda Rita Alves dos. Taquari-Primeira cidade açoriana. In: ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre, 2007, p.39-71.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e a educação. In: _____ (Org.). **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o futuro, TV Escola, SEED, MEC, 2008. p.7-11.

SILVA, Riograndino da Costa e. **São José de Taquari-A história da minha terra**. Porto Alegre: Edições Flama, 1972.

STEPHANOU, Aura Maria Alves Teixeira. Origens étnicas de Mostardas. In: ROCHA, Santa Inéze Domingues da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul-Brasil II**. Porto Alegre, 2007. p.85-100.

TAVARES, Mauro Dillman. **Irmandades, Igrejas e devoção no sul do Império do Brasil**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, Oikos, 2008. (Coleção Biblioteca Histórica do Rio Grande do Sul).

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979.



ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

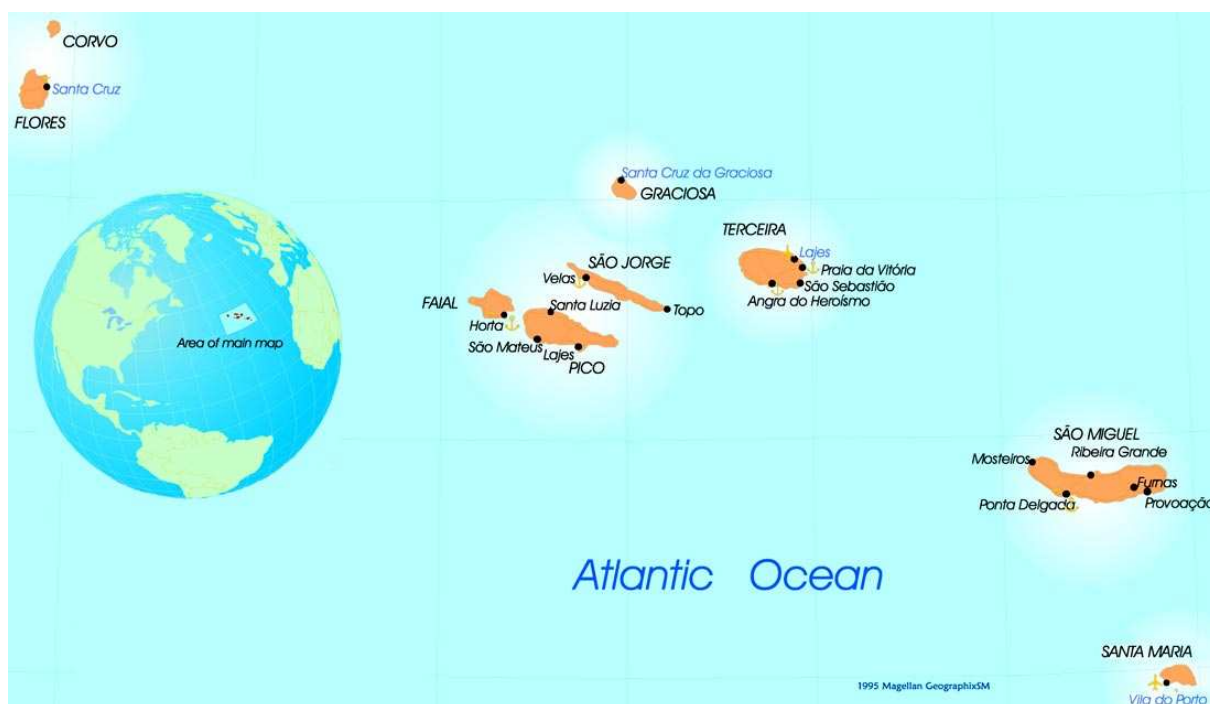
ANEXO 1 – Mapa da Ilha dos Açores	115
ANEXO 2 – Mapa da localização dos Açores	116
ANEXO 3 – Mapa das localidades do litoral do continente de São Pedro - 1780.....	117
ANEXO 4 – Mapa sobre a colonização no Rio Grande do Sul em 1950.....	118
ANEXO 5 – Mapa da colonização no Vale do Taquari.....	119
ANEXO 6 – Fotografia da procissão em honra ao padroeiro São José	120
ANEXO 7 – Fotografia digitalizada da Igreja São José de Taquari	121
ANEXO 8 – Planta de uma casa rural açoriana.....	122
ANEXO 9 – Planta de uma casa urbana açoriana	123
ANEXO 10 – Fotografias de casas comerciais em estilo barroco colonial	124
ANEXO 11 – Fotografia da fachada em recuperação de uma casa na cidade de Taquari em estilo barroco colonial	125
ANEXO 12 – Fotografias da parte externa e interna da Igreja São José de Taquari em estilo barroco colonial.....	126
ANEXO 13 – Fotografia da imagem de São José esculpida em madeira doada pelo rei de Portugal D. José	128
ANEXO 14 – Fotografias da parte externa e interna da Capela São José em estilo barroco na localidade de Santa Manoela, interior de Paverama	129

ANEXO 15 – Fotografia do campanário e parte lateral do telhado (sem torre) da Capela São José de Paverama, comprovando o estilo barroco	131
ANEXO 16 – Traçado da planta urbana da cidade de São José de Tebiquary (hoje Taquari).....	132
ANEXO 17 – Rancho de taipa sul-rio-grandense	133
ANEXO 18 – Fotografia dos irmãos da Irmandade São José	134
ANEXO 19 – Reportagem do jantar oferecido em uma das 9 noites da novena de São José em Taquari.....	135
ANEXO 20 – Reportagem da Festa de São José organizada pela Irmandade São José, onde Taquari reverencia seu padroeiro.....	136
ANEXO 21 - Fotografia de um altar interno em uma residência no centro da cidade de Paverama.....	137
ANEXO 22 – Fotografia de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Paverama.....	138
ANEXO 23 – Fotografia da capelinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima	139
ANEXO 24 – Reportagem da procissão em homenagem a Santa Padroeira de Paverama Nossa Senhora do Rosário	140
ANEXO 25 – Fotografias da procissão de Corpus Christi em Paverama.....	141
ANEXO 26 – Reportagem e fotografia mostrando os tapetes de Corpus Christi em Taquari.....	142
ANEXO 27 – Reportagem retratando o tapete de Corpus Christi confeccionado pelo movimento do Cenáculo de Maria em Paverama	143
ANEXO 28 – Fotografia do tapete de Corpus Christi confeccionado pela Escola Estadual de Ensino Médio Barão do Ibicuí em Taquari	144
ANEXO 29 – Reportagem mostrando a Romaria de Nossa Senhora da Assunção em Taquari	145
ANEXO 30 – Reportagem mostrando a fé das pessoas em Nossa Senhora da Assunção	146
ANEXO 31 – Reportagem mostrando a encenação do Natal Açoriano em Taquari	147

ANEXO 32 – Fotografia da imagem e procissão em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes em Taquari	149
ANEXO 33 – Reportagem mostrando a encenação da Paixão de Cristo (Sexta-feira Santa) em Taquari.....	150

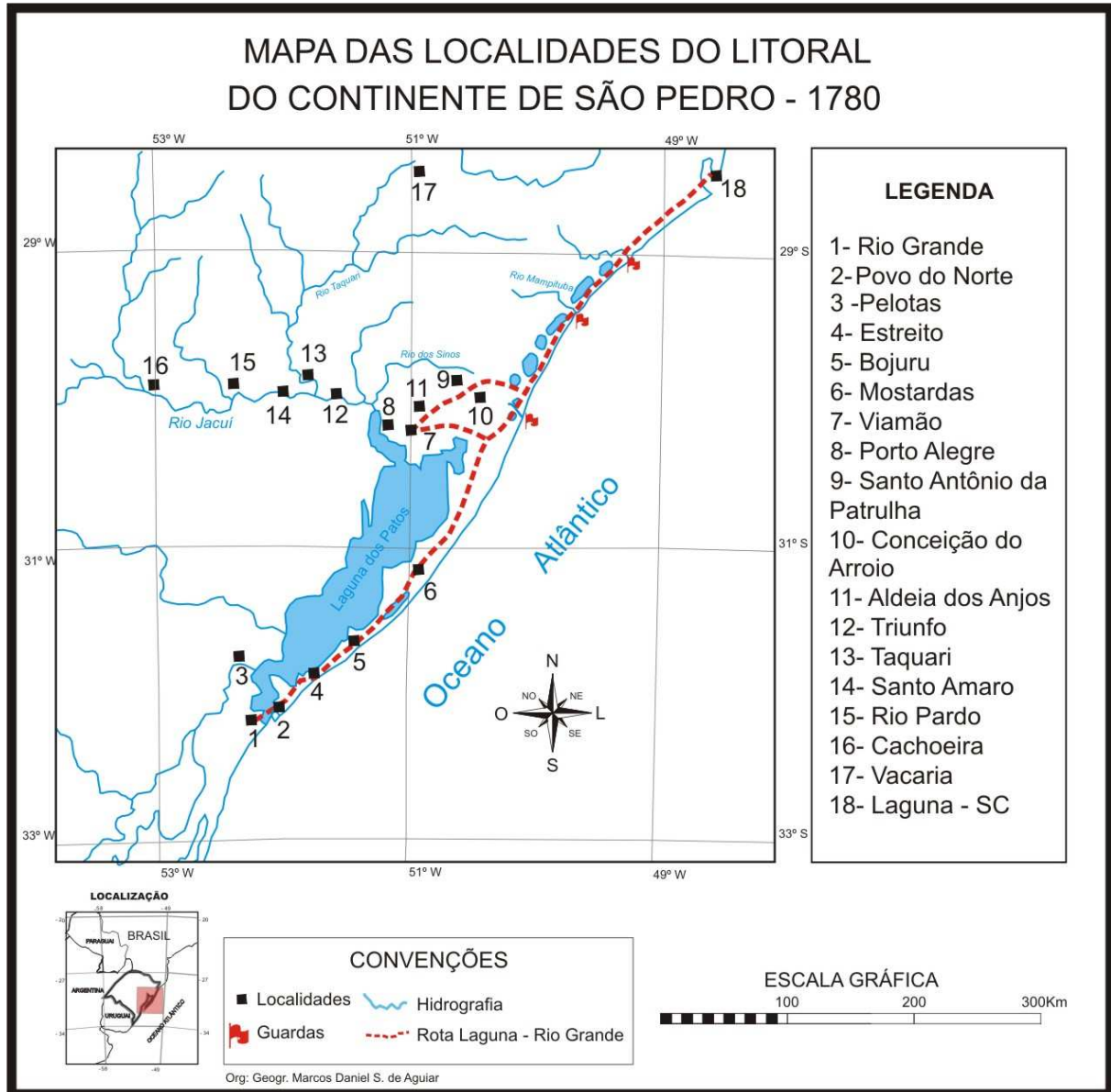


ANEXO 1 - Mapa da Ilha dos Açores.



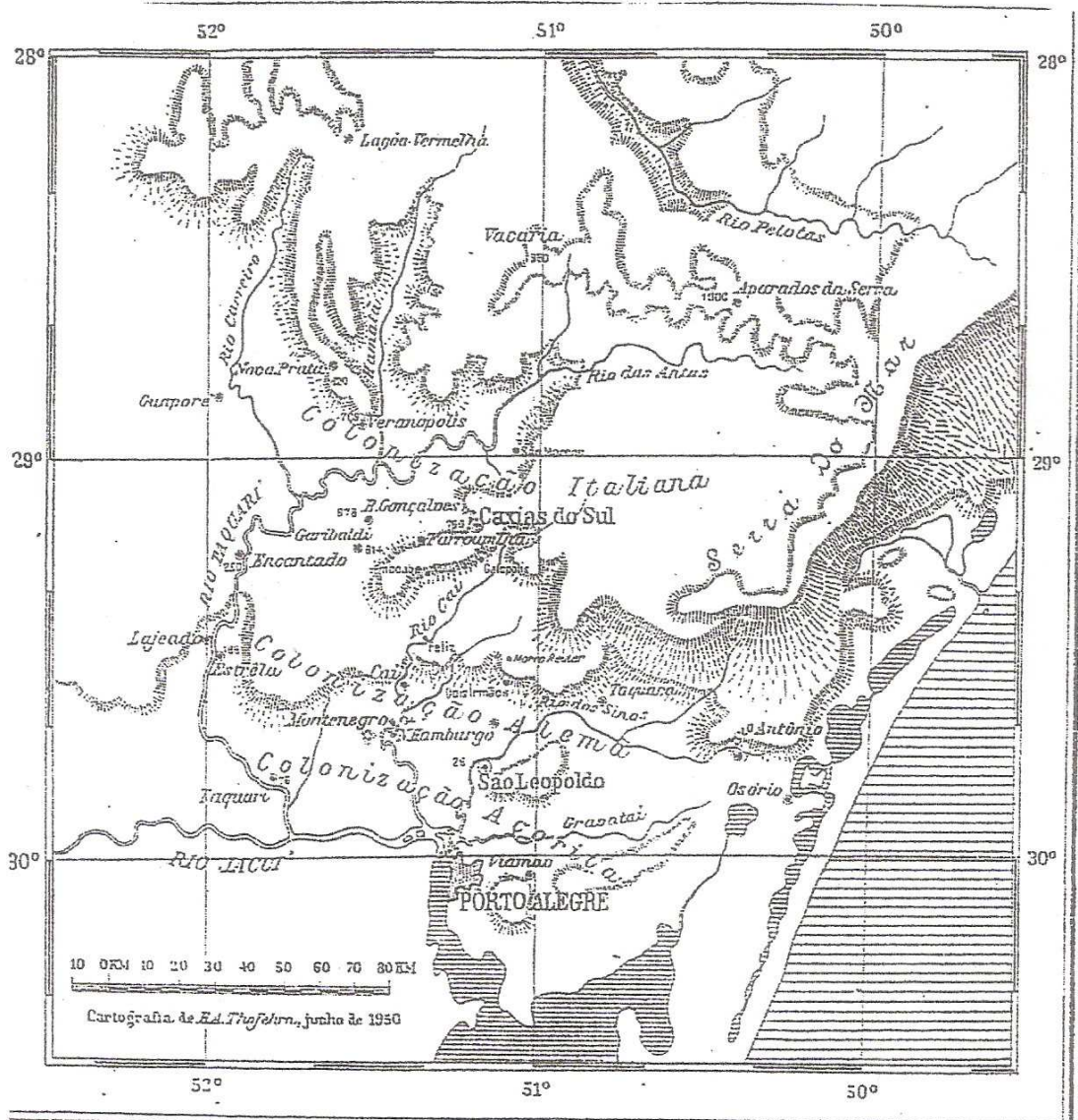
Fonte: WWW.acores.com (acessado em 19 de setembro de 2009).

ANEXO 3 - Mapa das localidades do litoral do continente de São Pedro – 1780.



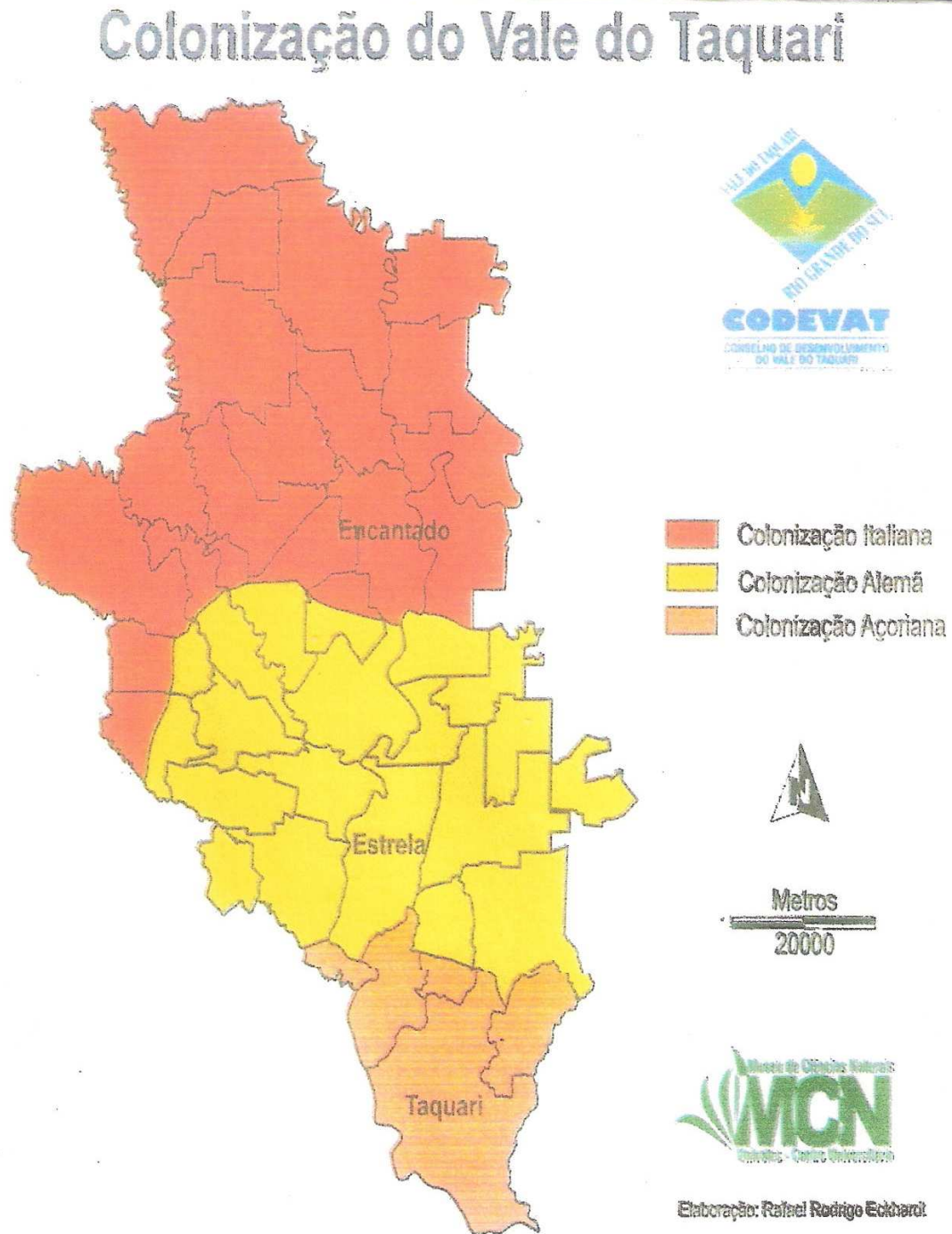
Fonte: Marcos Daniel S. de Aguiar (2006). In: WWW.comunidadesacorianas.org (acessado em 19 de setembro de 2009).

ANEXO 4 - Mapa sobre a colonização no Rio Grande do Sul em 1950.



Fonte: Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul (p. 63).

ANEXO 5 - Mapa da colonização no Vale do Taquari.



Fonte: Vale do Taquari – Banco de Dados Regionais da Univates

ANEXO 6 - Fotografia da procissão em honra ao padroeiro São José (herança cultural açoriana preservada em Taquari).

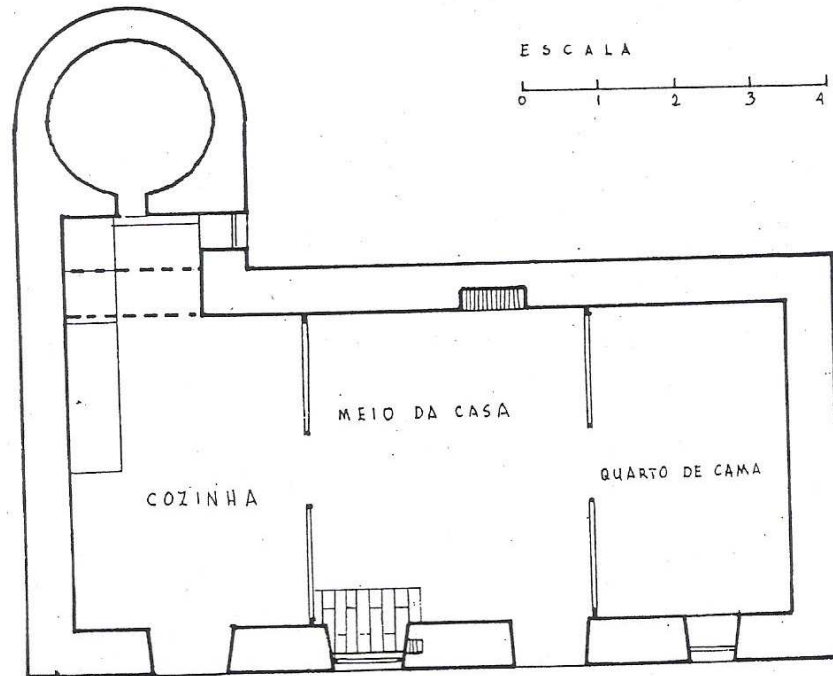


ANEXO 7 – Fotografia da Igreja São José de Taquari, contemporânea dos primeiros colonizadores açorianos.



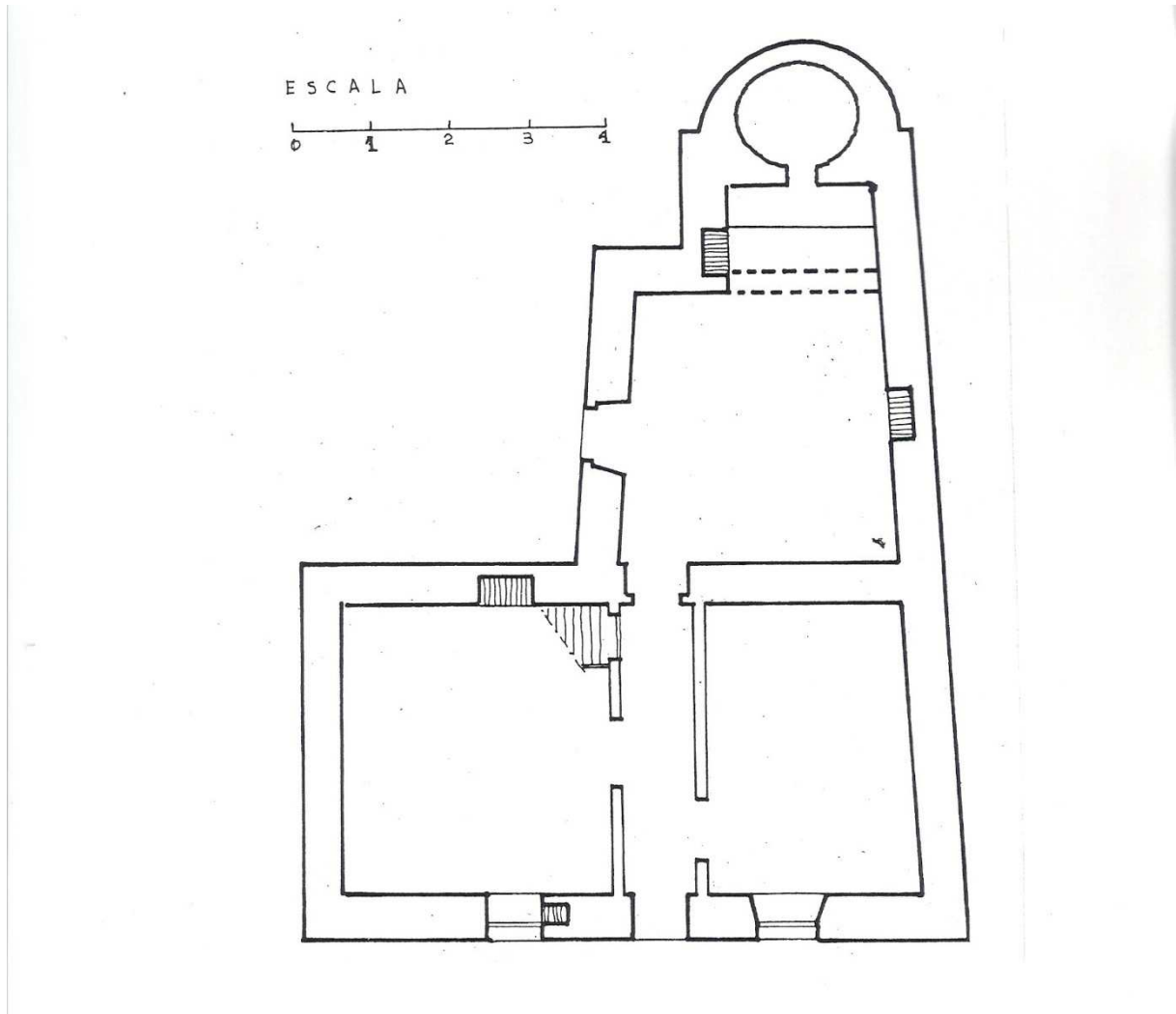
Fonte: SILVA, Cleidirose. Igreja São José. Taquari/RS, 12 jun. 2009. 1 fotografia, color., 18 cm x 23 cm. Acervo particular.

ANEXO 8 – Planta de uma casa rural açoriana.



Fonte: MACEDO (1983, p. 68).

ANEXO 9 – Planta de uma casa urbana açoriana.



Fonte: MACEDO (1983, p. 69)

ANEXO 10 – Fotografias de casas comerciais em estilo barroco colonial, que remete à cultura açoriana em Taquari (Casa do Artesão e Bar e Lancheria Gaúcho).



Fonte: SILVA, Cleidirose. Casas comerciais em estilo barroco colonial (luso-açoriano). Taquari/RS, 10 out. 2009. 2 fotografias, color., 8cmx15 cm. Acervo particular.

ANEXO 11 – Fotografias de uma Fachada em recuperação de uma mansão açoriana em estilo barroco colonial.



Fonte: SILVA, Cleidirose. Fachada em recuperação de uma mansão açoriana em estilo barroco colonial (luso-açoriano). Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

ANEXO 12 - Fotografias da parte externa e interna da Igreja São José de Taquari em estilo barroco colonial.





Fonte: SILVA, Cleidrose. Parte externa e interna da Igreja São José. Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

ANEXO 13 – Fotografia da imagem de São José esculpida em madeira doada pelo rei de Portugal D. José.



Fonte: SILVA, Cleidrose. Imagem de São José esculpida em madeira. Taquari/RS, 10 out. 2009. 1 fotografia, color., 16 cm x 16 cm. Acervo particular.

ANEXO 14 – Fotografias da parte externa e interna da Capela São José na localidade de Santa Manoela, interior de Paverama.





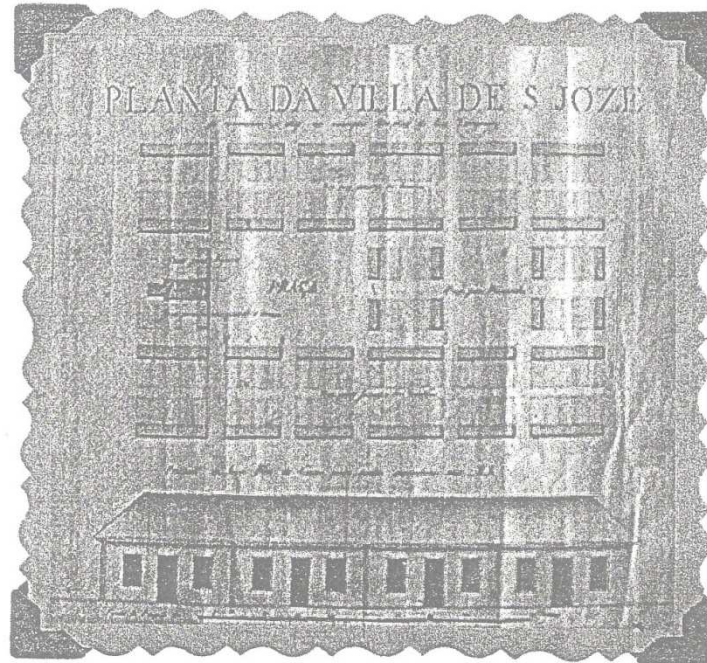
Fonte: SILVA, Cleidirose. Parte externa e interna da Capela São José. Paverama/RS, 30 mar. 2007. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

ANEXO 15 - Fotografias do campanário e da parte lateral do telhado (sem torre) da Capela São José de Paverama, comprovando o estilo barroco.



Fonte: SILVA, Cleidirose. Campanário da Capela São José. Paverama/RS, 30 mar. 2007. 1 fotografia, color., 15 cm x 10 cm. Acervo particular.

ANEXO 16 – Planta urbana da cidade de São José de Tebiquary (hoje Taquari).



ANEXO 17 – Rancho de taipa sul-rio-grandense.



ANEXO 18 – Fotografia dos membros da Irmandade São José (a única que existe em Taquari).



Fonte: GOERCKT, Balduino. Irmãos que compõem a Irmandade São José. Taquari/RS, 1998. 1 fotografia, color., 13 cm x 18 cm. Acervo particular.

ANEXO 19 - Reportagem do jantar oferecido em uma das 9 noites da novena de São José em Taquari.

O AÇORIANO - PÁGINA 03 GERAL SEXTA-FEIRA, 20/03/2009

Comunidade prestigia o último dia de festa do Padroeiro São José

Ontem aconteceu o encerramento das festividades do São José, Padroeiro de Taquari. Pela manhã, aconteceu a tradicional missa e procissão com a imagem do santo que saiu da frente da Igreja Matriz, indo em direção à rua Orvaldo Aranha, passando em frente da Secretaria da Saúde e seguindo até a rua 7 de Setembro até a Igreja São José.

No meio dia foi servido o almoço com churrasco, sendo a carne foi doada e assada pelo Figue Capitão Rodrigo. Centenas de pessoas estiveram prestigiando o almoço e à tarde estiveram dançando ao som da Banda Taquariense.

Durante o almoço foi feito o sorteio da cesta de páscoa, sendo que a menina Kahary, residente no Arroio das Pedras, foi a ganhadora. Na oportunidade os festeiros do próximo ano foram apresentados à comunidade, são eles: Gilmar Martins e

Antônio Martins, Eva Benta Castro dos Santos e Edmar Souza dos Santos. Além da comunidade, tivemos a presença dos deputados Marquinhos Lang, José Sperotto e do diretor do Baurisal, Valdir Andress.

O Prefeito Municipal e também festeiro deste ano, Ivo dos Santos Laurert agradeceu a presença de todos, salientando ter sido esta uma das melhores festas já feitas para homenagear o padroeiro.

Autoridades do meio político e social estiveram prestigiando o evento



Acima(E), está a família do festeiros Elvane e Jorge Pereira, que estiveram colaborando para o sucesso da festa, ao lado Ivo Laurert, acompanhados do Diretor do Baurisal Valdir Andress e do vereador do Deputado Renato Moling.

Capitão Rodrigo faz a doação de carne para o almoço



O Piquete Capitão Rodrigo como é tradicional, tem sob sua responsabilidade a preparação do churrasco, mas neste ano, além de preparar a carne, fez a doação da mesma para a realização da festa.

Ex-prefeito Prestigia o Almoço

O Ex-prefeito municipal Renato Baptista dos Santos esteve acompanhado de sua esposa Nair prestigiando o encerramento dos festejos do padroeiro de Taquari, São José.

Empolgado com a festa, Renato agradeceu aos organizadores da festa pelo excelente almoço que foi servido aos presentes.



Deputado José Sperotto (E), também marcou sua presença na festa do padroeiro de Taquari. Acima está a menina Kahary, ganhadora da cesta de páscoa.

ANEXO 20 - Reportagem da Festa de São José organizada pela Irmandade São José, onde Taquari reverencia seu padroeiro.

ALBARRÃO - PÁGINA 15 CAFEZINHO SEXTA-FEIRA, 13/03/2009

Taquari reverencia o seu padroeiro

Programação em honra a São José iniciou dia 10 e segue até quinta-feira, dia 19

Desde terça-feira, 10, a comunidade taquariense está envolvida com a programação da Festa de São José, o padroeiro do município. Na lista de nº 204, a organização está a cargo dos casais Tânia e Ivo Lautert e Eliane e Jorge Luis Pereira, juntamente com os freis da paróquia de São José.

Na primeira noite, ocorreu a abertura oficial da programação, intitulada Abertura e Significado da novena, em cerimônia na Igreja Matriz. Logo após, ocorreu o primeiro jantar (noite do peixe), organizado pelo Rotary Club, Lions Clube, ex-festeiros e a Pastoral Social.

Na quarta-feira o tema foi José, humilde e ouvido e os noveneiros foram o grupo da terceira idade da Opa, Terra Santa, Batutas da Orgia, Irmãos da Opa e Comunidade Nossa Senhora Aparecida. A programação encerrou com dança, no salão paroquial.

Ontem, dia 12, o tema da novena foi José, esposo de Maria e a organização da novena esteve a cargo dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, Leo Clube, Interact, Rotaract, Clube Júnior e Irmandade São José. O cardápio do jantar foi a base de massas.

A programação segue hoje e estende-se até o dia 19, quinta-feira, quando acontecerá o ápice do evento, com missa e procissão, às 9h30min, celebrada por Dom Paulo de Conto, bispo da nova diocese de Montenegro. Ao meio-dia haverá almoço no salão paroquial, a cargo do piquete Capitão Rodrigo, seguido de atrações artísticas e outras atividades.

Casais festeiros, Frei Arno (detalhe) e a igreja lotada




A programação

Hoje, dia 13
19h30min - Tema: José e a dimensão missionária da Igreja.
Noveneiros: esquiteiros, Cenáculo de Maria, Comunidade São Pedro e Grupo de Jovens.
Jantar 20h30min - 1ª Noite do Binge e do Pastel.

Dia 14, sábado
19h30min - Tema: José, Pai acolhedor.
Noveneiros: E.C. Finheiros, Comunidade N. Sr. das Dores, Ministros da Visitação e Ministros da Comunhão.
Jantar 20h30min - Noite do Bife.

Dia 15, domingo
19h30min - Tema: José, homem justo e pacífico.
Noveneiros: CIM, Apostolado da Gração, Tamoc, Agerianos do Asfalto, Adrenalina Moto Clube, Trimoto Clube, Comunidade N. Sr. da Assunção e N. Sr. das Graças.

Dia 16, 2ª feira
19h30min - Tema: São José e o ano estequético.
Noveneiros: CTG Palego Branco, Pastoral da Família e Comunidade Amoras.
Jantar, 20:30h - Noite da Ovelha e do Porco.

Dia 17, 3ª feira
19h30min - Tema: Maria e José, modelos de discípulos e missionários.
Noveneiros: bancários, magistério, CDL, comunid. Santo Antônio e religiosos.
Jantar, 20h30min - Buffet de cachorro quente.
Noite dos Talentos da Terra

Dia 18, 4ª Feira
19h30min - Tema: Evangelização Transformadora.
Noveneiros: Equipe de animações, Catequistas, comunidade Santa Cecília e Rádio Fraternidade.

Dia 19, 5ª feira - Festa de São José
9h30min, missa e procissão; 12h, almoço; à tarde, festejos populares.

Fonte: Jornal O Açoriano, 13 de março de 2009, p.15.

ANEXO 21 - Fotografia de um altar interno em uma residência no centro da cidade de Paverama. A imagem de devoção representada neste altar é da Padroeira do Brasil Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: SILVA, Cleidrose. Altar interno em uma residência no bairro centro. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 10 cm x 11 cm. Acervo particular.

ANEXO 22 – Imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira do município de Paverama



Fonte: SILVA, Cleidirose. Imagem da Padroeira de Paverama – Nossa Senhora do Rosário. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 16 cm x 18 cm. Acervo particular.

ANEXO 23 - Foto da capelinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, bairro Boa Esperança, município de Paverama.



Fonte: SILVA, Cleidirose. Capelinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Paverama/RS, 10 nov. 2009. 1 fotografia, color., 8 cm x 15 cm. Acervo particular.

ANEXO 24 - Reportagem da procissão em homenagem a Santa Padroeira de Paverama Nossa Senhora do Rosário.

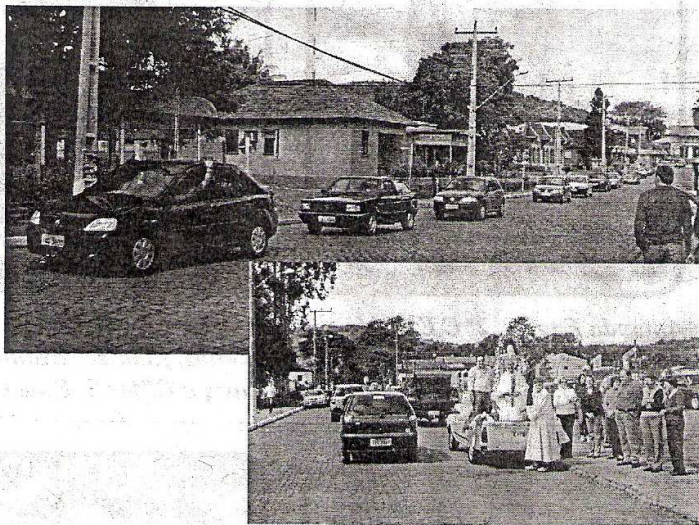
PAVERAMA EM FOCO

Sexta-feira, 30 de outubro de 2009

Religiosidade e devoção na procissão em homenagem à Padroeira Nossa Senhora do Rosário

No domingo, dia 18 de outubro, aconteceu a tradicional "Festa da Padroeira" na Comunidade Católica de Paverama. Neste ano a Paróquia Nossa Senhora do Rosário comemorou o seu 88º aniversário. No domingo aconteceu uma programação especial, com Missa Festiva, às 9 horas na Igreja Matriz e a seguir procissão pelas ruas centrais da cidade. Dezenas de automóveis e motos acompanharam a procissão. Ao meio dia foi servido almoço e a tarde ocorreu uma animada festa com as bandas Sensação do baile e Fama show.

Segundo o Pároco Lucas Weber: "É sempre um dia muito esperado. A festa é preparada com carinho, e no dia pela parte da manhã acontece a celebração eucarística com número bastante significativo de pessoas presente na igreja, e a seguir segue a procissão, que nos últimos anos é motorizada, quer dizer feita com desfile de veículos, que no final recebem a dispersão com água benta. Durante o dia nos festejos ocorre muita participação".



Fonte: Jornal Paverama Em Foco, 30 de outubro de 2009, p.4.

ANEXO 25 - Fotografias da procissão de Corpus Christi em Paverama.





Fonte: SILVA, Cleidirose. Tapetes e procissão de Corpus Christi. Paverama/RS, 12 jun. 2009. 1 fotografia, color., 15 cm x 10 cm. Acervo particular.

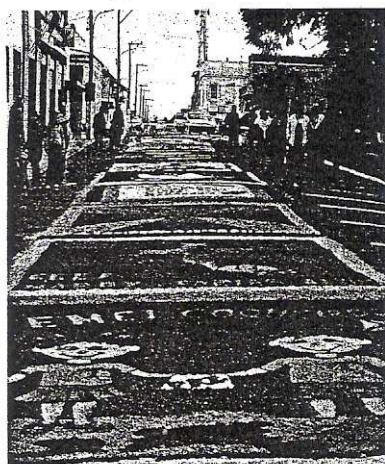
ANEXO 26 - Reportagem e fotografia mostrando os tapetes de Corpus Christi em Taquari.

Taquari, 12 de junho de 2009- CADERNO CAFEZINHO

Criatividade e Religiosidade na procissão de Corpus Christi

A manhã de ontem começou sombria, fechada, com nevoeiro e temperatura baixa. À tarde, o sol veio, amenizou a temperatura e colaborou para que centenas de pessoas participassem da tradicional procissão de Corpus Christi.

A movimentação começou cedo, com alunos, professores e voluntários nos preparativos dos tapetes coloridos, confeccionados de serragem, cascas de arroz e agasalhos. Ao todo, foram 36 obras de arte, das mais variadas cores, distribuídos uniformemente na rua Osvaldo Aranha, quadra em frente a prefeitura e na fachada da Igreja Matriz.



Foram confeccionados 36 tapetes, sendo que 30 deles foram utilizados serragem e os demais com agasalhos. A procissão foi conduzida pelo Frei Arno Guaragni.

Fonte: Jornal O Açoriano, 12 de junho de 2009, Caderno Cafezinho.



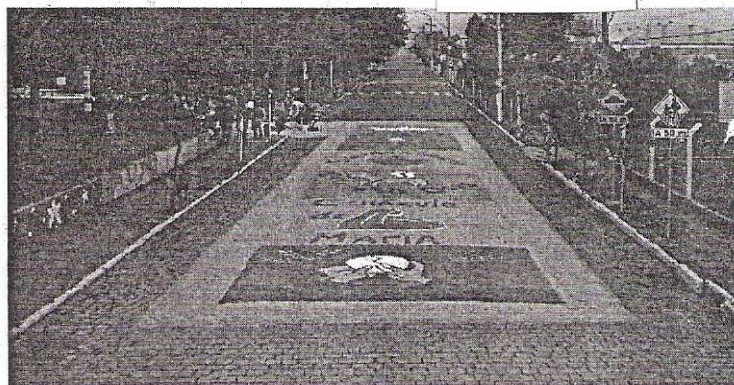
Fonte: Jornal O Fato Novo, 19 de junho de 2009, Capa.

ANEXO 27 - Reportagem retratando o tapete de Corpus Christi confeccionado pelo movimento do Cenáculo de Maria em Paverama.

PAVERAMA EM FOCO

Página 11

Cenáculo de Maria confecciona tapete em homenagem a Corpus Christi



O tapete foi confeccionado na rua Emiliano Dias Siqueira



Grupo responsável pela confecção do tapete

O grupo Cenáculo de Maria, movido pela fé e o amor em Cristo, iniciou na madrugada de ontem, 11, por volta das 4:30 hs, em frente a Igreja Matriz a confecção do tapete em homenagem ao Santíssimo Sacramento, que é a Eucaristia, o Sacramento do amor de Deus com os homens.

O grupo realiza esta magnífica obra desde o ano de 2003. Conforme os coordenadores, Lauro Lemes e Valderci Jantsch, os trabalhos iniciaram no dia 02 de junho com a pintura da serragem e envolveu 132 Cenantes até a finalização.

Fonte: Jornal Paverama Em Foco, 12 de junho de 2009, p.11

ANEXO 28 - Fotografia do tapete de Corpus Christi confeccionado pela Escola Estadual de Ensino Médio Barão do Ibicuí em Taquari.



ANEXO 29 - Reportagem mostrando a Romaria de Nossa Senhora da Assunção em Taquari

O AÇORIANO - PÁGINA 13

GERAL

SEXTA-FEIRA, 22/08/2008

Milhares demonstram fé em Nossa Senhora da Assunção sob chuva

O mau tempo não atrapalhou os milhares de fiéis que acompanharam no último domingo, dia 17, a romaria de Nossa Senhora da Assunção, no Rincão São José. Durante o percurso de 3,5km os devotos enfrentaram chuva, vento e frio para demonstração de fé à homenageada.

A 21ª edição da Romaria de Assunção iniciou às 14h com a procissão na igreja Nossa Senhora das Graças, local esse que foi ponto de encontro dosromeiros. Com muitos cantos, orações, demonstrações de fé e agradecimentos, os fiéis foram em procissão até o Santuário que leva o nome da Santa. Lá, sob forte chuva foi realizada a missa campal.

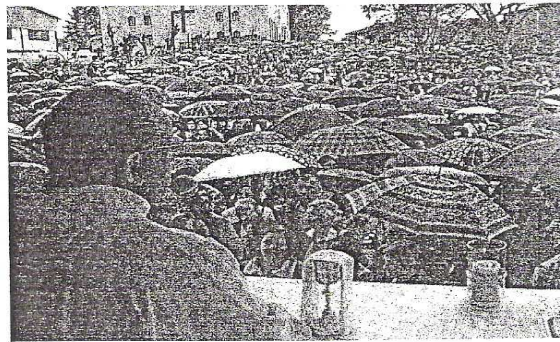
De pés descalços, a taquariense Rosane, e sua filha Érica Oliveira, fizeram o percurso. "Estamos agradecendo por uma bênção recebida e reforçando o pedido de saúde", contou Rosane, que ainda diz "particpei de todas as edições da Romaria e de agora em diante irei todos os anos descalça para agradecer por tudo que ela tem nos feito e ainda vai fazer".

Com apenas três anos e vestido de anjo o pequeno Henrique passava pelo Rincão

abençoando as pessoas, ou seja, fazendo jus ao que estava vestindo. "Trouxe ele assim para agradecer a Nossa Senhora da Assunção, porque os médicos diziam que eu não ia poder engravidar. Há três anos, vim e fiz o pedido e desde lá trago o meu menino junto. O Henrique está aí com toda saúde. Quer até abençoar as pessoas, está o tempo todo cantando e com as mãos levantadas", disse a dona de casa, Maria Saldanha que é da cidade de Nova Santa Rita.

Durante todo o trajeto o casal da cidade de São Jerônimo levou em suas mãos rosas que foram oferecidas à homenageada. "Estamos aqui só para agradecer e também para enfeitá-la com essas rosas", disse a secretária Rosane Silva.

Vindo da cidade de Dois Irmãos e já com os braços cansados, por estar carregando o seu filho de dez meses a dona de casa, Marilene Vargas parou para descansar. "Estou cansada, mas tenho que fazer todo o trajeto, isso não é nada em vista do que ela tem nos feito. Ano passado, estávamos enfrentando vários problemas na família viemos a Taquari na Romaria, fizemos os nossos



pedidos. Na semana seguinte as coisas já estavam todas se encaminhando e como não bastasse eu fiquei sabendo que estava grávida, foram muitas bênçãos de uma só vez", lembrou.

No ano passado, cerca de 40 mil fiéis de todo o Estado fizeram a caminhada com Assunção, que completou no mês de agosto, 21 anos de sua aparição.



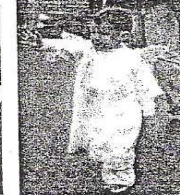
Caval veio de São Jerônimo, com rosas para a Assunção



Érica e Rosane, pés descalços



Marilene, de Dois Irmãos, com o filho ao colo, para agradecer



O pequeno 'anjo' abençoava, e conquistava, a todos

ANEXO 30 - Reportagem mostrando a fé das pessoas em Nossa Senhora da Assunção.



Devotos de Nossa Senhora da Assunção percorreram o caminho do Rincão como se estivesse acontecendo a Romaria

Fiéis fizeram a sua própria romaria mostrando a fé em Assunção

Tempo quente e ensolarado favoreceu a caminhada realizada por famílias de Taquari e de outros municípios

A fé foi muito maior do que o medo de contágio da nova gripe e muitos fiéis fizeram a sua própria romaria, no domingo, dia 16, ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção. O movimento na VRS-928 entre a Igreja Nossa Senhora das Graças e o Santuário foi singelo e, em pequenos grupos, as pessoas rezavam e agradeciam por suas graças. O tempo quente e ensolarado colaborou para a caminhada.

A 22ª edição da Romaria de Nossa Senhora da Assunção teve que ser cancelada, como medida preventiva contra a Influenza A (H1N1). Os organizadores acharam melhor fazer o cancelamento, evitando assim a grande aglomeração de pessoas, cuja maioria vem de outros municípios.

O aposentado Antônio Manoel Junqueira Lopes, 66 anos, fez o percurso sozinho. A família tinha feito a sua caminhada pela manhã e ele preferiu ir à tarde com a intenção apenas de agradecer. "Por estar presente todos os dias", completa. Lopes diz que não temeu contrair o vírus porque o risco está em todos os lugares.

Missa foi dentro do Santuário

Em vez de ao ar livre, a missa ocorreu dentro do santuário e teve a presença do frei João Sulzbach, ex-pároco de Taquari que organizava a romaria. A celebração foi presidida pelo frei Marinho Warken. Os fiéis lotaram o

Antônio Brandão de Vargas caminhou desde a sua casa, no bairro Leo Alvim Falck, até o Santuário. Nas mãos, levava flores para colocar junto à imagem de Nossa Senhora da Assunção. Ela conta que faz a caminhada todos os anos junto aos demaisromeiros e neste ano não deixaria de fazer.

A família de Manoela Martins da Silva também não deixou de fazer a caminhada neste ano. Ela saiu de casa pouco mais do meio-dia e foi encontrando os filhos e netos pelo caminho. Na caminhada estava sua bisneta, a pequena Ana Lívia, de seis meses, que acompanhou o percurso de carrinho.

De Barão do Triunfo, a família de José Antônio Mielczarski não se amedrontou com a questão da nova gripe. O grupo, de nove pessoas, fez o percurso entre as duas igrejas unido e sete deles caminharam de pés descalços. Mielczarski diz que cada um participou pedindo por suas próprias graças. "Peço pela saúde de meu filho e da minha família", diz.

A família sabia que o evento estava cancelado e não desistiu de vir ao município. No fim do trajeto, eles descansaram à sombra do Santuário e cuidaram dos pés, machucados por causa do asfalto quente.

santuário e alguns bancos precisaram ser colocados na rua para acomodar mais pessoas. Mesmo com a romaria cancelada, durante um mês, a imagem de Nossa Senhora da Assunção percorreu as comunidades de Taquari e Taboá.



Antônio Manoel Junqueira Lopes

Antônio Brandão de Vargas (D)



Família veio de Barão do Triunfo para pedir bênçãos à Assunção



Santuário ficou lotado para a missa

ANEXO 31 - Reportagem mostrando a encenação do Natal Açoriano em Taquari.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Música e Emoção na noite principal do 17º Natal Açoriano

Após a encenação da chegada dos povos e do nascimento de Jesus, a atenção da multidão voltou-se para o céu, com o show de fogos de artifício

Diante do palco, uma multidão aguardava por mais uma bela encenação do Natal Açoriano em Terra Galícia, enquanto que, por trás dos cenários, professores e estudantes se preparavam ansiosos para representar o nascimento de Jesus. A noite principal do evento, realizada no sábado, dia 13, atraiu um grande público até a Lagoa Armênia e a parceria deste ano, entre Pereira Coruja e Grupo Raízes, garantiu um diferencial ao evento.

O espetáculo começou com homenagens à lagoa e a Taquari. Alana Pereira cantou "Lagoa Armênia, de Matilde Pastre e, logo após, com um ritmo de valsas, Jackson Pereira interpretou Taquariense, de Cláudio Mércio Pereira, coreografado pelos dançarinos do Raízes. Ainda no momento da abertura, Mara de Jesus interpretou o Hino Rio-Grandense.

O surgimento dos índios, primeiros habitantes desta terra, anunciava o início da história da chegada dos povos. Em seguida, os refletores focalizaram as águas da lagoa, de onde vinha a pequena embarcação com os imigrantes açorianos. O povo dominante, entre eles os alemães, italianos e negros. Esta parte da noite principal foi marcada pela participação de Joceli da Rosa, que cantou Querência Amada.

Com os figurinos renovados, pois os anteriores foram perdidos no incêndio do início do ano, e com uma representação um pouco mais singela, a comunidade Pereira Coruja brilhou no noite do Natal Açoriano. O momento religioso, ápice do espetáculo, trouxe os estudantes Maria Eduarda Dias Flores e Jefferson Brandão como Maria e José. O nascimento do menino Jesus foi marcado por mais uma apresentação musical. Dirce Regner interpretou Noite Santa.

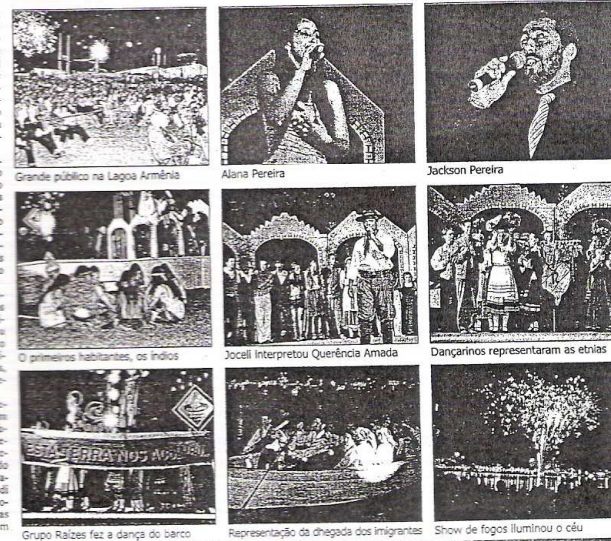
A encenação terminou com a queima de fogos, que é uma das tradições do Natal Açoriano. O público era grande ao redor de toda a lagoa nessa hora. Todos queriam apreciar tirar fotografias e até filmar o show pirotécnico. Por trás do palco da encenação, os professores, funcionários e alunos da comunidade Pereira Coruja se abraçavam e comemoravam mais uma missão cumprida e uma encenação que emocionou a plateia.

O espetáculo do Natal Açoriano agradou ao público de Taquari Amadense aos visitantes de outras cidades. Lívia Pereira, 50 anos, de Montenegro, prestigiou o evento pela primeira vez e achou tudo muito bonito. Para ela, que vive no município atendendo ao comércio familiar, o momento do nascimento do menino Jesus foi o mais marcante.

A nutricionista Maria Clara Lang Gregori, 45 anos, de São Jerônimo, também esteve no Natal Açoriano a convite de familiares. Para ela, três momentos do espetáculo foram os mais marcantes: a representação da chegada dos povos, o anúncio do nascimento de Jesus feito pelo anjo Gabriel e o show pirotécnico. "Me arrependi de não ter vindo antes", disse a nutricionista. Questionada se voltará nas próximas edições, Maria Clara foi enfática: "Com certeza", concluiu.



Momento mais emocionante da encenação: quando Maria apareceu com Jesus nos braços



Grande público na Lagoa Armênia | Alana Pereira | Jackson Pereira | Os primeiros habitantes, os índios | Joceli interpretou Querência Amada | Dançarinos representaram as etnias | Grupo Raízes fez a dança do barco | Representação da chegada dos imigrantes | Show de fogos iluminou o céu

ANEXO 32 - Fotografia da imagem e procissão em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes em Taquari.



Fonte: Jornal O Fato Novo, 30 de janeiro de 2009, Capa.



Fonte: Jornal O Fato Novo, 06 de fevereiro de 2009, Capa.

ANEXO 33 - Reportagem mostrando a encenação da Paixão de Cristo (Sexta-feira Santa) em Taquari.

O FATO NOVO | GERAL | SEXTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2009 - 07

Sexta-feira Santa teve encenação da Paixão de Cristo

Lagoa Armênia foi palco da representação dos últimos momentos de Jesus, o que emocionou público e atores

Em 10 de abril, Sexta-feira Santa, foi marcado por eventos religiosos. No período da tarde, a temperatura um pouco amena não impediu a participação dos fiéis na encenação do Senhor Morto, realizada na frente da Igreja de São José e foi até a Lagoa Armênia. Lá, a comunidade assistiu à encenação da Paixão de Cristo.

Homens, mulheres, crianças e adultos participaram da representação dos últimos momentos de Jesus Cristo. O espaço foi montado em um palco principal e secundários. Cerca de 53 voluntários participaram do espetáculo.

No casal, Maria Conceição e Luiz Brandão participaram da encenação há cerca de 20 anos. Eles afirmam que a encenação sempre grande. Neste ano, Maria Conceição fazia parte dos guardas que representavam o Reino de Jerusalém, já José Luiz era um dos guardas que teve a cabeça cortada e, posteriormente, encenada por Jesus. Ele lembra do momento da encenação assim: "Na hora que vemos Jesus da cruz e ele morto, parece real, é muito emocionante. Quando ele leva as chibatadas, parece que está machucado mesmo. Se ainda temos essa sensação imagino como foi na realidade naquela passagem", relata José Luiz.

Para Maria Conceição, participar é uma forma de servir à comunidade muito gratificante. "Para os católicos é um momento muito triste, mas de alegria ao mesmo tempo, o que se torna muito emocionante", frisa Maria Conceição.

A filha mais velha do casal, Juliana, também fez parte dos figurantes e o seu namorado fez um dos apóstolos. A família Brandão costuma participar sempre da representação. "A gente convoca toda a família", conclui Maria Conceição.

No espaço principal, foram encenadas as passagens mais marcantes da história: a Santa Ceia e o momento em que Jesus, interpretado por Ênio Renato, da cidade de Triunfo, é crucificado. A última estação encenada é a da colocação de Jesus morto no Santo Sepulcro. Duas mulheres dirigem-se ao túmulo mas o encontram aberto e, neste momento, o anjo anuncia a ressurreição de Cristo, que surge para todos.

A história foi narrada por Adão José de Castro e contou com a colaboração de André Correa Garcia (sonoplastia), Irmã Maria Lurdes (vestuário) e Augusto Becker (direção).



Ênio Renato (C) veio de Triunfo para representar Jesus Cristo